

Universidade Aberta



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Contributos dos Museus de Proximidade para a Formação e
Inclusão de Públicos Escolares Culturalmente Diversificados. O
Estudo de Caso do Museu Agrícola de Riachos, Torres Novas,
Portugal.

Manuel Joaquim Oliveira Henriques

Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais

2025

Universidade Aberta



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Contributos dos Museus de Proximidade para a Formação e
Inclusão de Públicos Escolares Culturalmente Diversificados. O
Estudo de Caso do Museu Agrícola de Riachos, Torres Novas,
Portugal.

Manuel Joaquim Oliveira Henriques

Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Paula Beja
Horta

2025

DECLARAÇÃO RELATIVA ÀS CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS



Attribution-ShareAlike 4.0 International

Contributos dos Museus de Proximidade para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diversificados. O estudo de Caso do Museu Agrícola de Riachos, Torres Novas, Portugal. © 2025 by Manuel Joaquim Oliveira Henriques is licensed under Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

DEDICATÓRIA

à Ana Maria

à Ana Lúcia e ao João Pedro.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado não é apenas o resultado de um esforço pessoal. Uma primeira nota de agradecimento para a Professora Doutora Ana Paula Beja Horta, pelas opiniões, sugestões e a sua confiança depositada no meu trabalho.

Agradeço a colaboração da Senhora Vice-Diretora e Curadora do Museu Agrícola de Riachos que, gentilmente, possibilitou a minha participação nas atividades.

Um agradecimento às Senhoras Professoras do Centro Escolar de Riachos, pela simpatia, disponibilidade, pela cedência de informação e pela partilha de perspetivas sobre o tema da educação.

Aos alunos dos 3º e 4º anos do Centro Escolar de Riachos, pela sua autenticidade e vivacidade. Obrigado!



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.^a série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.^a série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 15 de janeiro de 2025

Nome completo/Full name: Manuel Joaquim de Oliveira Henriques

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

RESUMO

O presente estudo pretende analisar as relações estabelecidas entre os museus de proximidade e as novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural. Mais especificamente, o estudo visa examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos (MAR), Torres Novas, para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diversificados.

A nível teórico, o trabalho sustenta-se no cruzamento de três principais paradigmas considerados de maior relevância para a investigação a realizar, nomeadamente, o atual debate sobre a museologia social e os seus impactos nos processos de formação e de inclusão de públicos-alvo escolares culturalmente heterogêneos. Acresce-se, a teorização sobre os processos de integração local e, também, o papel da educação como mediador de inclusão.

A metodologia adotada nesta pesquisa, elege o método de estudo de caso que conjuga várias técnicas de investigação, designadamente: 1. pesquisa bibliográfica e documental; 2. observação participante; 3. Entrevistas com a Curadora e Professoras; 4. Setenta e quatro questionários dirigidos aos alunos do 3º e 4º anos.

Os resultados da pesquisa revelam a apropriação do património cultural através das atividades formativas, mostram que o discurso do Museu incentiva os alunos a aceitarem as diferenças étnicas e culturais. A forma como a Curadora do Museu e as Professoras concebem o conhecimento e a aprendizagem é determinante para o modo como os alunos aprendem. Conclui-se que o Museu promove atividades diversificadas para os públicos-alvo, privilegiando a articulação com conteúdos programáticos curriculares escolares, demonstrando que a participação dos alunos contribui para o seu desenvolvimento e inclusão social.

Palavras-chave: Museus de Proximidade, educação, diversidade cultural, património cultural e inclusão social.

ABSTRACT

The present study aims to analyse the relationships established between local museums and new dynamics of integrating social and cultural diversity. More specifically, the study seeks to examine the contributions of the Museu Agrícola de Riachos (MAR), Torres Novas, to the education and inclusion of culturally diverse school audiences.

At a theoretical level, the work is based on the intersection of three main paradigms considered most relevant to the research: the current debate on social museology and its impact on the educational and inclusion processes of culturally heterogeneous school audiences, the theorization of local integration processes, and the role of education as a mediator of inclusion.

The methodology adopted in this research employs a case study method that combines various research techniques, namely: 1. Bibliographic and documental research; 2. Participant observation; 3. Interviews with the curator and teachers; 4. Seventy-four questionnaires directed at third and fourth-grade students.

The research results reveal the appropriation of cultural heritage through educational activities, showing that the museum's discourse encourages students to accept ethnic and cultural differences. The way the museum's curator and the teachers conceive knowledge and learning is crucial to how students learn. It is concluded that the museum promotes diverse activities for the target audience, favouring the articulation with school curriculum content, demonstrates that student participation contributes to their development and social inclusion.

Keywords: Proximity Museums, education, cultural diversity, cultural heritage, and social inclusion.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO RELATIVA ÀS CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	III
DEDICATÓRIA.....	IV
AGRADECIMENTOS	V
RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
ÍNDICE.....	IX
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	XIII
ÍNDICE DE TABELAS	XIV
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XVI
INTRODUÇÃO	1
1. CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1.1 Os Museus de Proximidade e comunidades	7
1.2 Todos no Museu. Do Multiculturalismo ao Interculturalismo.....	8
1.3 Museus como espaços de memória e de identidade	10
1.4 Das visitas às aprendizagens, um caminho a percorrer	12
1.4.1 Visitar para aprender	14
1.5 A democratização do acesso ao Museu.....	14
1.6 Um novo modo de pensar a prática museológica	16
1.7 Do Museu à Escola, de que relação falamos?.....	19
1.7.1 A pertinência do Serviço Educativo do Museu de Proximidade	20
1.7.2 O Museu como um meio de comunicação.....	22
1.7.3 A importância da parceria	24
1.8 A Função Social da museologia de compromisso	25

1.8.1	Para melhor ação educativa no Museu, melhores práticas docentes?.....	28
1.8.2	A inclusão de espaços interativos com programas educativos	29
2.	CAPÍTULO II - METODOLOGIA	31
2.1	A questão de partida e objetivos da pesquisa.....	32
2.2	Estudo de Caso.....	33
2.3	A definição (e escolha) e a delimitação do objeto de estudo	35
2.4	O tipo de amostra e a sua caracterização	37
2.5	Os instrumentos para a recolha de dados.....	38
2.5.1	As entrevistas semiestruturadas	39
2.5.2	O questionário.....	40
2.5.3	A observação participante	41
2.6	A complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa	43
2.7	Entrevista semiestruturada e o roteiro	44
2.8	Questões éticas.....	48
3.	CAPÍTULO III - O MUSEU AGRÍCOLA DE RIACHOS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA. ESTUDO DE CASO.....	49
3.1	O princípio de um Novo Museu: Para um novo pensar museológico	50
3.2	O princípio da mecanização agrícola e a germinação da ideia de um Museu	51
3.2.1	Um Museu de proximidade e de comunidade: Que relação?	52
3.2.2	Museu de proximidade para a promoção da interculturalidade.....	55
3.2.3	A comunicação no Museu: O diálogo com o público escolar.....	56
3.2.4	A comunicação através dos meios digitais	59
3.3	A educação museal como prática educativa para a inclusão	60
3.4	A ação museal no campo da intervenção social.....	61
3.4.1	O papel social do MAR: Os compromissos sociais que assume	64
3.4.2	A museologia social como recurso para a transformação do social	66

4. CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	70
4.1 Primeiro ponto de partida: Análise meso. MAR e Escola	71
4.1.1 O diálogo como prática educativa	71
4.1.2 As entrevistas	72
4.2 O Serviço Educativo	73
4.2.1 As parcerias com a Escola	73
4.2.2 O Museu como agente educativo da sua comunidade	74
4.3 Comunicação e divulgação museológica	74
4.3.1 Os meios de divulgação digitais	75
4.3.2 Objetivos pedagógicos para a educação patrimonial	76
4.4 Diversidade Cultural	77
4.4.1 A abordagem à diversidade cultural: todos no Museu	77
4.4.2 Por uma pedagogia intercultural como espaço de diálogo, de interação	78
4.4.3 O MAR: Um museu comunitário de proximidade ao Outro	79
4.5 O Discurso Museológico como construtor de significados	81
4.5.1 O discurso do museu em linha com o currículo escolar	81
4.5.2 A apropriação do património cultural para a inclusão	82
4.6 Oferta educativa para a Visita de Estudo	83
4.6.1 A preparação da visita	84
4.6.2 O valor educativo da visita	84
4.7 O papel do Museu como lugar de aprendizagem	85
4.7.1 O impacto da visita na aprendizagem	85
4.7.2 Visita ao Museu como exercício de cidadania	86
4.7.3 As novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural	87
4.8 Segundo ponto de Partida: Análise micro: Estudantes	88
4.8.1 Os alunos visitam o Museu	89

4.8.2	Valorização das diferenças.....	90
4.8.3	As perceções de Identidade, Património e Memória	93
4.8.4	Aprender com a visita de estudo.....	95
4.8.5	Depois da visita, a discussão em grupo	96
4.8.6	A visita de estudo como espaço de representação do Outro	98
4.8.7	A perceção da representação do conceito de integração.....	99
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO		102
BIBLIOGRAFIA		108
ANEXOS		112
Anexo I - Guião de entrevista à Coordenadora do Serviço Educativo		113
Anexo II - Declaração de Consentimento: Entrevista à Coordenadora do Serviço Educativo 117		
Anexo III - Guião de entrevista às Professoras do 1º CEB.....		119
Anexo IV - Declaração de Consentimento: Entrevistas às Professoras do 1º CEB.....		123
Anexo V - Questionário aos alunos dos 3º e 4º anos do 1ºCEB na visita de estudo ao Museu Agrícola de Riachos.....		125
Anexo VI - Declaração de Consentimento: Questionário aos alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB do Centro Escolar de Riachos		128

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 4.1 - Resposta dos alunos sobre a importância do local onde vivem	90
Gráfico 4.2 - A visita ao Museu ajuda a compreender melhor os outros, mesmo quando falam diferente de nós.....	92
Gráfico 4.3 - Compreender as informações dadas sobre os modos de vida rural, tradições, usos e costumes do local onde vivo.	94
Gráfico 4.4 - Compreender a importância de se preservar o património cultural.	95
Gráfico 4.5 - O que se aprende na visita para saber sobre a comunidade, como viveu e como era a sua cultura.	96
Gráfico 4.6 - A discussão colaborativa em grupo permite partilhar o que aprenderam na visita de estudo.	97
Gráfico 4.7 - Compreender quem pensa diferente de mim.....	99
Gráfico 4.8 - Aprender o que é questionar e interrogar sobre o que significa ser discriminado e não ser excluído.	100

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 - Distribuição do número de representantes do Museu, professores e alunos.....	38
Tabela 2.2 - Perfil dos entrevistados	40
Tabela 2.3 - Caracterização da entrevista semiestruturada.	47

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Museu Agrícola de Riachos.....	65
Figura 2 – Localização do Museu Agrícola de Riachos.....	66

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

ADPHNR – Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural de Riachos

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.)

CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

CER – Centro de Escolas de Riachos

ICOM – International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)

MAR – Museu Agrícola de Riachos

MINOM – Movimento internacional para uma Nova Museologia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

Os museus reconhecem hoje que as suas competências não se confinam apenas na função de preservar, conservar e expor, vão mais longe, ampliam as suas práticas museológicas e integram nestas ações as suas comunidades. Assim, a perceção de Museu como espaço de potenciais interações entre nós e os outros abre uma nova perspetiva sobre a diversidade, sugerindo que os museus se tornem lugares de formação e de diálogo social e intercultural. Neste sentido, o Museu tem-se constituído como um intermediário, onde as contribuições culturais das minorias devem ser expostas e compreendidas em resultado do crescimento de novos fluxos migratórios. Em consequência das novas realidades migratórias em Portugal, a implementação de políticas de integração, que datam desde a década dos anos noventa do século passado, têm sido de grande importância para responder às crescentes necessidades dos migrantes e da sua integração, quer a nível local, quer a nível nacional. Os primeiros passos para a decisão de uma política de integração de imigrantes e minorias regista o ano de 1996, com o aparecimento da figura do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas¹. O Alto Comissariado tem como missão o dever de promover a integração dos imigrantes e das minorias étnicas na sociedade portuguesa, e na definição de políticas de integração social e no combate à exclusão. O Decreto-Lei n.º 31/2014, de 27 de fevereiro, cria o Alto Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.) e aprova a orgânica deste instituto público que tem por missão a execução de políticas públicas no que respeita a migrações. Para além de se articular com outras entidades públicas com competências, seja na conceção, como no desenvolvimento de prioridades em matéria de política migratória, tendo em conta, o objetivo de combater todas as formas de discriminação sejam elas ao nível da cor, nacionalidade, origem étnica ou de religião.

É neste espaço museológico de artefactos, ideários de representatividade, de confrontação e de experimentação, de múltiplas interpretações e discursos diversificados que, na atualidade, se discute o papel dos museus na sua dimensão social e sobretudo educativa. A própria conceção de museu é educativa, na mediada em que o objetivo primeiro será contribuir para

¹ É a partir dos anos noventa do século passado que se registou um enorme aumento de estrangeiros a residir em Portugal, este facto, originou grande preocupação do Governo o que levou à implementação de uma estrutura para acompanhamento e integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.

o exercício da cidadania, proporcionando as condições de apropriação do seu património pelo cidadão. A proximidade que o Museu Agrícola de Riachos, doravante também designado por MAR, usufrui com a sua comunidade que o contextualiza permite-nos sugerir o termo “Museu de Proximidade” e, também, etnográfico e de tipologia comunitária. Ao tornar acessível o seu acervo, permite o contacto com o seu património cultural e local e, nesta experiência, o sujeito é levado à problematização, ao questionamento e à reflexão crítica. Procurar o conhecimento, a aprendizagem e a relação de saberes e valores, desenvolvidos neste espaço museológico, e que, no domínio de uma educação permanente, possa capacitar o indivíduo para a integração social e cultural e, também, para o exercício da cidadania (Santos, 2006).

Os museus desempenham um papel essencial na educação, evoluindo de depósitos de artefactos para instituições educativas e dinâmicas. A sua função vai além da mera transmissão de factos, procuram inspirar o pensamento crítico, a criatividade e uma compreensão profunda da história, arte, ciência e cultura. A partir deste ponto de vista, José Amado Mendes (2013) assume que os museus são espaços que se caracterizam por maior liberdade na aquisição de conhecimentos, onde não se verificam grandes constrangimentos, como na Escola, que caracteriza como local de aprendizagem mais formal e rígida.

O Museu é, em si, um lugar para a educação não formal e todas as atividades a ele pertencentes, sendo que a colaboração é fundamental na abordagem educativa, particularmente, as parcerias entre instituições educacionais capazes de fortalecerem as capacidades dos museus em oferecerem experiências de muita utilidade. Deste modo, os museus caracterizam-se por excelência, em espaços pedagógicos, espaços de divulgação do discurso, da formalização e consolidação das identidades (Nogueira, 2003).

O objetivo principal da investigação centra-se na relação entre museus de proximidade e diversidade cultural, tomando como objeto de estudo de caso o Museu Agrícola de Riachos, como museu local de tipologia comunitária. Para alcançar este objetivo, a presente investigação foi orientada no intuito de responder à pergunta de partida: Até que ponto o Museu Agrícola de Riachos (MAR) tem contribuído para a formação e inclusão dos públicos escolares social e culturalmente diversificados? Uma vez assumida esta realidade museológica inserida numa sociedade multicultural, torna-se imperativo, entender o papel do MAR na sociedade e na promoção da diversidade cultural. Em particular, perceber como o Museu Agrícola de Riachos desenvolve as suas estratégias de aprendizagem não formal

para os públicos escolares diferenciados que, por razão do seu lugar na sociedade, ocupam uma posição frágil ao nível das práticas culturais e das interações sociais. Todavia, a função educativa do MAR apresenta algumas questões que implicam certas reflexões, por exemplo, quando os alunos do Ensino Básico nas suas visitas ao Museu Agrícola de Riachos, o que vão aprender objetivamente? E de que modo adquirem esse conhecimento? E qual o papel dos alunos na apropriação deste conhecimento através de práticas distintas das usadas na escola?

A resposta a estas questões passa, decididamente, por uma avaliação constante aos programas e ações educativas, portanto, esta abordagem centrada na avaliação e melhoria contínua é fundamental para garantir a eficácia da função educativa dos museus. No âmbito da temática da investigação, é essencial o entendimento do tipo de aprendizagem que falamos: se uma aprendizagem no domínio dos conteúdos e/ou dos conceitos, se no domínio dos valores, princípios e comportamentos. Portanto, a educação no espaço museológico não se configura com a simples transmissão de informação, mas, segundo Cury (2013) “*no ambiente museal ensina-se e aprende-se a refletir sobre o património, a olhar para objetos e pensar sobre eles*” (p. 23). Ainda e segundo a autora, a educação, a partir do património é essencial para todos os cidadãos, na medida em que a aprendizagem referente à construção de valores patrimoniais sustenta-se numa atitude individual enquanto agentes das nossas memórias e identidades.

Com a presente investigação é nosso propósito compreender se neste contexto, O MAR proporciona as condições de participação para a aprendizagem não formal do público escolar, em particular, os filhos dos imigrantes a frequentar o Centro Escolar de Riachos, e se o Museu se assume, como espaço de educação através da apropriação do seu património cultural. Dado o compromisso do Museu com a prática de ações educativas, são assumidos os seguintes objetivos: (i) determinar e analisar as estratégias desenvolvidas nas aprendizagens não formais para a promoção da diversidade cultural, (ii) determinar a forma como o Museu operacionaliza as atividades formativas e incentiva o diálogo intercultural, (iii) determinar o modo como o Museu cumpre a sua função social e educativa.

A problemática central desta dissertação, remete, deste modo, para a reflexão sobre museus de proximidade e as novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural e como se reconfiguram com o impacto de novos contextos sociodemográficos e identitários por meio de práticas museológicas mais inclusivas.

A dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. Após a Introdução, o primeiro capítulo apresenta o enquadramento teórico, com enfoque nos paradigmas do multiculturalismo, interculturalismo, diversidade cultural e a sua apropriação no espaço museológico. Esta diversidade é analisada do ponto de vista da democratização do acesso ao Museu, do acesso ao património cultural pelos públicos escolares desfavorecidos e da perspetiva de uma museologia social mais participativa e inclusiva.

O segundo capítulo – Metodologia, explicita os objetivos da investigação, o paradigma e metodologia da pesquisa. De igual modo, são apresentadas as opções metodológicas: a pesquisa exploratória, qualitativa e quantitativa. São descritas as técnicas de recolha de dados e é feito o enquadramento da amostra e descritos os procedimentos de amostragem. Na elaboração deste trabalho, importa mencionar o recurso à bibliografia existente sobre museologia social em geral e, a práticas educativas e de aprendizagem, bem como a múltiplos recursos de pesquisa documental (Programas de intervenção museológica e educativa; planos de ação de parcerias de colaboração e de formação entre museus e estabelecimentos de ensino e relatórios de atividades). A utilização do estudo de caso como método, permitiu a aplicação conjunta dos métodos qualitativos e quantitativos. Foram administradas quatro entrevistas semiestruturadas, concretamente, à Curadora do Museu e às Professoras do 1ºCiclo do Ensino Básico na qualidade de informantes qualificados. Aos alunos dos 3º e 4º anos/1ºCEB do Centro Escolar de Riachos, foram administrados setenta e quatro questionários com perguntas fechadas.

O terceiro capítulo aborda o estudo de caso do Museu Agrícola de Riachos. O estudo de caso é uma estratégia de investigação que promove uma visão holística e contextualizada do Museu como agente social. Presentemente, verifica-se um progressivo interesse pelas funções educativas, o Museu Agrícola de Riachos é também lugar com diversas dinâmicas sociais que contribuem para a formação e integração dos públicos escolares segundo uma visão inclusiva. A visita escolar ao Museu contribui para a aprendizagem do aluno, oferecendo atividades relacionadas com o currículo escolar.

O quarto capítulo procedemos à apresentação, análise e discussão dos principais resultados do estudo nomeadamente; a análise e discussão das visitas de estudo escolares ao Museu Agrícola de Riachos; a análise das entrevistas aos informantes qualificados para recolher os descritivos na linguagem dos próprios; analisar os resultados relativos aos questionários dirigidos ao público-alvo sobre as representações dos alunos acerca das atividades de

formação; avaliação do Museu como agente educativo da sua comunidade, nomeadamente, no campo de ação museológica para a inclusão, em complementaridade com a Escola. O quinto capítulo apresenta as reflexões finais sobre a pesquisa efetuada e sugerindo o desenvolvimento de outros estudos relacionados com esta temática.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Os Museus de Proximidade e comunidades

O Museu foi durante todo o século XX, progressivamente, revelando uma transformação de uma imperativa necessidade de democratização do acesso e de compromisso para com a sociedade. A partir daqui a maioria dos museus portugueses desenvolvem-se de acordo com princípios bastante abstratos de organização social e cultural, tendo como finalidade a sua transformação em instituições dedicadas à cultura popular (Pimentel, 2005). Assim, o Museu adquire de forma gradual, uma imagem credível enquanto instituição portadora de uma prática discursiva muito centrada nas suas comunidades, contribuindo para o desenvolvimento de relações. O Museu apresenta-se como um tipo de espaço de legitimação, tanto ao gosto dos objetos e do seu significado, ou seja, responde aos desejos de salvaguarda do significado da comunidade que o gera, cuida e o projeta no futuro (Figueira & Ramos, 2014).

É factual que o posicionamento do Museu sofreu uma profunda mudança no século XX. Antes predominantemente elitistas, tornaram-se mais acessíveis ao público em geral. A abordagem museológica evoluiu, abandonando a simples exibição de artefactos para incluir narrativas mais inclusivas e interativas. Sendo assim possível, a hipótese de se configurarem como espaços de promoção do diálogo intercultural, introduzindo na agenda os temas fraturantes da sociedade, permitindo uma multiplicidade de perspectivas às vozes das minorias. Apenas possíveis com a produção de ambientes construtivos e favoráveis à reflexão conjunta, para combater aqueles que clamam pela exclusão das minorias, fundamentando-se nas diferenças culturais (Ferin et al, 2008).

Os museus de iniciativa local são aqueles que não se integram em estruturas de apoio estatal, em consequência da sua vulnerabilidade institucional, por isso, necessitam de inventar formas de gestão para superar as dificuldades (Figueira & Ramos, 2014). A relação dos museus de proximidade para com a sua comunidade, apresenta uma evolução, no prosseguimento de uma maior interação, participação e ajustamento a todos os indivíduos pertencentes ao lugar onde habitam. No caso de museus etnográficos de tipologia comunitária, a musealização acontece de forma integral e não materializada nos processos e costumes que são, ao contrário, preservados nas experiências do sujeito. O que se preserva são as próprias dinâmicas da vida comunitária, mesmo que os seus artefactos também sejam colocados em museus tradicionais que não perdem a sua importância e não alteram a sua

forma, mesmo que criados pelas próprias comunidades e voltados para elas (Figueira e Ramos, 2014).

1.2 Todos no Museu. Do Multiculturalismo ao Interculturalismo

Os museus desempenham um papel crucial no contexto do multiculturalismo em sociedades diversificadas, tanto do ponto de vista empírico quanto conceptual. Do ponto de vista empírico, estudos demonstram que a presença de museus que celebram a diversidade cultural contribuem para a coesão social, principalmente, as comunidades imigrantes e a importância da solidariedade étnica e das relações de confiança (Cochito, 2004). O multiculturalismo é, por definição, o estudo da diversidade cultural e étnica das sociedades na contemporaneidade, o que se traduz em temas controversos na atualidade, acentuando o objetivo das políticas multiculturalistas na proteção da homogeneidade cultural. É importante, *“Mas não pode ser alcançado sem o apoio alargado de uma comunidade nacional ou sem um sentimento de justiça social que tem que estar para além das pretensões e dos agravos de qualquer grupo específico”* (Giddens, 1999, p. 100). Sendo admissível, em teoria, considerar o multiculturalismo como um modelo de harmonia para uma coexistência pacífica, de diálogo para a vivência entre diferentes culturas e grupos étnicos, é apenas uma possibilidade. Como contraponto, para Maria Isabel Cochito (2004), a homogeneidade, potencialmente *“provocadora de conflitualidade”* das distintas comunidades, cada uma com os seus códigos de conduta, crenças e valores, tendem a criar desigualdades, incompreensões e litígios. O que está em jogo nesta definição de multiculturalismo relativamente a formas de interação entre culturas, para Gil (2008), significa que a cultura imigrante minoritária deveria aculturar-se aos valores dominantes.

Por outro lado, as visitas a estas instituições museológicas, têm sido associadas a níveis mais elevados de empatia e compreensão intercultural, realçando as semelhanças entre a escola e os museus relativamente às especificidades das suas culturas. As novas práticas museológicas podem estabelecer pontos de entendimento na relação entre museu e escola, porém, é essencial escrutinar as diferenças entre estes dois espaços, para Marta Marandino:

Mesmo sendo este um quadro sintético que certamente deixa escapar elementos pertencentes à complexidade estrutural dessas instituições, é possível perceber que museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria. Desta forma então, é fundamental numa análise que procura estabelecer relações entre o museu e a escola, evidenciar as diferenças entre esses espaços (Marandino, 2001, p.88).

As práticas museológicas respondem à interculturalidade adotando estratégias de mediação que promovam o diálogo e a interação entre diversas culturas. Os museus atuam como espaços de encontro, facilitando a compreensão mútua e a valorização das diferenças culturais, onde se aprende a ser tolerante com o outro. Se o Museu na sua relação com a sociedade quer ser acessível e inclusivo, deve atender a que a integração e o sucesso educativo dos alunos de outras culturas são um indicador de integração e coesão social².

Perante este contexto, a interculturalidade pode representar um quadro de negociação que se traduz na interação, no mínimo, entre duas culturas diferenciadas, procurando laços de aproximação. Inevitavelmente, apresenta-se com um projeto político promotor de transformação social, cujas problemáticas da diversidade cultural e da interculturalidade remetem para um novo reposicionamento metodológico e epistemológico³.

O interculturalismo, apresenta-se como um novo paradigma de integração, tendo por pressupostos o diálogo, comunicação positiva e o reconhecimento das diferenças. Ou seja, como explica Kastoryano (2018), o argumento suporta-se na relevância do “*diálogo entre culturas*” tendo como finalidade a reciprocidade, que leva a uma sociedade coesa e onde a “*solidariedade inclui tanto a maioria como a minoria*” (p. 2). Ainda segundo a autora, tanto o multiculturalismo como o interculturalismo são desenvolvidos como uma teoria, uma narrativa e uma política na tentativa de se encontrar soluções para a gestão da diversidade cultural dentro das fronteiras do Estado-nação, com o propósito de redefinir a cidadania.

Assim sendo, a questão não é a multiculturalidade das sociedades como facto recente, mas a consciência desta multiculturalidade, e tirar as ilações do passado, ou dito de outra forma, ter a capacidade de reconhecer os seus grandes benefícios. O que significa a transformação de uma sociedade multicultural para uma outra sociedade intercultural. Neste ponto de vista, parece-nos que uma conceção de educação intercultural empregue num contexto de aprendizagem não formal em espaço museológico, envolve uma atitude de questionamento em articulação com a educação para a cidadania (Cochito, 2004). Ainda segundo a autora, falar em educação intercultural é participar, em plena igualdade de oportunidades e direitos,

²Só é possível para fazer face às novas realidades emergentes das migrações e da diversidade cultural, se o Museu estabelecer parcerias, nomeadamente, com a Escola, de modo a assegurar que as crianças e jovens de grupos minoritários tenham acesso à educação formal e não formal em igualdade de condições que os nacionais (Ramos, 2007).

³Recorrendo novamente a Ramos (2007), sendo os museus lugares de encontro entre o Eu e o Outro, entre o singular e o universal, o discurso museológico tem de estar aberto à pluralidade, interpretações e opiniões diversificadas, ou seja, tem de gerir as identidades, conflitos com a mediação de uma comunicação intercultural e inclusiva.

assim como, na construção de uma sociedade alicerçada na diversidade, para que os jovens se tornem portadores de um conhecimento profundo que ultrapasse a estereotipização ou a folclorização do outro. Na verdade, a interculturalidade admite a existência de pressões e discordâncias, todavia, é no contacto e nas diversas formas de que se reveste, que se ancora o intercultural (Gil, 2008).

Começa a ser, de certo modo, e com alguma frequência, aceite o conceito de cultura relativamente ao conjunto de visões sobre a perceção do mundo que suportam ideias e sentimentos idênticos. Se atendermos ao domínio normativo da cultura e na imposição de valores, verifica-se uma conformidade com as normas, com apreço dado aqueles que se relacionam com quem chega e pela exclusão para com aqueles que se insurgissem contra tais imposições (Lages & Matos, 2009).

Por outro lado, o Museu posiciona-se como um agente de produção e divulgação da informação cultural, criando públicos que são, também eles, consumidores de toda a oferta museológica. De uma forma geral as instituições culturais e, de modo concreto os museus, podem ter uma importância acrescida como lugares de encontro, de diálogo e de participação, ainda que se reconheça alguns constrangimentos no âmbito da sua intervenção. Estamos perante um fazer museológico mais participativo e como condição de desenvolvimento social, ou seja, o Museu presta-se, não apenas à preservação seletiva de alguns aspetos culturais, mas proporcionando os instrumentos de ação e reflexão (Primo, 1999). Se para a autora, o Museu é entendido como espaço dinâmico que propicia e estimula a consciência crítica e um instrumento para o desenvolvimento e afirmação da identidade, nós acrescentamos, que o Museu pode contribuir para que os públicos escolares culturalmente heterogêneos se relacionem com a comunidade local para melhor integração social.

1.3 Museus como espaços de memória e de identidade

Os museus, ao longo do tempo, evoluíram para além de simples depósitos de artefactos históricos e obras de arte, transformando-se em verdadeiros centros de convivência e expressão da vida social das comunidades. A proximidade dos museus desempenha um papel fundamental na construção e preservação da identidade cultural de uma comunidade, proporcionando um ambiente propício para a reflexão, aprendizagem e interação. Este é o desafio das comunidades, que é o desenvolvimento da consciência sobre o outro, a vontade de conhecer o outro e a consciência da diferença (Leite, 2014). A função dos museus como

guardiões da memória coletiva também se destaca, uma vez que essas instituições desempenham um papel ativo na preservação e divulgação da história e das tradições de uma comunidade. As exposições e acervos tornam-se, assim, elementos que auxiliam na transmissão de conhecimento às gerações futuras, promovendo uma continuidade entre passado, presente e futuro. Neste contexto, os museus de proximidade, entendidos como lugares de memória, são percebidos como meios de transmissão essenciais para a divulgação de mensagens, tais como representações de memória e das identidades. Neste sentido, a memória coletiva é, portanto, uma memória repartida por uma comunidade formando e dando forma a uma identidade. Resumidamente, a memória leva a uma série de experiências armazenadas, permitindo a interpretação daquilo que nos rodeia de forma a agirmos consciente e racionalmente, levando à aprendizagem, adquirindo novos conhecimentos, simultaneamente, permitindo a nossa definição enquanto sujeitos (individual e social/), essencial para a construção da nossa identidade (Morais, 2020).

Perceber como os museus de proximidade, a partir da sua narrativa expositiva e da sua própria existência como lugares de recordação, são um caminho para o entendimento do modo como a comunidade escolar culturalmente heterogênea se reconstrói na sua identidade com a apropriação deste património. Ao se tornarem mais acessíveis e inclusivos, os museus deixaram de ser espaços distantes e elitistas para se tornarem lugares de encontro para pessoas de diferentes origens. Esta transformação tem contribuído para a promoção da diversidade cultural e para a quebra de barreiras sociais, permitindo que diversas vozes e perspectivas sejam ouvidas e representadas. Além disso, com a transformação dos museus em espaços de diálogo e debate, diversos estudos têm demonstrado que a aprendizagem é uma atividade social⁴, ou seja, os jovens aprendem melhor em grupo e nas interações entre eles. Estas instituições, progressivamente, sustentam-se em plataformas para expressão de diferentes pontos de vista e para a construção de narrativas que refletem a complexidade e diversidade de experiências humanas.

⁴Com refere Marta Ornelas (2016) na sua tese, os museus não se constroem como templos de saber, pelo contrário, são construídos socialmente e, como tal, têm de aprender a difundir questionamentos e reflexões nas diferentes áreas do saber, integrando uma maior pluralidade de vozes e participação social, de modo a operarem como espaços públicos. Assim, visitar um museu é acreditar no que está exposto, permitindo que os públicos escolares culturalmente heterogêneos estabeleçam um sentimento de pertença a um lugar.

1.4 Das visitas às aprendizagens, um caminho a percorrer

As visitas de estudo ao Museu de Proximidade fazem parte do calendário escolar, estas visitas afirmam-se como uma prática comum utilizada pelos professores, com o objetivo de criar uma relação entre um conteúdo específico do currículo e o tema do museu que se visita (Ornelas, 2016). Ainda segundo a autora que cita Leite e Vitorino (2008), estes consideram que a diferença entre o museu e a escola, está no facto de, inversamente à escola, no museu os temas versados estarem “*intimamente ligados à vida e à sociedade contemporâneas*” (p.13). Existem muitas teorias de aprendizagem que remetem para o sujeito uma participação ativa na construção do conhecimento, neste sentido, a responsabilidade de toda a aprendizagem pesa sobre o aluno.

O Museu é um espaço que acolhe o confronto de ideias, no contexto museológico, as aprendizagens não formais manifestam-se através da interação ativa com exposições e artefactos, alinhando-se com as teorias construtivistas. Esta abordagem centrada no aluno promove a construção ativa do conhecimento, à medida que os alunos exploram, questionam criticamente informações de maneira autónoma. A aprendizagem experiencial, baseada em experiências práticas e sensoriais, é fundamental para a teoria construtivista e encontra expressão nos museus, onde os alunos podem tocar, observar e participar. Para Porto (2008), é uma conceção sustentada na ideia de que as funções psicológicas superiores como, por exemplo, a linguagem, são construídas ao longo da história social do sujeito, o conhecimento, é adquirido através da interação e pela mediação exercida pelos indivíduos. Ou seja, pela descrição do autor, esta aquisição de conhecimento realiza-se pela interação do sujeito com o meio, que pode ser o professor, os colegas e os objetos expostos.

Na aprendizagem em museus, são propostos alguns princípios surgidos do pensamento construtivista:

Em suma, no espaço do museu, as aprendizagens construtivistas não formais dos alunos são potencializadas pela interação direta, experiências práticas e dinâmicas sociais, proporcionando uma base teórica sólida (1) a aprendizagem é um processo ativo de construção de significado a partir de inputs sensoriais; (2) quando pessoas aprendem, elas aprendem sobre o processo de aprendizagem, assim como aprendem o conteúdo; (3) a aprendizagem acontece na mente; (4) a linguagem e a aprendizagem estão indissociavelmente relacionadas; (5) a aprendizagem é uma atividade social e acontece com outros; (6) a aprendizagem é contextual, na medida em que aprendemos com o que já conhecemos, nossas crenças e discriminações; (7) o conhecimento prévio é um pré-requisito para a aprendizagem; (8) aprendizagem acontece em longos períodos de tempo, após a visita à exposição e na contínua recorrência de pensamentos; e (9) a motivação é essencial para a aprendizagem.

aliada a evidências empíricas de eficácia educacional (Almeida & Martinez, 2014, p. 724).

No âmbito construtivista da aprendizagem, sublinhe-se, que sofreu diferentes modos de progressão, assinala que os alunos constroem o seu conhecimento de forma autónoma e pessoalizada, a que juntam diversos modos pessoais de aprendizagem, assim como uma sequência de fatores sociais e culturais. Para tal, o Museu de proximidade deve ser capaz de ir mais além do que simplesmente expor o seu acervo sobre a cultura local, ou seja, conseguir uma articulação entre o significado do artefacto com as experiências de vida dos públicos escolares. Persistimos nesta perspetiva, perante um museu que é crítico, como um espaço de autorreflexão, que permite aos alunos o debate e a troca de ideias. Com estes espaços de questionamento e reflexão, o museu-educador-visitante, tomam parte de um envolvimento autoconsciente com o seu próprio mecanismo de construção de significado. A autorreflexividade crítica constituirá uma das linhas que separa a teoria da aprendizagem construtivista e as formas de pensamento ético, mais conotadas com as abordagens próximas da pedagogia crítica, crescentemente abraçada por museus (Semedo, 2019).

Desta forma, o Museu tem a necessidade de refletir sobre a união entre a sua predisposição de ator público e os mecanismos de que se serve para esse propósito, de modo a oferecer a quem o visita uma experiência verdadeiramente valorativa e significativa. Neste sentido, o museu destaca-se como um espaço crucial para a promoção da discussão pública, atuando como um centro dinâmico de diálogo e reflexão. Com o incremento das suas competências profissionais em domínios como a preservação e a divulgação do património, estas devem ser dirigidas ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento⁵.

Ao abrigar coleções diversificadas e exposições, o museu serve como um repositório de conhecimento acessível ao público, incentivando a partilha de ideias e perspetivas. A diversidade de artefactos e obras expostas estimula a multiplicidade de interpretações, fomentando debates sobre história, cultura e sociedade. O museu é hoje no entender de Suzana Faro (2006), um espaço assumidamente democrático, aqui, é transmitido valores, ideias e experiências, tudo no museu comunica com os seus públicos. Nesta perspetiva, ocorre refletir qual o contributo dos museus de proximidade de tipologia comunitária, como

⁵Segundo o ICOM (2007), estão subjacentes a relevância e a importância da dimensão social do Museu e a forma de dar resposta aos interesses da população (como os públicos escolares) em permanente transformação em conformidade com as prerrogativas do ICOM atribuídas aos museus.

o Museu Agrícola de Riachos, para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente heterogêneos.

1.4.1 Visitar para aprender

As visitas de estudo são atividades educativas cruciais para o público escolar, permitindo a apropriação do património cultural para a formação e inclusão social dos alunos. Ao participar destas visitas, os estudantes têm a oportunidade de interagir diretamente com o património cultural, o que facilita uma compreensão mais profunda e objetiva da história e cultura locais. Esta experiência prática é fundamental para tornar a aprendizagem mais significativa e envolvente, ajudando os alunos a relacionar o conteúdo escolar com a realidade à sua volta.

Além disso, as visitas de estudo promovem a inclusão social ao proporcionar a todos os alunos, independentemente da sua origem, o acesso igualitário ao património cultural. Isto é particularmente importante para alunos de contextos desfavorecidos, que podem não ter oportunidades frequentes de participar de atividades culturais fora do ambiente escolar. Estas visitas ampliam os seus horizontes, aumentando a consciencialização cultural e fomentando o respeito e a valorização da diversidade cultural.

A apropriação do património cultural também contribui para o desenvolvimento de um sentimento de identidade e pertença, fortalecendo a autoestima e a coesão social. Ao conhecer e enriquecer a sua herança cultural, os alunos tornam-se cidadãos mais conscientes e responsáveis, com um maior sentido de comunidade e de participação cívica. Portanto, as visitas de estudo não apenas elevam a aprendizagem não formal, mas também desempenham um papel vital na formação pessoal e na promoção da inclusão social, preparando os alunos para serem membros ativos e informados da sociedade.

1.5 A democratização do acesso ao Museu

A democratização da acessibilidade no contexto museológico emerge como um meio essencial para promover a integração social e cultural do público escolar heterogêneo, a democratização significa nestes contextos museológicos, maior facilidade de aproximação. Ao eliminar barreiras físicas, sensoriais e cognitivas, os museus tornam-se espaços mais inclusivos, abrindo as suas portas para uma diversidade de estudantes. A articulação que os museus de proximidade efetuam com a sua comunidade, tem lugar num quadro mais vasto em que fica visível o compromisso com a integração social com especial atenção para a

etnicidade. Todavia, como reflete Ana Carvalho (2015), ainda que o principal foco das políticas museológicas em torno da diversidade fosse a etnicidade, porém, numa visão mais ampliada de diversidade, são considerados aspetos relativos à religião, à sexualidade, ao género e às questões geracionais.

A democratização do acesso aos museus de proximidade, especialmente aqueles bastante identificados com as suas comunidades, desempenha um papel crucial na promoção da diversidade cultural. Este fenómeno representa um movimento significativo em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde as barreiras tradicionais de acesso à cultura, acabam por ser ultrapassadas. Para a Unesco (2007), “*A “diversidade cultural” refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades*” (p. 5). Os museus de proximidade, ao tornarem-se acessíveis a um público mais amplo, abrem um espaço para a representação de diversas perspetivas culturais que, de outra forma, poderiam ser excluídas.

A proximidade física dos museus com as comunidades locais facilita o entrosamento de pessoas de diferentes origens socioeconómicas, étnicas e culturais. Significa isto que a permissão de um universo mais amplo de indivíduos tenha acesso à riqueza do património cultural, artístico e histórico. Esta democratização contribui para a eliminação de estigmas e preconceitos, promovendo uma compreensão mais profunda e respeitada das diversas culturas presentes na sociedade. Ainda assim, a democratização do acesso ao museu cria oportunidades para a expressão e valorização de culturas locais e minoritárias. Exposições que destacam tradições, histórias e contribuições específicas de determinados grupos culturais podem ser apresentadas de maneira autêntica e representativa, assim, não apenas melhora a experiência cultural, mas também fortalece o sentimento de identidade e pertença destas comunidades. Na assunção desta perspetiva, Ana Carvalho (2015), diz-nos que a diversidade cultural é assumida com o que urge defender, tanto por uma questão de ética e de respeito pela dignidade humana em concordância com a ideia de pluralismo cultural, como para a promoção da criatividade. O impacto social positivo da democratização do acesso ao museu também é extensivo à educação, proporcionando a aprendizagem não formal dos públicos escolares culturalmente diferenciados. As visitas regulares aos museus locais incentivam e motivam os alunos para o espírito de curiosidade e descoberta, estimulando o pensamento crítico e a apreciação estética. Esta abordagem acessível à cultura

contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e informada, no que concerne à aprendizagem museológica, estas instituições têm a necessidade de se guiarem por uma teoria da educação e, através desta, o museu concebe conhecimento. Até nos próprios manuais escolares do Ensino Básico e Secundário e materiais pedagógicos que os acompanham, chama-se a atenção para as potencialidades pedagógicas dos museus e para o papel, muito relevante, que aqueles devem ser chamados a desempenhar no processo de ensino-aprendizagem (Mendes, 2013).

Os museus etnográficos de tipologia comunitária desempenham um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo experiências únicas e enriquecedoras. Ao proporcionar um contato direto com a cultura e tradições de comunidades específicas, estes museus configuram-se como espaços educativos dinâmicos. Destacam-se algumas potencialidades pedagógicas destas instituições, a começar, os museus etnográficos de tipologia comunitária servem como pontes entre teoria e prática, permitindo que os alunos transcendam os limites curriculares impostos. Neste ambiente museológico que é perceptível pelo tato, as experiências consistem na interpretação das coleções que possibilitam uma imersão na cultura material local e promovem uma compreensão mais profunda destas tradições culturais. A cultura material dos museus refere-se aos objetos tangíveis que representam expressões culturais passadas ou presentes. Estes artefactos, como utensílios, roupas e ferramentas, são preservados e exibidos para transmitir conhecimento sobre sociedades, tradições e modos de vida. Através da cultura material, os museus proporcionam uma janela única de oportunidade para a compreensão e apreciação da diversidade cultural ao longo do tempo. Estão incluídas na cultura material, segundo José Amado Mendes (2013), *“as condições de existência social, ou seja, o ambiente geográfico e o homem; por outro, as condições materiais da vida humana, a saber: pastorícia e agricultura, mineração, artesanato e indústria, alimentação, vestuário e alimentação, transportes e comunicações”*. (p.22).

1.6 Um novo modo de pensar a prática museológica

A noção que temos e a percepção que criamos sobre o modelo de Museu remonta, invariavelmente, para um modelo característico aquando da formação do Estado-nação, este, de cultura homogénea, delimitado por um território. A afirmação do Estado-nação assenta na necessidade de coesão e fidelidade do cidadão, assim se justifica a preservação dos monumentos representativos da herança cultural como identidade da Nação. Sem dúvida,

que a ideia de nação acabou por assegurar o estatuto ideológico à constituição dos patrimónios históricos e artísticos e foi d
a responsabilidade do Estado garantir a sua preservação⁶. A partir da segunda metade do século XX, a instituição museológica deixa de se centrar apenas nas suas coleções, ainda assim, o seu discurso expositivo ainda não se foca na interação com o sujeito. Contudo, em virtude dos processos emancipatórios que originaram novos pensamentos que trespassavam os anseios sociais em resultado do pós-II Guerra e aumentados pelos ideais revolucionários dos anos sessenta, surgem bastante acalorados os debates sobre uma museologia social. Para melhor se compreender o pensar museológico nos nossos dias, julgamos oportuno, mencionar os documentos que originaram todo o processo que permitiram a criação de um quadro jurídico para a gestão da política cultural e de preservação dos artefactos. Concretamente, referimo-nos ao Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, realizada no Rio de Janeiro em 1958, a Mesa Redonda de Santiagos do Chile em 1972, na cidade do Québec no Canadá em 1984, no México com a Reunião de Oaxtepec realizada em 1984, na Reunião de Caracas em 1992 e realizada na Venezuela. Todos os documentos foram concebidos e elaborados sob o patrocínio do ICOM (Conselho Internacional de Museus). Sobre a real importância destes documentos e os efeitos subsequentes na importância da museologia na sociedade, destaca-se o seguinte:

Os documentos acima referidos, são o resultado da reflexão conjunta de profissionais que buscam a evolução de ideias na sua área de atuação, reconhecendo que para isto ocorrer faz-se necessário sair do casulo das suas instituições museológicas e tentar discutir com os profissionais das áreas afins os seus avanços conceituais, sendo importante estarem capacitados para reutilizarem estes avanços nas suas áreas de atuação. É o reconhecimento da importância da interdisciplinaridade para o contexto museológico (Primo, 1999, p. 6).

À medida que a sociedade passa por transformações profundas, observa-se um notável desdobramento no fazer museológico, marcado por uma crescente ênfase na intervenção social. Este fenómeno representa uma mudança paradigmática na compreensão do museu em relação ao indivíduo e as suas relações dentro da comunidade. Conceitualmente, o novo fazer museológico procura romper com a abordagem tradicional, transcendendo as fronteiras

⁶Para Tolentino (2016), a noção de monumento adquiriu, com a modernidade, ao ser formulada enquanto monumento histórico e artístico, fez com que o conceito de património se convertesse numa categoria socialmente definida, regulamentada e delimitada. Durante este período, a configuração de museu estava seriamente ligada aos instrumentos ideológicos do Estado, assim como, toda uma hierarquização estruturada em relação às classes dominantes.

físicas do museu e entrosando ativamente com as dinâmicas sociais. Este reconhecimento, que avança gradualmente, assumindo a importância social das instituições museológicas, que ampliaram e ratificaram o compromisso social de museus. Mas e sobretudo, os processos museológicos comunitários que pretendem agir “*numa perspectiva de respeito pelos códigos patrimoniais e de memória da sociedade, tradicionalmente excluídas dos processos hierárquicos de salvaguarda e preservação de bens museológicos*” (Primo & Soto, 2022, p.10).

Os museus tornam-se agentes de mudança social, atuando como espaços de diálogo, reflexão e participação ativa. Esta intervenção social não apenas democratiza o acesso ao património cultural, mas também amplia a relevância dos museus na esfera pública. A compreensão do indivíduo pelo museu não se restringe mais ao visitante passivo, mas evolui para reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas. Os museus tornam-se os impulsionadores de narrativas plurais, representando e dialogando com as complexidades sociais contemporâneas. Esta mudança de paradigma reflete uma compreensão mais holística do papel do museu na sociedade, reconhecendo-o como um agente capaz de dinamizar transformações culturais e sociais.

No que diz respeito à Escola, a solicitação cada vez mais procurada aos bens culturais patrimoniais tem progressivamente contribuído como veículo de fortalecimento e realização no processo ensino-aprendizagem. O património, além de ser objeto de estudo, desempenha um papel fundamental como recurso didático e valorizando significativamente os processos educacionais. Ao explorar o património, os alunos têm a oportunidade de se ligarem de maneira explícita com a história, a cultura e a identidade de uma sociedade. Por outro lado, a utilização do património como recurso didático não se limita apenas à sala de aula, estendendo-se ao museu e outros espaços culturais. Ao interagir diretamente com os artefactos, os alunos têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais profunda e duradoura dos conceitos abordados em sala de aula. Para além de conhecimentos e competências a adquirir no domínio da educação patrimonial, é fundamental motivar os alunos a interiorizarem duas ideias centrais pouco difundidas, a saber; a do conceito atual de património, muito mais amplo que o tradicional; e a da sensibilidade para a identificação, estudo e salvaguarda dos elementos patrimoniais que, sem ter em conta o seu estatuto

jurídico, integram o legado coletivo e, portanto, são pertença de todos nós⁷. Neste sentido, o reconhecimento e validação do legado cultural através das exposições, são o contributo dos museus etnográficos de tipologia comunitária para os públicos escolares culturalmente heterogêneos, tanto pela apropriação deste património como para a sua formação. De realçar, o esforço na tentativa de ligar de forma coerente as temáticas com os programas escolares e solicitando a participação da Escola, de modo a motivar a aprendizagem e a criatividade.

1.7 Do Museu à Escola, de que relação falamos?

Os museus desempenham um papel significativo ao promover a função educativa com o foco na diversidade cultural, especialmente quando direcionados para os públicos escolares culturalmente diversificados. As semelhanças entre os museus de proximidade e a Escola, não reduzem as suas especificidades, no que concerne à cultura museológica, assim como, à cultura escolar. Estabelece-se todo um devir à medida que se sucedem estes encontros, e novas práticas educativas podem surgir, socialmente são espaços que se complementam mutuamente, e os dois são decisivos para a formação da cidadania. Estas instituições preservam diferenças significativas que assinalam intenções discursivas e materializam um sistema de valores (ordem, disciplina e vigilância), traços na aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia com diferentes símbolos estéticos, culturais e ideológicos (Dutra & Nascimento, 2016). Estes espaços têm a capacidade única de transpor barreiras culturais, possibilitando uma variedade de oportunidades para o entendimento e interação das expressões culturais presentes na sociedade.

Como já tivemos oportunidade de referenciar anteriormente, o Seminário regional da Unesco realizado no Rio de Janeiro sobre a Função Educativa dos Museus, no qual se debateu sobre que função deveria ter o Museu enquanto instrumento educativo com benefícios para a sociedade. Contudo, é na década de 60, que os museus começam a entender a “educação” como tratando-se sobretudo de um trabalho com as escolas e a afastam do seu sentido original, de acordo com uma ideia de museu como espaço de educação para a cidadania⁸.

⁷Para José Amado Mendes (2013), o património ocupa uma posição insubstituível na educação, constitui-se como um elemento fundamental para a formação integral do indivíduo e um elemento que favorece a interação e a coesão social.

⁸Devemos entender que o sentido original de educação para a cidadania na interpretação do Museu, era uma conceção civilizacional e elitista, logo, os museus deviam promover a educação a partir do discurso museológico muito centrado nas coleções e que insinuava toda a narrativa colonialista e de Estado nacionalista (Faria, 2000).

Ao expor coleções que abrangem diversas culturas, períodos históricos e formas de expressão, os museus contribuem para a construção de pontes entre diferentes grupos étnicos e sociais. Esta diversidade de narrativas e perspectivas apresentadas nas exposições permite que os visitantes, especialmente os alunos, ampliem a sua compreensão sobre o mundo, desenvolvam a efetividade e cultivem o respeito pela diferença. Neste sentido, a educação proporcionada pelos museus, vai além da transmissão de informações e procura promover uma consciência crítica sobre a diversidade cultural. Os museus criam condições para a reflexão sobre estereótipos, preconceitos e desigualdades, estimulando o diálogo aberto e a compreensão mútua, o que resulta em experiências educativas contributivas para a formação de cidadãos culturalmente sensíveis e conscientes. Ainda de acordo com Margarida Faria (2000), é a consciência da sua diversidade social e cultural que veio alterar o sentido educacional dos museus (até então ainda solidamente marcado por princípios de educação de tipo escolar) optando-se por formas diversificadas de comunicação intersocial e intercultural e mesmo inter-relacional.

Por outro lado, a interação direta com artefactos, exposições culturais e atividades formativas, o Museu de proximidade promove o processo educativo, proporcionando uma aprendizagem mais envolvente e significativa. Os alunos têm a possibilidade de interagir com a diversidade de forma direta, o que pode inspirar um apreço mais profundo pela riqueza cultural à sua volta. O que implica uma adaptação das práticas educativas dos museus, como suporte para atender às necessidades de públicos culturalmente diversos, o que se revela como crucial para todo o processo. Contudo, pode incluir a criação de programas educativos que reflitam a diversidade, a inclusão de narrativas e perspectivas variadas nos materiais didáticos e a colaboração com comunidades locais para garantir uma representação autêntica e inclusiva das culturas apresentadas. Acresce, por último, realçar a importância das abordagens construtivistas para a aprendizagem, a perspectiva educativa tradicional de transmissão de conhecimentos do professor para o aluno passou a centrar-se sobre a forma como os educadores e os estudantes interagem (Oliveira, 2012). Ainda segundo a autora, esta colaboração revela uma capacidade que pode estimular os alunos de forma individual, assim como os processos de aprendizagem coletiva.

1.7.1 A pertinência do Serviço Educativo do Museu de Proximidade

O Serviço Educativo do Museu desempenha um papel fundamental na formação e inclusão de públicos escolares culturalmente heterogêneos, sendo isto possível, através de programas

educativos abrangentes, que ultrapassem as barreiras culturais e estimulem a aprendizagem significativa. Seja através de atividades interativas, visitas guiadas e projetos educativos, todavia, a forma como é exposto o acervo, como se expõe os artefactos e se adota um determinado discurso, são decididos por uma só pessoa ou grupo restrito. Ainda que o Serviço Educativo procure abranger os alunos de maneira participativa, estimulando o pensamento crítico e a criatividade, frequentemente, a temática e a construção do discurso museológico refletem a convicção pessoal do responsável. Ainda assim, os museus como instituições culturais, desempenham um papel significativo na tradução e reprodução do social e cabe, portanto, ao serviço educativo a elaboração de programas de formação em contexto museológico que possa contribuir para uma aprendizagem não formal inclusiva. No entanto, a capacidade dos públicos escolares de debater e representar uma cultura que é multivocal e polissémica levanta questões fundamentais sobre a natureza inclusiva e dinâmica da educação museal⁹.

Ao permitir que os alunos explorem e representem a cultura de maneira multivocal, os museus contribuem para o desenvolvimento de competências críticas e analíticas. Isto é, não apenas capacita os estudantes a questionar narrativas preexistentes, como também os incentiva a reconhecer e valorizar as diversas vozes que fazem parte da organização cultural de uma sociedade. Afigura-se, deste modo, uma mais-valia para estes públicos escolares culturalmente heterogéneos, dada a natureza polissémica da cultura, implica que diferentes grupos e indivíduos possam atribuir significados distintos aos mesmos elementos culturais. Os museus, ao reconhecerem esta multiplicidade de significados, oferecem oportunidades para os alunos explorarem e representarem essas perspetivas diversas, favorecendo a compreensão dos alunos sobre a complexidade cultural, mas também fomenta a tolerância e a apreciação da diversidade. No entanto, desafios persistem, como a necessidade de superar representações estereotipadas e garantir que as exposições e atividades formativas abranjam uma vasta gama de experiências culturais. Ou seja, tanto a Escola como o Museu deverão usar a sua mútua possibilidade de transmissão de conhecimentos assentes na oralidade, e esta, como uma das formas mais básicas de sociabilidade e comunicação, possibilitando

⁹É um facto, na atualidade os museus são instituições descritos como ambivalentes, fragmentados e detentores de multivocalidade, neste sentido, a introdução de diferentes leituras, interpretações e perspetivas, pode dar forma a uma proposta mais centrada nas comunidades, comemorar a diversidade cultural e tornarem-se lugares de diálogo, confrontação e de experimentação (Carvalho, 2015).

formas de empatia e trocas interpessoais de base afetiva, inesgotáveis e, igualmente, insubstituíveis (Faria, 2000).

Os museus devem promover ambientes inclusivos que incentivem a participação ativa dos alunos na construção de narrativas culturais mais autênticas e representativas. Além disso, a sensibilidade cultural do Serviço Educativo desempenha um papel crucial na construção de pontes entre as diversas comunidades representadas pelos alunos. Ao reconhecer e fundamentar as diferenças, o Museu de proximidade contribui para a promoção da inclusão social e para a construção de uma sociedade mais coesa e inclusiva. Ao ponto de o impacto positivo do Serviço Educativo ir para além do ambiente escolar, influenciando a perceção dos alunos sobre a importância da diversidade cultural.

Ao possibilitar uma abordagem mais profunda e aberta às várias manifestações culturais, o Museu perpetua-se como um agente catalisador na formação de cidadãos informados, tolerantes e culturalmente conscientes, promovendo assim um ambiente educacional mais equitativo e valorizado. Em último lugar, a capacidade dos públicos escolares de debater e representar uma cultura multivocal e polissémica em museus é essencial para a formação de cidadãos críticos e culturalmente conscientes. Por isso, não só melhora a experiência educacional, como também contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde as diversas vozes e perspetivas são valorizadas e respeitadas. Fica, deste modo, muito vinculada a relação entre a Escola e os Serviços Educativos, como se atesta:

A relação com as Escolas dos vários níveis de ensino é, no domínio dos Serviços Educativos, de importância estratégica, que se torna um eixo de afirmação do museu. Da nossa experiência podemos registar algumas ações que só a presença da Escola no museu permitiu divulgar e valorizar as peças expostas de uma forma muito própria e com investimento educativo que, a médio e longo prazo, acabam por se vir a manifestar (Figueira & Ramos, 2014, p. 88).

1.7.2 O Museu como um meio de comunicação

Os museus desempenham um papel crucial como mediadores no seio da sociedade, atuando como pontes que ligam diversas culturas através da partilha de um património cultural coletivo. É por demais evidente, que as sociedades devem ter a preocupação com a sua diversidade cultural e as suas visões do mundo, ou seja, a leitura que fazem do real. Estas instituições, ao abrigarem coleções variadas e representativas, promovem a compreensão mútua e a integração entre diferentes grupos étnicos, sociais e culturais. Deste modo, a diversidade só pode ser totalmente entendida, quando confinada pelo espaço, tempo e pelos

traços culturais dos diferentes grupos, assim como o acesso aos seus códigos culturais para obter sucesso no estabelecimento da comunicação.

Ao expor artefactos e obras que refletem a riqueza e diversidade do património humano, os museus proporcionam oportunidades para que as pessoas se aproximem e apreciem a herança cultural de outros. Esta exposição não apenas celebra as diferenças, mas também destaca as semelhanças que unem as sociedades, fomentando um sentido de pertença global, onde a construção de significados é mutável e vulnerável e afirma-se nas interações entre os públicos. Os significados adquirem sempre um novo sentido num diferente contexto e diferentes funções, por isso, os museus estão constantemente a reinventarem-se, a estabelecerem novos discursos e formas de comunicação, novas regras e novos códigos (Oliveira 2011). E continua a autora, uma nova leitura dos objetos pode encontrar-se, um novo significado, uma nova relevância que qualquer um de nós pode encontrar, apesar da cultura contemporânea nos invadir com constantes mensagens mediáticas.

Os museus de proximidade emergem como poderosos meios de comunicação e mediadores sociais, desempenhando um papel vital na promoção da inclusão e na redefinição das práticas museográficas para uma ação museológica mais eficaz. De modo diferente dos museus convencionais, os museus de proximidade, etnográficos e de tipologia comunitária, estão intrinsecamente ligados às comunidades locais, refletindo as suas identidades, património e cultura. Estas instituições não apenas conservam artefactos e exposições, mas também atuam como narradores vivos das histórias locais, proporcionando as condições para dar visibilidade as vozes muitas vezes marginalizadas. Para isso, existe o propósito em conseguir que o discurso expositivo seja centrado e pensado para os públicos. Em particular, os públicos escolares, e que os alunos o compreendam, para tal, é urgente, as visitas promoverem as interações e diálogo entre estes, de modo que a mensagem seja significativa para eles. Nesta abordagem, o significado é construído por meio de um processo ativo de negociação de saberes e experiências, no qual todas as partes trabalham em conjunto para produzir interpretações partilhadas, todavia, partindo de pressupostos dialógicos, esse modelo impõe desafios ao ser levado à prática (Marandino, 2008).

Por outro lado, a redefinição das práticas museográficas nos museus comunitários destaca a importância da flexibilidade e adaptabilidade. Em vez de adotar uma abordagem unilateral, estas instituições frequentemente experimentam formatos inovadores, como exposições itinerantes, eventos ao ar livre e projetos digitais, para alcançar públicos diversos e atender

às diferentes necessidades da comunidade. Esta atitude poderá também abrir amplas possibilidades para a criação de uma grande rede de comunicação entre museus de diferentes tipologias e as escolas, assim como, para a utilização do património cultural das comunidades onde as escolas estão inseridas, de uma forma mais ampla, na sua relação com o mundo (Oliveira, 2011). Mas os programas têm de ser suficientemente adaptáveis para que o aluno seja capaz de desenvolver uma atitude crítica, explica a autora, o que se pretende é que o aluno explore o artefacto cultural e se aproprie do seu conteúdo, realizando uma experiência significativa.

Mas os problemas levantam-se para este modelo, é possível idealizar uma exposição que abrange todos os saberes dos públicos escolares? É razoável conceber um trabalho em conjunto com os educadores do Museu e Professores para realizar uma exposição? E o discurso expositivo, tem em conta os objetivos curriculares escolares? Para ser exequível, esta abordagem de comunicação propõe a integração de estratégias de participação e envolvimento do público¹⁰. A comunicação nos museus comunitários vai além das exposições estáticas, intentando a incorporação de abordagens interativas e participativas. Estas instituições procuram envolver ativamente os membros da comunidade escolar, estimulando o diálogo e promovendo uma troca contínua de ideias. A criação de exposições e programas educativos deveria ser mais envolvente entre a comunidade escolar e o Museu no processo de representação da sua própria história, promovendo um sentimento de pertença e de inclusão. Ainda assim, como escreve Maria Genoveva Oliveira (2011), *“Um das maiores dificuldades que encontramos é vencer os obstáculos das escolas e dos museus burocratizados, cujos projectos pedagógicos, quando existem, são elaborados para atingir objectivos impostos de cima para baixo”*. (p. 263)

1.7.3 A importância da parceria

A parceria entre o serviço educativo do Museu Comunitário e a Escola é de vital importância, especialmente na preparação de atividades incluídas nas visitas de estudo. Esta colaboração

¹⁰Efetivamente, a grande preocupação com a utilização educacional dos acervos expostos, os discursos expositivos dirigidos aos públicos, nomeadamente, os públicos escolares, levou cada vez mais os museus a adotarem estratégias que facilitassem a comunicação durante as visitas escolares às exposições. Para facilitar o diálogo entre o educador do Museu e os alunos, alguns exemplos de iniciativas de acordo com esta visão; exposições com espaços para debates, conduzidos por educadores; exposições que apresentem atitudes diferenciadas sobre uma temática, com o intuito de que o visitante se posicione; oficinas que propiciem reflexão e posturas críticas sobre um determinado assunto apresentado na exposição etc., (Mirandino, 2008).

permite a criação de um ambiente de aprendizagem mais comprometido e interativo para os alunos. Ao trabalharem juntos, Curadora do Museu e as Professoras do 1º CEB do ensino formal, podem desenvolver atividades que complementem o currículo escolar, proporcionando experiências práticas em contexto museológico que aprofundam o conhecimento dos alunos. Além disso, esta parceria facilita a adaptação das atividades às necessidades e interesses específicos dos estudantes, tornando a aprendizagem mais relevante e motivadora. A preparação conjunta também assegura que as visitas sejam bem organizadas e alinhadas aos objetivos educativos, maximizando o aproveitamento do tempo no museu.

No ambiente museológico, a relação entre a Curadora do Museu e a Professora do ensino formal pode gerar conflitos, embora ambas tenham o objetivo comum de promover a educação. A Curadora do Museu, responsável por preservar e apresentar o património cultural, muitas vezes adota uma abordagem mais exploratória, incentivando a aprendizagem através da observação direta e da interação com os objetos expostos, nas atividades oferecidas. Por outro lado, a Professora do ensino formal tende a seguir currículos estabelecidos e métodos pedagógicos mais estruturados, com foco em conteúdos específicos e avaliações sistemáticas.

Porém, através desta parceria (Serviço Educativa/Escola), os alunos podem desenvolver competências cognitivas, como o pensamento analítico e a capacidade de apreciação cultural, enquanto desenvolvem aprendizagens colaborativas. Além disso, esta cooperação fortalece os laços entre a comunidade escolar e o museu, promovendo um sentimento de pertença e valorização do património local. Por fim, a integração das atividades do museu com o currículo escolar contribui para uma educação mais holística e completa, beneficiando tanto os alunos quanto a comunidade como um todo. Parcerias bem-sucedidas podem resultar em experiências de aprendizagem mais completas e envolventes, beneficiando tanto os alunos quanto as instituições envolvidas. A chave está no diálogo aberto e na disposição para integrar diferentes perspetivas educacionais em prol de um objetivo comum.

1.8 A Função Social da museologia de compromisso

O museu, ao longo do tempo, evoluiu de um mero espaço de armazenamento de objetos para se tornar um agente vital de educação e formação de públicos culturalmente heterogêneos. Na contemporaneidade, o Museu propõe novas e diferenciadas relações com a sociedade,

consentindo, igualmente, na função de formar o ser humano para o exercício da cidadania, através das mediações entre o acervo exposto e o público (Oliveira, 2011). O papel exercido por estas instituições reflete uma compreensão mais profunda da função social dos museus, transformando-os em locais de interação dinâmica, de aprendizagem e de fruição dos objetos. A museologia contemporânea assume, assim, um compromisso significativo com a diversidade cultural e a inclusão, enquadrada com novas formas de ação museológica e legitimadas no Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM). Em que “*O essencial para a Nova Museologia, era aprofundar as questões da interdisciplinaridade no domínio da museologia facto que contrariava o saber isolado, absoluto e redutor da museologia tradicional instituída, deixando desta forma espaço para uma maior reflexão crítica*” (Primo, 1999, p. 12). Além de ser um repositório de cultura, o Museu desempenha um papel ativo na educação e formação de cidadãos, através das suas exposições e programas educacionais, oferece oportunidades únicas de aprendizagem, estimulando o pensamento crítico e a apreciação estética. Ao apresentar diferentes perspetivas históricas e culturais, o Museu contribui para a construção de uma consciência mais ampla e inclusiva.

Ao atuarem como agentes educacionais, os museus desempenham um papel crucial na disseminação do conhecimento, proporcionando experiências mais empenhadas e que transcendem barreiras culturais e sociais. Ao criarem estes espaços de diálogo intercultural, promovendo a compreensão mútua e o respeito pelas diferenças, cabe, aos museus, estimularem o debate diligente e a interação entre os públicos culturalmente heterogêneos. Além disso, a função formativa dos museus prolonga-se pela capacidade de estimular o pensamento crítico e a reflexão, capacitando os alunos a questionar e interpretar o mundo que os rodeia. Partir do princípio de que a realidade é uma construção social, é igualmente aceitável, que os museus sejam instituições idealizadas e configuradas com os fins socialmente determinados, e que, por isso, atuam de acordo com desígnios sociais para proteção de interesses particulares. A assunção destes pressupostos autoriza o questionamento das narrativas dos museus, isto é, ter a perceção de que o conhecimento produzido e exposto nestes espaços está cultural, social, política e economicamente determinado e repercute um tempo específico da sociedade que o produz (Pimentel, 2005). Neste sentido, as práticas museológicas circulam em volta da narrativa, da interpretação e da representação. A apresentação do discurso expositivo por parte da Curadora, assim como, as suas próprias conceções de ensino e aprendizagem, devem, em consequência,

corresponder à transmissão dos valores para uma cidadania mais crítica dos públicos escolares culturalmente heterogêneos.

Porém, o espaço de debate poderá ser mais visível numas áreas de estudo do que noutras, mas dado o caso de o Museu não se apropriar das narrativas dos alunos e de todas as atividades se conformarem com a explicação da Curadora sobre o artefacto, demonstrou, que no final, o que prevalece é o discurso que o Museu pretende transmitir.¹¹

A museologia de compromisso refere-se à responsabilidade dos museus em se envolverem ativamente com as suas comunidades e em abordar questões contemporâneas. O que implica o planeamento de exposições e programas que abordem temas relevantes, desafiando preconceitos e contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência social mais ampla. Museus comprometidos não apenas preservam o passado, mas também se ligam ao presente, discutindo perspetivas plurais e com sentido crítico sobre questões atuais. No entanto, para que os museus desempenhem efetivamente esse papel de agente de educação e formação, é imperativo que adotem uma abordagem inclusiva na sua programação e práticas. Portanto, faz supor a representação equitativa de diferentes culturas e grupos dentro das coleções, bem como a promoção de acessibilidade física e cognitiva para garantir que todos os públicos possam participar plenamente. Esta prática museológica não atende apenas aos aspetos de funcionamento mais tradicionais, mas, também no compromisso devidamente planeado e negociado com a sua comunidade. E mais, atende às suas especificidades e idiossincrasias, com a diversidade dos públicos escolares social e culturalmente diversificados, e ao património, cujo entendimento se articula na relação com identidades, lugares e memórias (Carvalho, 2014).

A museologia de compromisso impulsiona os museus a envolverem-se ativamente na promoção da diversidade cultural, na construção de pontes entre comunidades e na abordagem de questões contemporâneas. Portanto, a cultura já não é mais do que um simples enunciado de princípios e de direitos, mas antes, um assumir como um garante da proteção de bens. A diversidade cultural é neste domínio um elemento estruturante desta conceção,

¹¹Esta situação é relatada por Marta Ornelas (2016) na sua tese de doutoramento, a autora e também Professora de Arte Visual, acompanhou os alunos do 8º Ano de Escolaridade nas visitas ao Museu, e relata como se percebeu em como essa visita (entre outras que acompanhou) teve diversos momentos de transmissão de conhecimento. Mesmo admitindo para si a ilusão de que esse conhecimento foi precedido “*do debate e da partilha de opiniões*”, porém, todas as atividades ancoram na explicação da Curadora, demonstrando que no fim prevalece o discurso que o Museu quer transmitir (Ornelas, 2016, p.496).

pois permite através dele perceber toda a lógica “*de como é que os direitos culturais se vão afirmar como um direito humano fundamental para a afirmação da dignidade humana*” (Leite, 2017, p. 24). Ao fazê-lo, os museus tornam-se impulsionadores essenciais para a construção de sociedades mais inclusivas, informadas e culturalmente ricas.

1.8.1 Para melhor ação educativa no Museu, melhores práticas docentes?

A percepção da relação pedagógica como um meio para a melhoria das práticas docentes é fundamental para promover uma distribuição mais equitativa do conhecimento, do poder e do género. Ao entender a pedagogia como uma interação dinâmica e não unilateral, os professores podem adotar abordagens mais inclusivas e democráticas na sala de aula. Durante as visitas de estudo, a interação entre professores, curadora e alunos deve proporcionar uma oportunidade única para fomentar uma aprendizagem mais colaborativa e inclusiva.

Para melhorar as práticas docentes, é essencial que os professores sejam incentivados a refletir criticamente sobre as suas próprias posições de poder e como estas influenciam as suas interações com os alunos. No contexto de um museu, a tradicional hierarquia de poder entre curadores e visitantes pode ser desafiada através de práticas pedagógicas que promovam a participação ativa dos alunos.

Além disso, os professores podem desempenhar um papel crucial ao mediar a relação entre os curadores e os alunos, facilitando a compreensão dos conteúdos museológicos e relacionando-os com o currículo escolar. Esta mediação pode ajudar a reduzir a barreira de autoridade e tornar o conhecimento mais acessível e relevante para os estudantes. Os professores, ao trabalharem de perto com os curadores, podem também trazer diferentes perspetivas culturais e de género para as exposições, valorizando a experiência educativa.

A igualdade de género na educação também é fundamental. Práticas pedagógicas que questionam os estereótipos de género e promovam a igualdade, são essenciais para criar um ambiente de aprendizagem onde todos os alunos, independentemente do seu género, tenham as mesmas oportunidades de sucesso. O triunfo pode ser alcançado através de políticas escolares que combatam a discriminação de género e promovam modelos de ensino que desafiem as normas tradicionais de género, ao mesmo tempo, delimitando o papel da Curadora do Museu capaz de produzir relações pedagógicas e de aprendizagem colaborativa.

A pretensão de integrar a visita de estudo no museu com práticas pedagógicas inclusivas e colaborativas, é possível promover uma distribuição mais equitativa do conhecimento, do poder e do género. Esta abordagem não apenas melhora a experiência educativa, mas também contribui para a formação de alunos mais críticos, conscientes e preparados para aceitar a diversidade e a igualdade.

1.8.2 A inclusão de espaços interativos com programas educativos

As relações pedagógicas, por serem fundamentalmente relações de comunicação, estão intrinsecamente ligadas a dinâmicas de poder. Nos museus, essa relação é especialmente complexa, pois, envolvem diversos atores com diferentes níveis de autoridade, conhecimento e expectativas. A Curadora do Museu, com o seu profundo conhecimento e controle sobre as coleções, detém um poder significativo sobre como a informação é apresentada e interpretada. Este poder pode dificultar a criação de relações simétricas de produção de conhecimento, pois os visitantes, incluindo professores e alunos, geralmente assumem papéis mais recetivos, absorvendo informações de uma fonte considerada autoritária.

Esta assimetria é exacerbada pela estrutura tradicional dos museus, que historicamente privilegia a voz do especialista sobre a do público. Mesmo assim, as tendências contemporâneas em direção à museologia participativa, onde se pretende incluir as vozes dos visitantes nas narrativas museológicas, a hierarquia inerente entre quem detém o conhecimento (curadores) e quem o recebe (público) permanece um desafio.

Além disso, a própria configuração espacial e a organização das exposições refletem e reforçam estas relações de poder, guiando a experiência do visitante de maneira ordenada e formal, limitando a sua capacidade de interação crítica e autónoma com os objetos expostos. As tentativas de equilibrar esta relação, como a inclusão de espaços interativos e programas educativos colaborativos, ainda enfrentam o muro do preconceito mais do que o conhecimento informal. Esta forma de aprendizagem, muitas vezes adquirida de maneira mais livre e espontânea, acaba por adquirir menos importância do que o conhecimento formal e institucionalizado.

Portanto, a simetria na produção de conhecimento nos museus é dificultada não apenas pelas estruturas de poder e conhecimento existentes, mas também pelas percepções culturais sobre quem é considerado um detentor legítimo do saber. Somente através de um esforço

consciente e contínuo para democratizar estas relações, promovendo um diálogo mais aberto e inclusivo, é que poderemos avançar em direção a uma produção de conhecimento mais equitativa nos espaços museológicos.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1 A questão de partida e objetivos da pesquisa

Iniciar um projeto de investigação requer uma pergunta de partida sólida que defina claramente o objetivo da investigação, a pergunta deve ser explícita e relevante, delineando o problema a ser abordado. Ao se formular a pergunta de partida, três níveis de exigência devem ser considerados: “*primeiro, exigências de clareza; segundo, exigências de exequibilidade; terceiro, exigências de pertinência*” (Quivy & Champenhoudt, 2008, p.44).

É importante considerar a lacuna no conhecimento existente e identificar a sua relevância, de modo que o impacto potencial da investigação e a sua contribuição para a área de estudos sejam ponderados ao se elaborar esta questão inicial. A clareza na formulação da pergunta estabelece as bases para uma compreensão precisa do problema a ser abordado. A exequibilidade assegura que a pesquisa seja realizável, considerando os recursos disponíveis e a aplicabilidade das metodologias propostas. A pertinência, por sua vez, garante que a pergunta aborde um problema relevante no contexto da área de estudo, contribuindo para o avanço do conhecimento. Deste modo, a pergunta de partida bem elaborada também facilita a comunicação eficaz dos objetivos da pesquisa, servindo de primeiro fio condutor para a investigação: Até que ponto o Museu Agrícola de Riachos (MAR) tem contribuído para a formação e inclusão dos públicos escolares social e culturalmente diversificados?

Os objetivos numa pesquisa científica é o ponto central que direciona e justifica todo o processo investigativo, representa a meta específica que o investigador procura alcançar ao conduzir o estudo. Conceptualmente, os objetivos delineiam as intenções e propósitos da pesquisa, destacando o que se pretende descobrir, analisar ou compreender. Estas metas são formuladas de maneira clara e mensurável, proporcionando uma estrutura para a coleta e análise de dados, além disso, os objetivos ajudam a definir as etapas da pesquisa, delimitando o campo de estudo e as variáveis envolvidas (Fortin, 2003). Estes devem ser coerentes com a pergunta de partida, conduzindo a investigação de forma harmoniosa, ou seja, “*o objetivo geral que se pretende alcançar com a investigação deve estar em consonância com a definição do objeto*” (Minayo, 2008, p. 187). Os objetivos também desempenham um papel fundamental na avaliação do sucesso da investigação, pois oferecem critérios mensuráveis para aferir os resultados.

Este trabalho centra-se na relação entre museus de proximidade e diversidade cultural, tomando como objeto de estudo o Museu Agrícola de Riachos, um museu etnográfico de tipologia comunitária. Deste modo, o principal objetivo do estudo é examinar os contributos

do Museu Agrícola de Riachos, Torres Novas, para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diversificados.

Para analisar as relações estabelecidas entre os museus de proximidade e as novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural, procuramos com este estudo, conhecer o papel do Museu no âmbito da sua ação educativa como mediador de inclusão. De modo a perceber se o Museu Agrícola de Riachos se constitui como uma instituição museológica mais inclusiva, importa observar se os diferentes códigos culturais, o respeito pela diferença, as potencialidades e os interesses dos públicos escolares culturalmente diversificados, possam ser igualmente valorizados. Neste sentido, dado o compromisso do MAR com a prática de uma museologia social assente em ações educativas para a superação das injustiças e das desigualdades sociais, são desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

Compreender como os museus poderão desenvolver a função educativa, de proporcionar os lugares de encontro, e, analisar as estratégias desenvolvidas nas aprendizagens não formais para a valorização da promoção da diversidade cultural centrada nos públicos, principalmente, o escolar.

Perceber a forma como o museu de proximidade social e cultural têm operacionalizado as iniciativas no quadro da promoção da diversidade cultural e do diálogo intercultural.

Perceber de que modo os museus cumprem efetivamente a sua função social e educativa, para tal, importa observar se a conceção de programas educativos implica a participação da Escola.

2.2 Estudo de Caso

O estudo de caso é uma abordagem metodológica muito pertinente ao procurar compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, aprofundando realidades particulares, que frequentemente são impossibilitadas com outros métodos. A escolha do método mais apropriado para o desenvolvimento da investigação está dependente do objetivo e, por conseguinte, das questões que o investigador se propõe escrutinar. Tendo em conta o objetivo para um estudo de caso, segundo Gil (1994), as pesquisas exploratórias visam compreender um fenómeno pouco estudado, enquanto as pesquisas explicativas, procuram as origens que ocasionam os fenómenos e as causas que os provocam.

Um estudo de caso é definido pela singularidade do fenómeno que se investiga, abordando-o em profundidade e de forma holística, ou seja, de maneira que permita descrever uma

situação particular, mas coerentemente. Esta metodologia caracteriza-se pela análise detalhada de um único caso, permitindo uma compreensão abrangente e contextualizada do objeto de estudo. Em geral e de acordo com Yin (2005), o estudo de caso apresenta-se com um conjunto de meios capazes de responder a questões de investigação do tipo “como” e “porquê”, no sentido de explorar melhor o fenômeno em estudo. A singularidade reside na especificidade e particularidade do fenômeno, que é explorado considerando todas as suas complexidades. A profundidade refere-se ao nível detalhado de investigação, envolvendo múltiplas fontes de dados e métodos de coleta, como entrevistas, observações e análise documental. A abordagem holística implica considerar o fenômeno na sua totalidade, incluindo as suas interações e influências contextuais, oferecendo uma visão completa e integrada que vai além de análises superficiais ou fragmentadas.

Um estudo de caso não é apenas uma pesquisa qualitativa, podendo também conter evidências quantitativas para auxiliar na explicação do fenômeno estudado. Embora tradicionalmente associado à coleta e análise de dados qualitativos, como entrevistas e observações, o estudo de caso pode integrar dados quantitativos, como estatísticas e frequências, para oferecer uma análise mais robusta e abrangente. Esta combinação de métodos permite uma compreensão mais completa e detalhada da realidade pesquisada, responsabilizando-se pela interpretação dos resultados e contribuindo para a validação das conclusões. A integração de evidências quantitativas e qualitativas no estudo de caso facilita a triangulação de dados, aumentando a confiabilidade e a profundidade da análise, além de possibilitar uma visão multifacetada do fenômeno em questão. Todavia, importa ressaltar, relativamente às generalizações que possam ser produzidas a partir do estudo de caso. Estas, são trabalhadas sobre unidades de análise e cada uma com características diferentes, portanto, as generalizações só são admissíveis às proposições teóricas ou generalizações analíticas (Yin, 2015). Ao presente estudo atribui-se uma qualidade descritiva e interpretativa, o investigador não tem permissão para fazer uso de qualquer domínio sobre as ocorrências e o estudo centra-se na investigação do seu próprio contexto. Esta metodologia destaca-se pela sua capacidade de fornecer uma análise detalhada e aprofundada de casos específicos, permitindo uma compreensão mais holística, contextualizada e significativa do conhecimento. A construção de um suporte empírico que se alicerça numa estratégia metodológica própria, de acordo com o objeto de estudo, parece, na sua essência, receber por direito as características da investigação qualitativa. Na medida

em que “*Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico*” (Bogdan & Biklen, 2010, p. 16). Para os autores, o estudo de caso configura-se como uma abordagem que é apropriada quando o problema estudado é complexo e de natureza social. Esta metodologia regula-se por uma lógica que conduz as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos¹², com a particularidade de que o fim da investigação é o estudo intensivo de um caso. Ainda que, segundo os autores, os estudos de caso reclamem a posse de uma estratégia abrangente, e possam integrar em si, as evidências quantitativas, e, ao se conformarem como uma estratégia abrangente, espelham as vantagens da complementaridade dos dois métodos. Neste ponto de vista, sublinha-se a importância das entrevistas semiestruturadas qualitativas e o questionário quantitativo, por que uma análise de dados rigorosa é fundamental, o produto final é uma descrição exata “*do caso que constitui o objeto de estudo*” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 236). Segundo os autores, a conjugação destes dois paradigmas, tem sido objeto de discussão das vantagens e inconvenientes da sua utilização em trabalhos de investigação, assim como, a possibilidade de os usar em complementaridade. Tratando-se de um estudo de caso de natureza empírica, é possível um vasto e pormenorizado conhecimento da realidade e do fenómeno pesquisado, com recurso ao método qualitativo, todavia, os dois métodos são possíveis. Assim, o estudo de caso como método, revela-se uma ferramenta valiosa para explorar e interpretar a complexidade do mundo real, oferecendo uma visão aprofundada e contextualizada dos fenómenos em análise.

2.3 A definição (e escolha) e a delimitação do objeto de estudo

A escolha e delimitação do objeto de estudo numa pesquisa científica são processos fundamentais que exigem cuidado e rigor, num primeiro momento, o investigador identifica uma área de interesse, muitas vezes relacionada a lacunas no conhecimento existente. Em seguida, realiza uma revisão bibliográfica para compreender o estado atual do conhecimento naquele campo, identificando questões não respondidas. A definição do objeto ocorre ao

¹²Tendo em conta que existe alguma diferenciação no modo de conceber, de acordo com o enquadramento conceptual dos autores, ainda assim, existe na bibliografia, um conjunto de características que enformam a metodologia dos estudos de caso, como a natureza da investigação, o carácter holístico, “*a possibilidade de fazer generalizações, a importância de uma teoria prévia e o seu carácter interpretativo constante*” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 52).

estabelecer um foco específico dentro da área escolhida, considerando a viabilidade, a relevância e a originalidade. Com a mudança de paradigma ocorrida nos museus, iniciou-se uma transformação e uma redefinição de uma instituição vista como exclusiva, passando, presentemente, para uma instituição socialmente responsável e ao serviço dos seus públicos (Carvalho, 2014).

Tratando-se de um estudo de caso, o universo empírico da pesquisa qualitativa, restringe-se ao grupo que será estudado e ao espaço museológico onde será efetuada a investigação. Todavia, apesar de não existir a preocupação com a aleatoriedade deste universo empírico, para Freixo (2011), a escolha deve subjugar-se ao objeto de investigação, isto é, o local e os informantes qualificados escolhidos para o estudo, devem reunir as condições elegíveis de explicitação da problemática da investigação. Para um museu etnográfico e de tipologia comunitária, o Museu Agrícola de Riachos (MAR), tem como propósito na sua ação museológica a própria comunidade, o que do ponto de vista da diversidade cultural, significa a apropriação do seu património cultural para uma melhor integração social.

Tendo em conta a sua natureza social, estas instituições museológicas atuam como agentes de inclusão social, na medida em que proporcionam as condições para a compreensão da diversidade cultural. Ao exporem os seus artefactos é produzido todo um discurso expositivo, e no quadro das atividades educativas oferecidos pelo Museu, são processadas as aprendizagens não formais dos públicos escolares social e culturalmente diversificados. O Museu Agrícola de Riachos (MAR), de tipologia comunitária, tem como propósito, desenvolver ações educativas e formativas para o público escolar diferenciado, para uma educação patrimonial e para promover o exercício de uma cidadania ativa.

A delimitação envolve estabelecer limites temporais, geográficos e conceituais para garantir a exequibilidade da pesquisa, para esta ter sucesso, é crucial delinear o objeto de estudo de modo a suprimir perdas de tempo. Decisões sobre a metodologia também influenciam na escolha do objeto, sendo essencial alinhar a questão de investigação com os métodos adequados, ou seja, delimitando o objeto de estudo desde a fase inicial do projeto e acompanhando todo o planeamento da pesquisa (Carmo & Ferreira, 2008). A definição clara do objeto é essencial para orientar a coleta e a análise de dados, proporcionando uma base sólida de contribuições significativas para o conhecimento científico.

2.4 O tipo de amostra e a sua caracterização

A amostra desempenha um papel importante no desenho de uma pesquisa, sendo um componente fundamental do método científico, por meio da amostragem, é possível selecionar representantes de uma população, permitindo a generalização dos resultados. Esta abordagem influencia diretamente a qualidade e validade dos dados obtidos, tanto qualitativos quanto quantitativos, durante o percurso de uma investigação. O presente trabalho para esta dissertação, visa examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos (MAR), Torres Novas, para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diversificados. Nem todas as turmas do 1º Ciclo do CER realizam visitas ao Museu, o que levanta o problema da inacessibilidade a toda a população escolar, portanto, somente parte dessa população está disponível e, a partir dela, constituir-se a amostra. Assim, esta parte é a população amostrada e, “*Amostras não probabilísticas podem ser selecionadas tendo como base critérios de escolha intencional sistematicamente utilizados com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra*” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 215). A escolha cuidadosa dos participantes ou elementos a serem estudados objetiva assegurar uma representação significativa do fenómeno em questão, para isso, a seleção da amostra tem de ser feita de modo a reproduzir a imagem do conjunto da população¹³ que se quer observar. De modo a assegurar que a seleção da amostra seja representativa do universo da população escolar e dos representantes da Instituição museológica, foram avançados alguns critérios. A amostra intencional, também conhecida como amostragem não probabilística, é um método deliberado e não aleatório de seleção de participantes para uma pesquisa. Como se trata de uma amostragem não aleatória, a escolha de cada elemento que irá integrar a amostra, é feita, em maior ou menor escala, em pressuposições a respeito da população alvo. Neste tipo de amostra (intencional), o investigador escolhe deliberadamente os elementos que acredita serem mais relevantes para atender aos objetivos da investigação, e não tanto pela sua representatividade.

Deste modo, a investigação pode incluir indivíduos com características específicas, conhecimentos especializados ou experiências particulares, tal como refere Luísa Aires

¹³Visto que, o estudo visa examinar os contributos do objeto de estudo para a formação e inclusão dos públicos escolares culturalmente heterogéneos, “*a dimensão e os elementos escolhidos da amostra dependem dos objetivos do estudo*” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 215). Portanto, a escolha de determinados elementos para fazerem parte da amostra, é feito na convicção deliberado do investigador, por acreditar que esses elementos são bem representativos da população.

(2015),” *esta perspectiva de amostragem é intencional porque os sujeitos que a constituem não são escolhidos ao acaso*” (Aires, 2011, p. 22). E a escolha recai pela conveniência e fácil acessibilidade dos sujeitos, aqueles, que efetivamente melhor produzem informação de qualidade para este estudo, falamos dos informantes qualificados. A Subdiretora e Curadora do MAR, as Professoras do 1º Ciclo do Centro Escolar de Riachos, doravante designado por CER. Por outro lado, foram considerados como elementos da população todos os alunos das turmas do 3º e 4º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico do CER, que efetuaram visitas de estudo ao Museu Agrícola de Riachos. No quadro seguinte encontra-se exposta a distribuição da amostra recolhida.

Tabela 2.1 - Distribuição do número de representantes do Museu, professores e alunos

Distribuição da amostra		
Curadora	Representante do Museu	
(Valor absoluto)	1	
Professores	3º ano/1ºCEB	4º ano/1ºCEB
(Valor absoluto)	2	2
Alunos	3º ano/1ºCEB	4º ano/1ºCEB
(Valor absoluto)	37	37
Género	(Masculino/Feminino)	(Masculino/Feminino)
(Valor absoluto)	17/20	21/16

2.5 Os instrumentos para a recolha de dados

Os instrumentos para a coleta de dados de um estudo de caso são peças fundamentais no processo de pesquisa, estas ferramentas desempenham um papel crucial desde a fase inicial da coleta até ao tratamento e divulgação dos resultados. A utilização de questionários, entrevistas, a observação participante e a análise documental são exemplos comuns destes instrumentos, neste trabalho, cada um foi adaptado às características específicas do estudo. A escolha cuidadosa dos instrumentos influencia diretamente a qualidade e relevância para a recolha da informação no local da investigação, a que juntamos a complementaridade dos dois métodos. Por um lado, a do tratamento estatístico dos questionários, por outro lado, adicionamos a interpretação dos dados de natureza qualitativa, tendo o cuidado e preocupação em retratar a perspectiva dos participantes (Bogdan & Biklen, 2008). A precisão e confiabilidade dos dados dependem da adequação e eficácia destes instrumentos, e, por

conveniência do objeto de estudo utiliza-se as duas metodologias, com realce qualitativo, tornando a sua seleção e aplicação estratégicas para o sucesso da pesquisa de estudo de caso. Para os informantes qualificados foram aplicadas as entrevistas semiestruturadas e para os alunos do 1º ciclo do Ensino Básico do CER, a opção pelos questionários.

2.5.1 As entrevistas semiestruturadas

A entrevista semiestruturada é uma abordagem que oferece ao investigador uma flexibilidade valiosa, permitindo manter a sua presença consciente e ativa durante a interação, permitindo recolher dos indivíduos entrevistados uma variedade de interpretações e descrições que cada um tem sobre a realidade. Esta metodologia propicia um equilíbrio entre uma estrutura pré-determinada e a adaptabilidade necessária para explorar as subtilezas subjetivas da situação/narração do entrevistado, para Flick (2005) as entrevistas semiestruturadas têm bastante utilização pelo elevado interesse que despertam. Estas entrevistas foram realizadas tendo por suporte um guião que é um instrumento “*capaz de produzir todas as informações adequadas e necessárias para testar hipóteses*” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 181)

Ao contrário de entrevistas totalmente estruturadas, onde as perguntas são fixas, ou entrevistas não estruturadas, que podem ser mais subjetivas, a entrevista semiestruturada oferece um meio termo. Ou seja, inicia-se na base de um guia de assuntos e sem a obrigação de ter todas as perguntas pré-definidas, possibilitando que o investigador ajuste a sua abordagem com base nas respostas e no contexto emergente. Uma das vantagens neste tipo de entrevista e, de acordo com Bell (2004), é o facto de não ser preciso um modelo de perguntas, nem ter de perguntar sempre o mesmo, mas, dando espaço ao entrevistado para que possa sentir-se à vontade para responder. Esta dinâmica promove uma interação mais próxima, permitindo ao entrevistador explorar tópicos de forma mais aprofundada e com maior riqueza de detalhes, ao mesmo tempo em que mantém a subtileza do detalhe para compreender a perspetiva e experiência do entrevistado.

As perguntas, contudo, foram realizadas a cada um dos intervenientes qualificados sem a obrigatoriedade de seguir a ordem pré-definida no guião, ou seja, o roteiro de entrevistas é um guia para impedir lacunas (Triviños, 2009). O roteiro semiestruturado, contemplava uma série de perguntas abertas sobre as novas dinâmicas de integração social e cultural dos públicos escolares visando o desempenho da ação educativa e inclusiva na valorização da cidadania e da diversidade cultural, na ótica dos atores institucionais do MAR.

As visitas de estudo, na perspetiva dos atores do sistema escolar incluídos no roteiro, abordavam a escola, cujas aprendizagens estão muito viradas para os currículos e constrangidas no cumprimento dos programas escolares, onde não existe questionamento na transmissão do conhecimento de docente para aluno. Esta abordagem flexível favorece a obtenção de dados ricos e contextualmente significativos, frequentemente, nas visitas de estudo, existem muitas discrepâncias entre o discurso expositivo do Museu e o objetivo curricular da Escola, entre a aprendizagem formal e não formal. Abaixo, a tabela oferece os perfis dos entrevistados.

Tabela 2.2 - Perfil dos entrevistados

ENTREVISTA	GÉNERO	ANOS/SERVIÇO	HABILITAÇÕES ESCOLARES	PROFISSÃO	LOCAL de TRABALHO
E1	F	34	Licenciatura	Curadora	Museu
E2	F	29	Licenciatura	Professora	CER
E3	F	29	Licenciatura	Professora	CER
E4	F	36	Licenciatura	Professora	CER

2.5.2 O questionário

O questionário é uma valiosa técnica de coleta de dados na pesquisa científica, oferecendo uma abordagem estruturada para reunir informações de forma eficiente, na sua essência, objetiva a recolha de elementos para indagar sobre um grupo representativo da população que se quer estudar. Consiste numa série de perguntas cuidadosamente elaboradas, destinadas a extrair dados específicos dos participantes e, como técnica de recolha de informação, não proporciona qualquer interação presencial entre investigador e inquirido (Carmo & Ferreira, 2008).

Sendo o objetivo da pesquisa quantitativa, a quantificação de dados e a generalização dos resultados da amostra para a população alvo, o questionário, como instrumento de medida revela os objetivos do estudo e proporciona a padronização, permitindo comparações diretas entre diferentes participantes. Assim, a qualidade dos resultados conseguidos só é possível, em grande medida, pela fiabilidade e validade do questionário, desde que as informações indagadas possam ser recolhidas de um modo rigoroso (Fortin, 2009).

Ao utilizarem questionários, os investigadores podem abordar uma vasta gama de tópicos, desde atitudes e opiniões até comportamentos e características demográficas da população-

-alvo a estudar. A flexibilidade demonstrada, torna-os adaptáveis a diversas áreas do conhecimento, em que a formulação precisa das perguntas está subjacente a que *“Na redação de um questionário, é preciso ordenar as opções de resposta previstas nas questões fechadas”* (Gonçalves, 2007, p. 205). Por outro lado, ao se dispor metodicamente de um conjunto de perguntas, para o mesmo autor, é possível a recolha de dados primários, uma linguagem direta, simples e transparente, com objetividade, com limites na sua dimensão e de modo a tornar inteligível a natureza da pesquisa. Ou seja, a redação na elaboração das perguntas deve ter como princípio orientador, por um lado, a coerência e, por outro a neutralidade, para não produzir efeito de indução na resposta.

Todavia, um questionário, traduz-se por uma interrogação a um conjunto de indivíduos visando a generalização, neste trabalho, os públicos escolares a estudar são social e culturalmente heterogêneos, o que significa colocar a mesma pergunta a todos eles, por exigência de uma interrogação ordenada. O que, necessariamente, implica que cada pergunta, palavra a palavra e no seu conjunto compreendida, não apenas entendida, mas percebida e inteligível por todos os alunos e da mesma maneira (Gonçalves, 2007). Se os alunos dos 3º e 4º anos do 1ºCiclo de Ensino Básico de Riachos interpretam de modo diverso a mesma pergunta, na verdade, os alunos não respondem à mesma pergunta, mas a perguntas diferentes, nas palavras de Albertino Gonçalves (2007), *“Nestas circunstâncias perde, inclusivamente, algum sentido a categorização posterior das repostas, fatalmente ferida de confusão e desajuste”* (Gonçalves, 2007, p. 209).

2.5.3 A observação participante

A observação participante é uma metodologia de pesquisa que envolve a participação do investigador no ambiente natural onde ocorre o estudo, e no terreno, o investigador pode precaver-se para fazer o registo das observações; com o bloco de notas e depois registar no diário de pesquisa, gravações em áudio e vídeo. Pelo facto de o investigador estar presente, prende-se como uma forma de prolongar um compromisso tácito que recompensa o trabalho no terreno, no sentido de uma relação dialógica de tempo e espaço. Assim sendo, estivemos em algumas atividades do Museu (MAR), concretamente em conferencias, fóruns e lançamento de livros, permitindo perspetivar este espaço museológico para lá das exposições.

Diferenciando-se de abordagens mais distantes, este método procura compreender os fenômenos sociais e culturais dos públicos escolares heterogêneos, ao participar diretamente das atividades e interações do grupo em análise. Durante este processo, o investigador observa, interage e registra dados de maneira a capturar subtilezas e detalhes, ou seja, procede-se a uma recolha que podem não ser acessíveis por meio de métodos mais tradicionais. Para o investigador que observa, Judith Bell (2004) indica “*Quer a sua observação seja estruturada ou não, que seja participante ou não, o seu papel consiste em observar e registar da forma mais objetiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos*” (Bell, 2004, p. 164).

Esta abordagem é particularmente útil em estudos exploratórios, descritivos e em pesquisas que procuram uma compreensão profunda do contexto em que o fenómeno ocorre. Ao se integrar no ambiente natural, o investigador pode obter uma perspectiva mais autêntica, identificando padrões comportamentais, dinâmicas sociais e fatores culturais que influenciam o fenómeno em questão. Através da observação participante, a presença no Museu permite ao pesquisador conhecer e dar-se a conhecer, pela necessidade de estabelecer uma determinada interação com a circunstância observada, “*afetando-a e sendo por ela afetado*”¹⁴. Para o autor, um dos problemas a enfrentar, tem a ver com a necessidade de ser tomada no Museu, a decisão do que deve ser observado e quem se vai observar, porém, a forma e o nível de participação durante as visitas ao Museu não dependem somente dos interesses do pesquisador e da pesquisa. O investigador, ao adotar uma posição flexível no modo de entender a sua participação com os alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB do Centro Escolar de Riachos, teve em mente estabelecer uma alternância e um certo distanciamento durante a visita ao Museu. Foi necessário algum cuidado na ocupação deste espaço, para além de ganhar a confiança das crianças, a visita estava organizada e as atividades foram realizadas em momentos diferentes, onde foi produzido todo o discurso expositivo pela Curadora do Museu.

¹⁴Na realidade, existem várias formas e em diferentes graus de se realizar a participação na observação do fenómeno a estudar, para além das diferentes definições da observação participante, mais ou menos rígidas ou flexíveis. Para João Amado (2014), a primeira definição, sugere uma certa imposição na partilha de atividades com o sujeito investigado de modo direto e completo, fazer o que ele faz, já a adoção de uma posição flexível, não obriga o investigador a ter de fazer o que o observado faz (Amado, 2014). No caso deste trabalho de dissertação, a presença de alunos do 1º Ciclo do CEB (até dez anos), a investigação com crianças e no âmbito das visitas de estudo ao Museu, parece razoável e até aconselhável, uma observação participante flexível. Com esta posição pouco rígida, a interação foi mais fácil com os alunos, permitiu uma maior proximidade e o estabelecimento de pequenos diálogos e comentários sobre os artefactos expostos.

Assim como as intervenções das Professoras das respectivas turmas, claramente, tentando uma aproximação aos currículos escolares, sobretudo, em retirar do discurso museológico produzido sobre os artefactos, qualquer evidência com o meio social e cultural local. Nas visitas de estudo, frequentemente, existem desencontros entre o discurso dos museus e as necessidades das escolas, levando estas a assumir uma posição submissa relativamente à posição hegemónica dos museus (Ornelas, 2016).

Uma observação participante, direta e no local, permite dar conta de ocorrências que acontecem de forma natural com alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB durante as visitas de estudo ao MAR, onde foi possível registar comportamentos e comentários supostamente aleatórios. Todavia, podem servir de suporte para averiguar determinados pressupostos teóricos, nomeadamente, os contributos do MAR para a formação e inclusão dos públicos escolares, onde se cruzam os discursos expositivos com a rigidez curricular.

2.6 A complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa

A metodologia adotada nesta pesquisa privilegia o método de estudo de caso, integrando diversas técnicas de investigação para garantir uma análise abrangente e detalhada do objeto de estudo. Pelo nosso entendimento, tanto as técnicas qualitativas quanto as técnicas quantitativas, o bom senso diz-nos que ambas apresentam competências e limitações. Todavia, o presente trabalho de investigação, releva com clareza qual é a questão da pesquisa e quais são os objetivos a atingir, obviamente, com a intenção de garantir a unidade e coerência no desenho desta investigação, salvaguardando a advertência de Yin (2005) sobre a combinação de métodos.

A metodologia escolhida para este trabalho, é favorável à aplicação do método de estudo de caso que conjuga várias técnicas de recolha de dados como a pesquisa bibliográfica, documental e a observação participante, as entrevistas aos informantes qualificados e um questionário dirigido ao público-alvo escolar. A construção de um trajeto de natureza empírica, em conjugação com várias técnicas de investigação, para examinar quais os contributos do objeto de estudo para a formação e inclusão do público-alvo escolar, determina a escolha dos dois métodos, com maior incidência qualitativa.

As entrevistas permitem a obtenção de dados qualitativos profundos, explorando as perceções, opiniões e experiências dos participantes de forma direta e personalizada. Este método favorece uma compreensão rica e contextualizada do fenómeno estudado. Por outro

lado, o questionário complementa esta abordagem ao fornecer dados quantitativos, possibilitando a coleta de informações de um maior número de indivíduos de maneira padronizada e comparável. A combinação destas técnicas permite a triangulação de dados, aumentando a validade e confiabilidade dos resultados. Ao conjugar entrevistas e questionários, a investigação beneficia das vantagens de ambos os métodos, compensando as limitações inerentes a cada um deles quando utilizados isoladamente.

A metodologia de estudo de caso, com esta abordagem na perspectiva da complementaridade, é particularmente eficaz em contextos complexos onde é necessário analisar as relações estabelecidas entre os museus de proximidade e as novas dinâmicas de integração social e cultural. Com o cruzamento das várias técnicas e instrumentos de recolha de dados, é possível capturar a dinâmica e a riqueza das situações reais, proporcionando uma visão holística e detalhada que contribui significativamente para a compreensão do fenómeno investigado.

Combinar técnicas qualitativas e quantitativas com o objetivo de produzir inferências mais robustas sobre o fenómeno a estudar é uma estratégia metodológica valiosa. As técnicas qualitativas, como entrevistas e observações, permitem uma compreensão profunda e contextualizada dos comportamentos, motivações e experiências dos participantes, capturando nuances e complexidades e que dados estatísticos podem deixar passar. Por outro lado, as técnicas quantitativas, como questionários e análises estatísticas, oferecem dados mensuráveis e generalizáveis, possibilitando a identificação de padrões e relações entre variáveis em amostras maiores.

A integração destas abordagens complementares permite uma triangulação dos dados como uma “*estratégia de validação*” Flick (2005), exatamente, pela possibilidade de combinação de metodologias para estudo do mesmo fenómeno. Esta combinação favorece a análise ao fornecer múltiplas perspectivas sobre o fenómeno estudado, aumentando a validade interna e externa da pesquisa. Assim, ao utilizar tanto métodos qualitativos quanto quantitativos, o investigador consegue uma visão mais completa e aprofundada, facilitando a elaboração de inferências mais precisas e abrangentes sobre o objeto de estudo

2.7 Entrevista semiestruturada e o roteiro

No contexto da pesquisa qualitativa, pretende-se caracterizar as possibilidades propostas pela entrevista semiestruturada, descrevendo-a como instrumento de recolha e tratamento de

dados dentro de uma perspectiva qualitativa e interpretativa, capaz de extrair significados, padrões e temas subjacentes aos dados textuais. Nesta conjuntura, este tipo de entrevista semiestruturada, configura uma opção pela recolha de informação através de uma perspectiva descritiva e, por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, o principal objetivo das perguntas é promover uma compreensão aprofundada e clara dos fenómenos sociais vivenciados pelos participantes. Neste sentido, Triviños (2009) associa a entrevista semiestruturada a uma perspectiva tórica de sustentação fenomenológica na busca de explorar a experiência vivida, concentrando-se na forma como os indivíduos percebem e atribuem significado ao mundo em seu redor. Assim sendo, as perguntas devem ser formuladas de modo a incentivar o entrevistado a descrever as suas experiências de maneira rica e detalhada, sem a interferência de pressupostos ou interpretações por parte do pesquisador. Ou seja, o autor reconhece que a entrevista semiestruturada *“ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”* (Triviños, 2009, p. 146).

Por que se trata de uma entrevista semiestruturada, isto é, permite colocar perguntas no decorrer da conversação que não estavam previstas no guião, a definição de categorias pode ser desafiadora. Na medida em que estas categorias se constituem como grandes enunciados que abrangem uma grande diversidade de temas, de diferentes graus de proximidade e que, após a sua análise, se enquadrem nos objetivos do estudo e permitindo uma visão diversificada dos temas abordados. Neste processo, é importante o domínio teórico-metodológico do investigador durante toda a pesquisa, como fez notar Triviños (2009), delimitar os objetivos da investigação implica este conhecimento e, antes da entrevista, uma reflexão sobre a consistência e a pertinência das questões elencadas pelo pesquisador.

No entanto, em entrevistas semiestruturadas, as categorias não são tão óbvias quanto em métodos mais estruturados, neste sentido, o investigador precisa de lidar com a complexidade dos dados e a multiplicidade de perspectivas dos entrevistados. A categorização para Carmo e Ferreira (2008), apresenta obstáculos que o investigador tem necessariamente de enfrentar: categorias definidas à priori correm o risco de não se ter em conta aspetos relevantes do conteúdo; categorias definidas a posteriori, exigem leituras constantes do texto e de acordo com os objetivos da investigação. Isto pode exigir uma

abordagem mais flexível e com influência recíproca na definição das categorias, com constantes revisões e atualizações, à medida que novas percepções são conseguidas.

As perguntas no guião de uma entrevista semiestruturada têm como objetivo principal direcionar a coleta de informações relevantes para a pesquisa, permitindo ao entrevistador explorar os tópicos de forma aprofundada. Elas são formuladas de maneira a abranger os aspetos essenciais do estudo, garantindo que o investigador obtenha os dados necessários para responder às questões da pesquisa. Embora o guião apresente um conjunto de perguntas pré-definidas, este também oferece flexibilidade para que o entrevistador possa adaptar o rumo da conversa conforme surgem novas informações, sempre dentro do tema proposto. Desta forma, o guião ajuda o investigador a manter o foco no assunto central, conduzindo a entrevista de forma estruturada, mas permitindo também que se explorem aspetos inesperados ou emergentes. Este equilíbrio entre estrutura e flexibilidade é fundamental para obter dados ricos e detalhados, sem perder a objetividade e o direcionamento da pesquisa. Além disso, o guião permite um avanço sistemático da entrevista, sem desvios que comprometam a qualidade e a coerência das informações recolhidas. Assim sendo, a entrevista pode ser entendida como um processo de interação social, que ocorre entre o pesquisador que possui um objetivo já definido e, um entrevistado que, na qualidade de informante qualificado, possibilita informações valiosas sobre o fenómeno em estudo.

Porém, será a problemática e os objetivos que determinam todas as decisões, para João Amado (2014), tanto em aspetos provavelmente marginais ao conteúdo, como em pormenores mais relevantes para a sua compreensão. Ao adotar técnicas apropriadas e manter a transparência em todo o processo, o investigador pode obter uma perspetiva válida e significativa para responder às questões da sua investigação.

A seleção por esta modalidade de entrevista, permite ao mestrando, conhecer em profundidade o contributo do MAR para a formação e inclusão dos públicos escolares culturalmente diversificados. Para tal, foram incluídas questões específicas aos informantes qualificadas para se perceber a importância da visita de estudo ao Museu na aprendizagem dos alunos, a forma como são planeadas as atividades e como o Museu realiza as ações museológicas inclusivas.

Na tabela em baixo, podem ser visualizadas as seguintes categorias, tópicos e questões, para a realização da entrevista.

Tabela 2.3 - Caracterização da entrevista semiestruturada.

Categories	Tópicos	Questões
Caracterização da Curadora do Museu	Informação pessoal	Qual a sua formação académica?
	Coordenadora do Serviço Educativo do Museu	A equipa do Serviço Educativo é composta por quantos elementos?
Perceber a importância do Serviço Educativo	A organização do Serviço educativo	Como são planeadas as atividades formativas?
	Os meios de divulgação	Quais são os meios de divulgação utilizados para os diversos públicos?
Conhecer as práticas museológicas do MAR para a inclusão	O Museu como um agente educador	Qual a importância da educação?
	A comunicação no espaço museológico com os alunos	Como são programadas as atividades realizadas no Museu?
	Identificar o papel da educação como mediador de inclusão	No contexto do Museu, qual a importância atribuída à inclusão? São adotadas algumas estratégias?
Perceber se o discurso expositivo está alinhado com o currículo escolar	Identificar as necessidades da Escola no cumprimento do programa escolar	Considera que as imposições programáticas das escolas são um constrangimento ao estabelecimento de relações pedagógicas entre escolas e museus?
	Apropriação do património cultural	O Museu como espaço de comunicação
A experiência de visitas de estudo coloca questões de integração social e cultural	Perceber o impacto das vistas de estudo na aprendizagem	Quais as atividades que considera mais importante para os alunos? Considera a visita de estudo como elemento facilitador da aprendizagem?
	Papel do Museu como lugar de aprendizagem	A visita ao Museu pode constituir uma estratégia de aprendizagem colaborativa para a construção de significados?

2.8 Questões éticas

Na investigação científica, o respeito à ética é essencial e deve ser observado em várias dimensões, tendo em conta que, a reflexão ética deve anteceder os aspetos científicos por forma a potenciar tanto o progresso científico, assim como o progresso moral. A aprovação de um bom comportamento ético deve circunscrever-se como uma parte essencial do processo de investigação e, tão somente, como um requisito capaz de garantir uma investigação de qualidade. A ética, define-se assim, como uma ciência que relaciona a moralidade com o valor da vida de cada sujeito, propondo um conjunto de leis que devem orientar a conduta humana, nomeadamente, nas suas atitudes e comportamentos, nas sociedades (Fortin, 2009).

O consentimento informado é um dos pilares fundamentais, exigindo que os participantes sejam completamente esclarecidos sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo, permitindo que tomem uma decisão livre e consciente sobre a sua participação. A confidencialidade é igualmente crucial, assegurando que todas as informações fornecidas pelos participantes sejam protegidas e mantidas em sigilo, evitando qualquer exposição não autorizada. O anonimato vai além, garantindo que os dados sejam tratados de forma que os indivíduos não possam ser identificados, protegendo a sua privacidade e segurança. Além disso, a presença de uma consciência ética por parte do investigador é vital, significa que o investigador deve conduzir o estudo com integridade, evitando qualquer forma de manipulação ou influência que possa distorcer os resultados.

Esta postura não apenas preserva a validade científica do estudo, mas também protege os direitos e a dignidade dos participantes, promovendo a confiança no processo de investigação científica. A observância desses princípios éticos é indispensável para assegurar que a ciência avance de maneira responsável e respeitada, garantindo que os benefícios do conhecimento gerado não venham às custas de princípios morais fundamentais.

**CAPÍTULO III - O MUSEU AGRÍCOLA DE RIACHOS E
EDUCAÇÃO INCLUSIVA. ESTUDO DE CASO.**

3.1 O princípio de um Novo Museu: Para um novo pensar museológico

A Mesa Redonda de Santiago, ocorrida em 1972, permanece como um dos acontecimentos internacionais mais notáveis para os museus e para a história da Museologia. Constituiu-se como um marco fundamental para o desenvolvimento da Nova Museologia, um movimento que sugeria a transformação da abordagem tradicional dos museus, considerando que os museus devem participar na educação das suas comunidades. Organizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), a conferência reuniu profissionais de museus, académicos e especialistas em património cultural. A reunião revelou a necessidade de um compromisso social e político dos museus e os seus profissionais, insistindo na conceção de um novo tipo de museu, no qual a relação entre os indivíduos e o seu meio ambiente e social deveriam estar em harmonia (Primo & Soto, 2022).

A importância da Mesa Redonda de Santiago reside na sua capacidade de provocar uma reflexão crítica sobre o papel dos museus na sociedade, entendendo o museu social como uma ferramenta de educação permanente e comprometido com o alargamento das noções de cidadania. Foram postas em causa as práticas museológicas convencionais, realçando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e participativa, validando o compromisso social dos museus e sobretudo os processos museológicos comunitários (Marandino, 2008). Os participantes da Mesa Redonda reconheceram que os museus deveriam ir mais além de que simples depósitos de objetos, mas antes, procurando a sua própria transformação em espaços dinâmicos de diálogo e interação.

São reconhecidas profundas assimetrias, entre as várias partes do planeta, por implicação da progressiva utilização de meios tecnológicos e o desenvolvimento cultural, ou seja, a globalização é causadora de um conjunto de transformações económicas, políticas, sociais e culturais sentidas a nível mundial. Todavia, a perceção criada sobre a globalização, transporta em si própria o estigma de que o processo de modernização se inscreve numa progressiva integração do mundo, todavia, é causa de muitos problemas de injustiça e desigualdades sociais. É neste contexto que compete à museologia uma ação concertada relativamente aos processos de transformação social, económica e cultural, dando um novo nome ao conceito de museologia tradicional, o de Museu Integral ao serviço da comunidade. A Mesa Redonda de Santiago representa hoje um avanço no processo de transformação da

museologia, ao destacar a prioridade da ação museal no domínio da intervenção social, Moutinho (1989), tornou verdadeiramente possível um repensar global da museologia.

No contexto da Nova Museologia, a Declaração de Santiago, realizada no Chile em 1972, influenciou a conceção de museus como instituições mais abertas, comprometidas com a diversidade cultural e o respeito pelas comunidades locais. Houve um reconhecimento da importância de incorporar diferentes perspetivas, dando voz às comunidades representadas nas exposições e acelerando a discussão do papel do museu na sociedade.

Além disso, a conferência destacou a necessidade de uma abordagem crítica à preservação do património, considerando o contexto social e político em que os objetos foram coletados, e como refere Primo (1999), que o museu passe a ser considerado como um instrumento e agente de transformação social. A Conferencia de Santiago contribuiu, assim, para a evolução do campo da museologia, promovendo uma visão mais holística e contextualizada dos museus como agentes sociais. A sua influência estende-se até aos dias atuais, moldando a maneira como os profissionais de museus abordam as questões de inclusão, diversidade e representatividade nas suas práticas museológicas e educacionais. O museólogo, enquanto profissional, tem por objetivo o desenvolvimento social, como lhe é cobrado um posicionamento político/ideológico, por consequência, ele é entendido como um ser político (Primo, 1999).

3.2 O princípio da mecanização agrícola e a germinação da ideia de um Museu

O Museu Agrícola de Riachos (MAR) foi fundado em 1989, tutelado pela Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural de Riachos (ADPHNR), tem como objeto a preservação das memórias da comunidade Riachense. A ideia de um museu em Riachos, poderá ter ocorrido na primeira metade do século XX, despertada por um desuso progressivo das alfaias tradicionais. Em virtude da mecanização agrícola, a agricultura neste século caracterizou-se pela mecanização. Uma das principais razões desta transformação foi a aplicação à agricultura de inovações técnicas e, conseqüentemente, cada vez menos subordinada ao esforço físico humano e animal, a motorização da agricultura inscreveu-se, assim, num processo gradual de mecanização das fainas agrícolas (Branco, 2005). Importa, pois, realçar as diferentes fases que estas transformações causaram, tanto ao nível das alterações da agricultura como, igualmente, nos comportamentos das populações abrangidas. A este propósito, relata-nos Jorge Freitas Branco (2005);

Os campos deixaram de ocupar efectivos elevados de pessoal e o agricultor passou a ser um protagonista menos directo na produção agrícola, uma vez que maquinaria especializada se lhe foi interpondo no amanho da terra, nas colheitas e no processamento dos produtos obtidos (Branco, 2005).

Daqui resulta a necessidade sentida pelos agricultores de Riachos em guardar as suas alfaias agrícolas, cada vez mais, substituídas pela mecanização da produção agrícola que contribui para uma maior competitividade, com redução de custos, aumento da eficiência energética e ambiental no processo de produção. Com a consciência destas transformações diferenciadas do mundo rural, por um lado, pela degradação das próprias alfaias agrícolas, por outro lado, a necessidade de preservar vestígios e testemunhos destas modificações, começa a germinar a ideia de um Museu em Riachos. E foi assim, lançada a semente para um movimento popular para a materialização de uma ideia quando, em 1966, com a emblemática Festa da Bênção do Gado¹⁵, foram expostas as alfaias agrícolas tradicionais e foi o começo para a fundação do Museu Agrícola de Riachos, num antigo lagar de azeite desativado.

Com o decorrer do tempo e congregadas todas as vontades e iniciativas, procedeu-se a uma recolha de objetos dispersos pelos mais díspares lugares, desde barracões, pátios de lavoura e, imagine-se, debaixo de oliveiras e figueiras abundantemente existentes nesta zona. Este movimento contagiou muitas pessoas em Riachos, o que tornou possível a recolha de peças e objetos de cariz museológico, para serem nobremente expostas no Museu. E, são hoje, estas coleções etnográficas as fiéis depositárias de um passado, e são, também, nas palavras de Jorge Branco, os ingredientes “*insubstituíveis na fabricação de identidade local*” (Branco, 2008, p. 1)

3.2.1 Um Museu de proximidade e de comunidade: Que relação?

Os museus de proximidade desempenham um papel crucial na preservação e promoção da identidade cultural, atuando como guardiões valiosos do património e da herança local. Estas instituições têm a responsabilidade de documentar, exibir e transmitir as tradições, histórias e saberes que definem uma comunidade, identificam-se com a etnografia local juntando objetos em coleções. Ao fazê-lo, contribuem significativamente para a continuidade e compreensão das raízes culturais, da tradição, dos usos e dos costumes e permitindo que as

¹⁵A sociedade Riachense mobilizou-se em torno deste ideal, com expressão significativa na realização da Festa da Bênção do Gado em 1973. Este processo de construção de memórias coletivas que, de algum modo, afiançaram a loquacidade e diminuíram as contradições das possibilidades de participação e de mobilização para a Festa “*de uma grande exposição pública sobre alfaias agrícolas em uso nos campos*” (Figueira & Ramos, 2014, p. 55).

gerações presentes e futuras se identifiquem com as suas origens. Neste sentido, a museologia dita os princípios que norteiam este tipo de museu na sua relação com a sociedade e, também, se configura uma orientação relativamente à sua organização, muito dirigida à sua função social.

Além de serem depósitos de objetos históricos e de artefactos, são também museus de comunidade, servem como espaço educacional, proporcionando aos públicos escolares a oportunidade de aprofundar o seu conhecimento sobre a cultura local. Os artefactos desempenham um papel essencial na transmissão de tradições orais, práticas artísticas e rituais que, de outra forma, poderiam ser esquecidos ao longo do tempo. Daqui se ressalta a importância das instituições culturais, em particular o Museu de proximidade, como lugar de encontro, de diálogo e de celebração da diversidade cultural¹⁶.

A preservação da identidade cultural através do Museu de proximidade não é apenas uma questão de conservar objetos físicos, mas também de promover a inclusão e a participação da comunidade. Ao envolver os públicos escolares culturalmente diversificados na apropriação do património cultural e da identidade cultural desta comunidade, o Museu torna-se um reflexo mais autêntico da diversidade e riqueza cultural desta mesma comunidade. O Museu, aparece assim, como uma entidade dinâmica e dialogante com a comunidade, um meio difusor de cultura no qual o público está presente e é parte integrante, portanto, qualquer que seja o ponto de vista, a atividade museológica só se legitima, social e culturalmente em função do público.

Tanto no uso das exposições, como no desempenho dos profissionais do Museu, podem ser criadas as condições ideais para a participação plena da comunidade na gestão da educação e da cultura e é possível atuarem como um estímulo, consentindo um maior envolvimento da comunidade. Não desvalorizamos o sentido de que as exposições foram e ainda são uma

¹⁶Relativamente a este enquadramento deve sublinhar-se, ainda assim, o coro de algumas vozes que se levantam criticamente sobre o modo como os museus, particularmente, os de proximidade às suas comunidades, operacionalizam as iniciativas no campo de ação da diversidade cultural e do diálogo intercultural. Uma das críticas põe em questão as noções de património e identidade, pela propensão a uma visão essencialista que privilegia uma ideia de herança que é anunciada e preservada no discurso expositivo. Outro aspeto pertinente a destacar tem a ver com o discurso museológico sobre diversidade cultural, Carvalho (2015), que salienta a abundância e a importância da sua preservação, frequentemente, ignora as tensões e os conflitos associados. Quanto à operacionalização do conceito de diálogo intercultural, tendo em conta que representa o confronto de diferentes visões e interpretações, na verdade, tem pouco sucesso, pela falta de equidade em que são expostos os “*elementos do país de acolhimento e elementos do país da população emigrante na perspetiva de uma interação entre ambos*” (Carvalho, 2015, p. 38).

arena política, o lugar onde são refutados os limites de identidade e cultura. Não se apaga a história do colonialismo como um sistema de poder, porém, existe uma mudança e, esta é sentida, antes de mais, na relação das culturas ocidentais dominantes e as culturas oprimidas. Com a modernidade, assistimos ao desenvolvimento de um novo modelo de museu que foi capaz de incorporar, mas também, o responsável pela produção e reprodução dos valores sociais e culturais¹⁷.

Além disso, o Museu de proximidade desempenha um papel vital no turismo cultural, atraindo visitantes na tentativa de uma compreensão mais profunda das raízes de uma comunidade. Isto não apenas impulsiona a economia local, mas também cria oportunidades para a troca cultural e a valorização mútua entre diferentes comunidades, para Figueira e Ramos (2014), “*O museu deve ser capaz de se posicionar na comunidade dando contribuições para o que hoje se designa por gestão económica da cultura*” (p. 18).

O Museu de proximidade é uma instituição essencial para a preservação da identidade, conhecimento cultural, tradições e saberes locais. A sua importância vai além da simples preservação de objetos museológicos, estendendo-se à promoção da educação, inclusão comunitária e intercâmbio cultural. Entramos, desta forma, em terreno de negociação sobre a inclusão e exclusão, não esquecendo que os museus são inquiridos para justificarem as suas ações de exclusão e para evidenciarem comportamentos de inclusão. Assume-se, desta forma, evidenciar que os museus não estão dispensados da história e das comunidades por eles excluídas ou negligenciadas, todavia, estas reivindicam a justa reparação dos erros cometidos por estas instituições museológicas. É de todo admissível, considerar que a melhor maneira de modificar as relações entre os museus e as comunidades é admitir que os públicos, se possam constituir numa comunidade, “*um agente ativo*” (Oliveira, 2011, p.389). Ao cumprirem esta missão, os museus desempenham um papel vital na construção de sociedades mais conscientes e ligadas com as suas origens, deste modo, é possível afirmar que a relação da comunidade com o Museu, é de proximidade.

¹⁷O que diz Anico (2008), é que várias práticas e valores museológicos que vieram da modernidade, são hoje questionados, no discurso expositivo é dada a centralidade ao indivíduo e aos grupos sociais, em resultado das alterações aos modelos de comunicação e linguagens museográficas. Ou ainda, segundo a autora, pela aceitação de uma visão interdisciplinar e intercultural das temáticas expostas, e, pela substituição das noções de objeto e coleção pelo conceito de património.

3.2.2 Museu de proximidade para a promoção da interculturalidade

O Museu de proximidade e de tipologia Comunitária, como o próprio nome sugere, desempenha um papel fundamental na ligação entre a comunidade e a sua história, cultura e identidade. Ao promover a interculturalidade, o Museu posiciona-se como um espaço de encontro e diálogo entre diferentes grupos étnicos, culturais e sociais. Esta visão de integração é fundamental para fomentar um sentimento de pertença e coesão social dentro da comunidade, onde todos são convidados a participar, contribuir e a expressarem-se livremente. Daqui resulta a necessidade de introduzir uma educação intercultural, assim como, de uma educação focada nos valores da cidadania, constituindo-se ambas, como instrumentos essenciais nas práticas e reflexões pedagógicas. Não é alheio o facto, de os novos alunos acolhidos pelo CER, transportarem a heterogeneidade do seu meio social e cultural do qual são oriundos, o que implica uma educação capaz de respeitar e aceitar as diferenças, mas, mais importe ainda, promover o diálogo, a transformação e a mudança (Albino, 2004)

Através das suas exposições, programas educativos e atividades, o Museu de proximidade oferece oportunidades para que pessoas de diferentes origens e perspetivas possam envolver-se e aprender umas com as outras. Para isso é necessário que o Museu efetue uma nova leitura da sua coleção exposta, conheça os seus públicos, principalmente, os públicos escolares heterogéneos, adaptando as atividades educativas à diversidade étnica da sua comunidade escolar. Isto cria um ambiente esclarecido, onde as diferenças são aceites e valorizadas, ao invés de serem vistas como divisões, o Museu de proximidade, ao proporcionar a participação na construção de soluções para todos, promove também a aprendizagem de cooperação. Para o Museu e a Escola, é imperativo uma reflexão sobre formas de recíproca colaboração, criando ferramentas pedagógicas, interculturais, que liguem conhecimento e formação pessoal adequada à sociedade multicultural, para garantir a integração social e cultural dos públicos escolares diferenciados (Albino, 2004).

Além disso, ao adotar uma abordagem inclusiva, o Museu de proximidade esforça-se para garantir que todos os membros da comunidade se sintam representados e respeitados. Através de atividades diversas e com o foco em contextos de diversidade cultural expressiva, nomeadamente, com os públicos escolares, este espaço museológico pode contribuir para a comunicação e a compreensão, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência. Esta mediação enquanto processo, Calado (2016), pode favorecer a comunicação intercultural, a

integração dos públicos escolares culturalmente diversificados, tendo em vista a interação entre os alunos, a sua integração e a vivência plena da cidadania.

A igualdade é outro pilar importante desta visão. O Museu de proximidade procura criar um ambiente onde todos tenham acesso igualitário aos recursos e oportunidades que oferece, é óbvia a necessidade de encontrar os instrumentos de coexistência e de interação entre alunos de diferentes culturas. Afinal, através da ação expositiva, o Museu de proximidade executa a abordagem intercultural, divulgando conhecimentos sobre a cultura local e mostrando soluções para problemas que são, simultaneamente, “*locais e globais*” (Albino, 2004, p. 9). Isto pode significar a implementação de políticas e práticas que garantam a acessibilidade ao Museu, bem como a representação equitativa em todas as áreas de atuação do Museu.

Ao promover estes valores de integração, inclusão e igualdade, o Museu não apenas traz importância para a vida cultural da comunidade, mas também desempenha um papel vital na construção de uma sociedade mais justa e coesa. Ao reconhecer e valorizar a diversidade da sua comunidade, o Museu completa-se como um espaço verdadeiramente inclusivo e acolhedor para todos os seus participantes, contribuindo para um mundo onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas. Ao Museu de proximidade e de tipologia Comunitária, pede-se que contribua para a integração social e para a criação de laços dos públicos escolares cultural e socialmente heterogêneos, pois, “*O seu modo de comunicar valores, representações, sentidos e prioridades podem não ser colaborativos ou dialógicos*” (Silva et al, 2016, p. 24). Só através da experiência museológica vivida em resultado do discurso expositivo, é possível que os públicos heterogêneos se identifiquem e se interrelacionem com a comunidade que os acolhe, possam (re)construir a sua identidade e se identifiquem com os valores transmitidos pela apropriação do património cultural. É assim possível no âmbito desta museologia e educação intercultural oferecido pelo Museu de proximidade, o desenvolvimento de relações de carácter mais inclusivo, alterando assim a relação tradicional entre museus e comunidades (Albino, 2004).

3.2.3 A comunicação no Museu: O diálogo com o público escolar

A comunicação é um elemento fundamental em todas as interações sociais do dia a dia, desde conversas informais até discussões mais complexas, comunicar é uma atividade inerente à condição humana. Este processo desafia-nos a compreender a alteridade e a diferença, pois cada indivíduo traz consigo as suas próprias experiências, perspetivas e

entendimento do mundo que o rodeia. E o desafio consiste em entendermos os próprios museus como comunidade, tendo como finalidade, o propósito de ensinar o valor da diversidade, assumindo-se estas instituições museológicas, como espaços de diálogos interculturais, de memórias e de comunicação. Para responder à sua função didática¹⁸ e informativa, o Museu tem de estimular junto dos públicos escolares, uma reflexão histórica dos artefactos expostos com o rigor cronológico a que se referem e, num quadro suficientemente lógico, para que possa inferir sobre a sua relação com a sociedade.

Ao comunicar, somos confrontados com a diversidade de representações e percepções que existem na sociedade. Cada pessoa possui a sua própria bagagem cultural, emocional e intelectual, o que influencia diretamente a forma como interpretamos e expressamos informações. Neste sentido, a relação estabelecida entre o Museu e os seus públicos, particularmente, os escolares cultural e socialmente diferenciados constitui, pois, a base fundamental da essência desta instituição museal. O Museu, não é mais visto como depósito de guarda com objetos descontextualizados, lugar desprovido de sentimentos e de emoções. Na contemporaneidade, a educação e lazer são objetivos do Museu, onde o aprender ocorra simplesmente e a competição ceda lugar à colaboração, pois, “[...] o processo de comunicação é base necessária para a produção de conhecimento original a partir do bem cultural preservado” (Chagas, 1994, p. 46). A sua comunicação convida-nos a reconhecer e respeitar as múltiplas maneiras de ver o mundo, promovendo a afetividade e a compreensão mútua, neste sentido, o Museu de Proximidade, enquanto lugar de aprendizagem e de criatividade, pode dar o seu contributo.

No entanto, comunicar também pode representar um desafio para o Museu, especialmente quando lidamos com opiniões ou visões diferentes das nossas, por isso, os museus representam um grande desafio de comunicação. Para além de espaços transmissores de um património, os museus são ao mesmo tempo espaços estimuladores, tanto para os públicos como para a comunidade, esta comunicação pode propiciar uma experiência única e um relevante meio de comunicação (Faro, 2006). Nestes momentos, somos confrontados com a necessidade de exercitar a tolerância e a abertura para o diálogo, reconhecendo que a diversidade de ideias aumenta o nosso entendimento do mundo e nos permite crescer

¹⁸O Museu de proximidade, como instituição de cariz cultural, tem uma função de integração e promoção que lhe cumpre assumir para com os públicos escolares social e culturalmente diversificados e, para o qual é necessário encontrar respostas, isto é, a mensagem que, sem desacreditar o conceito de museologia, lhes seja adequada (Roque, 1990).

enquanto indivíduos. E mais, legitima a essência da função museológica que será a de ampliar o sentimento de pertença, o contributo para a formação do cidadão e, em última instância, para o progresso da sociedade.

É importante reconhecer que a comunicação não se limita apenas às palavras faladas ou escritas, à linguagem corporal, aos gestos e às expressões faciais. Até mesmo os silêncios desempenham um papel crucial na forma como nos comunicamos e como somos compreendidos pelos outros. O Museu de Proximidade e dentro da sua comunidade, tem procurado adotar técnicas e práticas de mediação para com os seus públicos escolares diferenciados. Para tal, socorrendo-se de formas mais apelativas de interpretação dos artefactos, um discurso expositivo muito dirigido para a aceitação do outro, no fundo, opções estratégicas de comunicação para o seu público-alvo. Portanto, é essencial desenvolver habilidades de comunicação eficazes, tanto para expressar as nossas próprias ideias, quanto para compreender as mensagens que recebemos dos outros. Durante a visita guiada dos alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB ao Museu, por nós acompanhada, foram experiências únicas e irrepetíveis para o Museu, o discurso expositivo foi adaptado a este público cultural e socialmente diversificado, constituindo um grande desafio de comunicação. Esta experiência é caracterizada por Suzana Faro (2006), e diz que “*Explorando novas formas de ver e de comunicar, o museu reforçou o poder da sua colecção enquanto veículo transmissor de informação, valores, ideias e sentimentos*” (Faro, 2006, p. 140). Afinal, esta coleção no Museu Agrícola de Riachos exposta aos alunos aquando da visita de estudo, é antes de mais, o reflexo da sua imagem na sociedade. Pelo que se impõe a necessidade de apresentar um resumo lógico e expressivo da sua coleção e selecionado com discernimento, tanto no âmbito da diversidade cultural como na uniformidade do discurso. Em resumo, a comunicação é um processo dinâmico e complexo que nos desafia a reconhecer e valorizar a diversidade de representações e perceções que existem na sociedade. O Museu tem de se afirmar pelos valores da diversidade cultural, respeitando os sentimentos individuais, ancorados em questões de pertença ou de não pertença e as suas consequências na interação social com o outro, são instrumentos essenciais para o estabelecimento da comunicação no Museu. Ao promover o diálogo e a compreensão mútua, a comunicação não é neutra nem exterior ao sujeito, pois, permite-nos construir relações mais harmoniosas e colaborativas, contribuindo para um mundo mais inclusivo e respeitado. Neste ponto de vista, o Museu, entendido como um canal de comunicação com o público escolar, sendo por ele representado através de

estratégias de mediação e, utilizadas, tanto no espaço expositivo como na ação educativa inclusiva¹⁹, deve ser capaz de produzir uma comunicação interpessoal. O MAR tenta sempre afirmar-se como um espaço de diálogo com os públicos escolares, de comunicar e trocar experiências, promovendo uma aprendizagem de proximidade e colaborativa, supondo-se que tanto a professora como a educadora do Museu, possam também aprender com os seus alunos.

3.2.4 A comunicação através dos meios digitais

A comunicação museológica através dos meios digitais para a divulgação das atividades formativas e culturais do Museu de Proximidade oferece inúmeras oportunidades para ampliar o alcance e o interesse do público. Utilizando websites, redes sociais, newsletters, Facebook e WhatsApp, o museu pode criar uma presença online robusta que atrai e informa visitantes sobre as suas iniciativas. As redes sociais permitem interações em tempo real, facilitando a divulgação de eventos, exposições e workshops, além de promover debates e discussões que valorizam a experiência cultural e educativa. Websites interativos e aplicativos móveis podem oferecer visitas virtuais, acesso a coleções digitais e recursos educativos que complementam a aprendizagem formal e informal. Webinars, podcasts e vídeos educativos são ferramentas eficazes para alcançar públicos diversificados, proporcionando conteúdos acessíveis a qualquer momento e lugar. A comunicação digital também facilita a personalização das atividades, atendendo às necessidades e interesses específicos de diferentes grupos, como escolas e famílias. Neste sentido, o Museu comunitário e de proximidade distingue-se como instituição que aprende a dialogar com os seus públicos escolares através dos meios tecnológicos. Ao criar uma plataforma de comunicação e divulgação, o Museu “*enquanto instituição ao serviço da sociedade tem de assumir e interiorizar as mudanças como ponto de partida da sua própria atividade*” (Roque, 1991, p.15). A comunicação museológica digital expande significativamente a capacidade do Museu de Proximidade de divulgar as suas atividades formativas e culturais, tornando-as mais acessíveis e atraentes para um público amplo e diversificado.

¹⁹É a partir do novo paradigma da museologia que o processo comunicacional do objeto cultural se altera, para proporcionar uma interatividade mais alargada entre o artefacto museológico e o seu público, ou seja, um sujeito recetor mais participativo “*no processo de apreensão e de resignificação do objeto cultural presente na exposição*” (Tojal 2013, p. 18)

3.3 A educação museal como prática educativa para a inclusão

A educação museal é um campo multifacetado que abarca uma ampla gama de práticas e atividades desenvolvidas dentro do contexto dos museus, portanto, o Museu é uma instituição comprometida com o processo educacional. Estas práticas não se limitam apenas às exposições e acervos em exibição, mas também incluem programas educativos, atividades formativas e interativas, workshops, palestras, visitas guiadas, publicações e recursos online, conferindo aos museus um papel social que se reflete, igualmente, no papel educativo. Assim sendo, os museus não são apenas depósitos de objetos, o foco já não é a coleção para passar a ser a comunicação, na qual a aprendizagem faz parte. Deste modo, a educação museal, atribui e si própria a obrigação de impulsionar a participação, o reconhecimento e a incorporação das diferentes formas de preservar o património, ou seja, de acordo com as práticas de comunicação cultural da sua comunidade. E, para o conseguir, promove a reflexão sobre as origens culturais que se constituem como pilares identitários da comunidade, assim como, as formas de construir conhecimentos e relações intersubjetivas entre os públicos escolares culturalmente diferenciados. Estas iniciativas são cuidadosamente planeadas e realizadas pelo Museu de Proximidade, com o objetivo de promover a aprendizagem não formal, propondo o questionamento e a reflexão dos visitantes, particularmente, os públicos escolares.

A educação museal é um campo dinâmico que transcende o simples ato de preservar e exhibir artefactos, mas antes, um processo complexo e interligado, envolvendo os públicos escolares heterogêneos na construção ativa do conhecimento sobre a comunidade em que se inserem. Ao envolver estes públicos escolares em experiências educativas dentro do Museu, esta abordagem, visa promover uma compreensão mais profunda e significativa da realidade social, cultural e histórica da comunidade acolhedora, além disso, reúne condições para proporcionar uma visão inclusiva e ética entre os seus participantes.

Com este posicionamento, pressupõe-se que o Museu de Proximidade tem a capacidade de participar e interagir com a comunidade onde está inserido, utilizando as suas coleções para educar, para alargar os horizontes e a aceitar a diferença. Neste sentido, a política educacional, deve dirigir-se para uma ação multidisciplinar que englobe diferentes perspetivas e visões do mundo, assumindo o seu desempenho moralista e ético²⁰, o Museu

²⁰Efetivamente, o Museu de Comunidade, como o MAR, a sua ligação de proximidade à sua comunidade permite-lhe estabelecer uma política para a diversidade dos seus públicos, o que se traduz por uma política para a inclusão e do livre acesso para todos. Com esta estratégia a favor da democratização do acesso como

de Proximidade coloca-se como um defensor no combate contra a intolerância e os preconceitos.

Através da educação museal, os museus transformam-se em espaços dinâmicos de conhecimento e diálogo, onde os públicos escolares podem explorar diferentes temas, culturas e períodos históricos de forma envolvente e significativa. Destaque para este público como um dos mais assíduos nos museus, tomando o Museu como instrumento de educação que se complementa com a escola. Além disso, a educação museal desempenha um papel crucial na preservação e interpretação do património cultural, ajudando a transmitir valores, tradições e narrativas que moldaram a sociedade ao longo do tempo. O Museu de Proximidade assume, deste modo, o seu papel de educador e oferecendo ações educativas muito focadas a um público frequente destes espaços museológico, os públicos escolares, e está muito centrado na heterogeneidade cultural e social destes.

Para finalizar, a educação museal legitima-se como área dinâmica e multifacetada, que abrange uma ampla variedade de práticas e iniciativas voltadas para a promoção da aprendizagem, do diálogo e da participação ativa dos públicos escolares diferenciados no Museu. A educação museal é um processo contínuo e multifacetado que visa capacitar os públicos a se tornarem agentes ativos na preservação e na recriação da realidade social, cultural e histórica da sua comunidade. O Museu de Proximidade tem o potencial de educar para a cidadania, inspirar mudanças positivas e duradouras na sociedade, contribuindo para o enriquecimento da vida cultural e social da sua comunidade.

3.4 A ação museal no campo da intervenção social

Em Portugal, os museus que se reivindicam de uma nova perspetiva museológica, são o resultado de iniciativas locais, e que obtiveram sucesso no quadro de associações culturais, de defesa do património ou das próprias autarquias. A ocupação de um edifício ou Sede, serve para instalar pequenas exposições com carácter permanente, noutros casos, de duração temporária, aqui funcionam os serviços administrativos, a biblioteca, as oficinas, o auditório, o centro de documentação e as salas de reuniões. Os Museus Locais preconizam uma nova perspetiva museológica suportada na participação comunitária, na dinâmica do património e

nos diz Ana Carvalho (2014), os museus manifestam a capacidade de promover a mudança na sociedade, utilizando as suas coleções para educar, informar, inspirar, para a criatividade, alargar horizontes e novas perspetivas plurais, de modo a “*capacitar os indivíduos e as comunidades para um maior controlo sobre as suas vidas*” (Carvalho, 2014, p. 158).

da memória²¹, assim como, na integração do museu no ambiente social e cultural das diferentes comunidades e como fator de desenvolvimento sustentável do território onde se insere. O Museu Agrícola de Riachos, é um museu de proximidade à sua comunidade e que entende a sua intervenção patrimonial como uma forma de alcançar os meios que levam ao desenvolvimento da população onde está inserido. A intervenção do MAR não se resume ao trabalho com as coleções, assumindo, na sua generalidade, uma interferência, entre outros aspetos, na área da valorização dos recursos locais, patrimonial e cultural, e no apoio ao ensino não formal dos públicos escolares.

Os museus de proximidade desempenham um papel essencial na vida das comunidades, especialmente quando se trata de intervenção social e educação culturalmente diversificada. Através dos seus artefactos, estes museus estão intimamente ligados às comunidades locais e permitem o entendimento de uma visão para lá do seu espaço físico, refletindo as suas histórias, tradições e identidades, que permitem desencadear diálogos e experiências. É notório o surgimento de novas tipologias de museus com novas temáticas, idealizadas e sustentadas nas experiências museológicas, nitidamente influenciadas pelo movimento da Nova Museologia e assinaladas por um conceito mais amplo de património. O conceito de Museu aparece, assim, associado aos conceitos de cultura material, comunidade, território e identidade, fatores estes, que caracterizaram os anos oitenta e noventa do século passado. E a começar nestes fatores, é possível o estabelecimento de uma base para uma interação e uma profícua discussão, muito útil, aliás, para o diálogo intercultural, visto que aproveita a repercussão produzida pelo objeto museológico. Não está em jogo a conquista de um produto antropológico²², mas antes, o compromisso com um processo que proceda ao inventário de diferentes identidades e experiências, sem qualquer tipo de discriminação entre os indivíduos.

No campo da intervenção social, os museus de proximidade atuam como espaços de aprendizagem, diálogo e inclusão, salientando-se o papel social e cultural que estes

²¹Desta forma, é possível identificar os museus locais como aqueles que consideram a sua intervenção patrimonial como o meio indicado para atingir os objetivos, através dos quais, é possível alcançar o desenvolvimento em contextos territoriais em que se inserem (Primo, 2006). Continuando na linha de pensamento da autora, a valorização destes museus sustenta-se, objetivamente, nos processos de transformação e mudança que abrangem toda a estrutura de uma comunidade.

²²Não se pretende a obtenção de um produto antropológico ou a obtenção de elementos pitorescos sem grande significado, mas antes, um discurso expositivo a partir das coleções, de forma a provocar um processo de ativação intercultural segundo Ana Carvalho (2014 que fortaleça a identidade dos públicos escolares.

desempenham, no sentido de promoverem o acesso à cultura e ao fortalecimento dos laços comunitários. Para os públicos escolares culturalmente diversificados, o Museu de proximidade proporciona as condições ótimas para uma aprendizagem experiencial, onde os alunos podem interagir diretamente com a herança cultural local e explorar as diferentes perspectivas presentes na sua comunidade. O Museu de proximidade comprometeu-se em tratar de questões de inclusão social através do desenvolvimento de estratégias para trabalhar com estes públicos social e culturalmente heterogêneos, para melhorar a sua aprendizagem, desenvolver capacidades ou facilitar a sua participação numa sociedade mais ampla (Oliveira, 2011).

A ação museal no Museu de proximidade, leva em conta os públicos escolares culturalmente diversificados, apresenta uma natureza multidimensional, com programas educativos de modo a perscrutar a multiplicidade de perspectivas e pontos de vista, perdurando uma opinião da diversidade cultural no sentido mais lato. Pensemos nas visitas guiadas, oficinas pedagógicas e atividades interativas, que permitem aos alunos explorar e expressar a sua própria identidade cultural enquanto aprendem sobre a cultura do outro, de modo que o seu conhecimento e as suas competências possam ser usadas em todo o processo de aprendizagem. Além disso, o Museu de proximidade muitas vezes colabora com a Escola, para adaptar os seus programas às necessidades específicas de cada grupo, garantindo que todos os alunos se sintam incluídos e valorizados.

A intervenção social também se estende para lá do ambiente escolar, estes museus, por vezes, organizam eventos comunitários, programas de voluntariado e iniciativas de desenvolvimento local que visam fortalecer os laços sociais e promover a coesão cultural. Contudo, a valorização da diversidade cultural, nomeadamente, na ótica do património cultural para a inclusão dos públicos escolares diversificados, são o produto dos vários entendimentos sobre as fronteiras da intervenção social no Museu de Proximidade. A inovação desta forma de intervenção, como problemática da museologia, vai centrar-se na mobilização dos objetos patrimoniais para a integração social e cultural dos públicos escolares, tanto na sua dimensão física e afetiva, como na inclusão e na participação de todos (Leite, 2014).

Assim, para melhor compreensão da aceitação da diferença, são desenvolvidas ações museológicas para os públicos escolares social e culturalmente heterogêneos, de incentivo à rejeição de quaisquer tipos de estereótipos atuais ou do passado, mas antes, familiarizando

estes públicos com o intuito da sua integração com a cultura, a língua, costumes e os valores da comunidade.

As visitas guiadas dos públicos escolares ao Museu de Proximidade, entendidas como uma ação de intervenção social, visam estabelecer uma relação mais próxima com a heterogeneidade da comunidade, de modo a integrar os públicos escolares social e culturalmente diversificados, para o exercício da cidadania no país de acolhimento. Ao envolver ativamente os públicos escolares nas suas atividades, o Museu de proximidade torna-se espaço de encontro e troca, onde os alunos de diferentes origens podem interagir, partilhar experiências e construir um entendimento mútuo. O Museu de Proximidade é, desta forma, capaz de proceder em assuntos como a inclusão social recorrendo a estratégias para lidar com os alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB, com o objetivo de criar relações de confiança, de reconhecimento mútuo, aprendizagem, cooperação e convivência, sendo, este, “*o objeto da interculturalidade*” (Lopes, 2012, p. 70).

3.4.1 O papel social do MAR: Os compromissos sociais que assume

Falar do Museu Agrícola de Riachos, é falar de um museu local e comunitário que tem como objetivo, o de servir a sua comunidade e de potenciar o seu desenvolvimento. Todavia, a sua função de preservar, coletar e documentar o passado não pode, por si só, ser motivo de inércia, na medida em que o desenvolvimento local dispõe de uma dimensão cultural muito grande, capaz de operar mudanças sociais, políticas e económicas e, simultaneamente, estar ligado às suas raízes culturais. Por isso, o desenvolvimento local só é possível, em teoria, quando a população se identifica com este tipo de processo, estar presente na tomada de decisão e gestão dos recursos do território, este modelo de desenvolvimento é, na sua matriz, essencialmente cultural. O empreendedorismo socioeconómico passa a envolver “*uma vertente humana traduzida na qualidade de vida das populações, uma vertente social de combate aos fenómenos de exclusão social, e uma vertente de sustentabilidade capaz de assegurar o não esgotamento dos recursos utilizados*” (Duarte, 2012, p. 134).

Porém, a comunidade é composta por identidades culturais múltiplas, diversas e dinâmicas e com vontade de coexistirem. Por outro lado, o Museu Agrícola de Riachos assume-se como um agente da identidade cultural de uma população, o impulsionador cultural polivalente, incentivando o diálogo intercultural, como suporte para a construção da identidade local²³.

²³O sentido da territorialidade é suportado com base em símbolos, significados e representações culturais que se constituem como os alicerces para a construção da identidade local, daí que, o próprio museu se

A partir destes pressupostos, o MAR afirma a sua pretensão de se constituir como um museu que se questiona sobre a missão a desempenhar, na sua comunidade e enquanto educador e formador dos seus públicos, particularmente, o escolar. Com esta disponibilidade, o Museu de tipologia comunitária, pode desenvolver a sua ação museológica em prol da sua comunidade com a qual esta se identifica. Para tal, considerando que as comunidades são as depositárias do processo de produção cultural, implica um procedimento dinâmico em permanente reprodução e com uma íntima ligação ao presente, sendo necessária uma relação de proximidade. Com o prosseguimento deste propósito, admitiram-se novas inquietações para o fazer museológico e muito significativas para a comunidade, aliás, orientadoras da função social do Museu, com o intuito de encontrar em parceria as soluções mais ajustadas de modo a dar resposta a problemas e expectativas da comunidade.

Assim se estimula um Museu de Proximidade na sua relação com os públicos escolares social e culturalmente diversificados, para a emergência de se construírem novos diálogos e diversas narrativas, impulsionando para outros interesses e novas relações. É desta forma que o Museu de Proximidade renova a sua função de convivialidade, de relações sociais, de aprendizagens para a comunidade escolar, de modo a transmitir os valores da autoestima, identidade, memória e de cidadania.

Figura 1. Museu Agrícola de Riachos

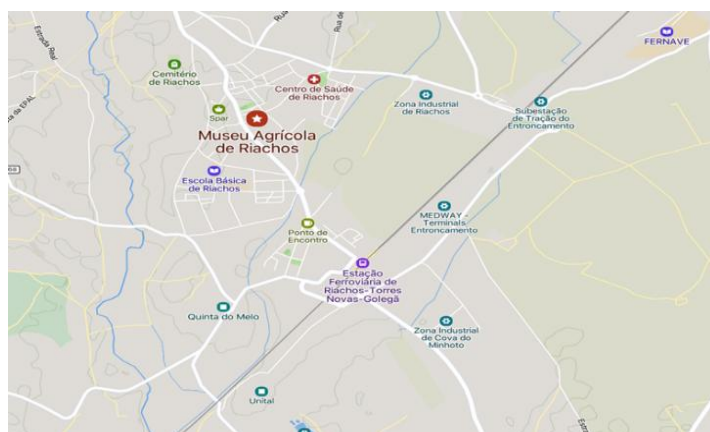


Fonte: Fotografia do autor

caracterize como um elemento incluído neste processo de construção. Deste modo, é expectável que o Museu, entendido como instituição ligado ao património, possua a capacidade de prolongar infinitamente a sua identidade e transmiti-la às gerações vindouras. Neste sentido, Célia Pinto (2018) entende que o Museu assume uma posição com autoridade na representação cultural da comunidade, não apenas do passado, mas igualmente do presente, reconhecendo a ideia de que o património é cultural é ativo e por isso as “comunidades vão recriando-o e transmitindo-o” (Pinto, 2018, p. 4)

De um modo informal, é possível caracterizar o Museu Agrícola de Riachos como uma instituição museológica com grande proximidade à sua comunidade, tanto na partilha das suas funções museológicas, como sendo ele próprio um instrumento ao serviço dos seus públicos.

Figura 2. Localização do Museu Agrícola de Riachos



Fonte: <https://maps.app.goo.gl/4v3Zes6VCZnRJ4di8>

3.4.2 A museologia social como recurso para a transformação do social

Por mais que as renovações das práticas museológicas espelhem uma grande diversidade, a verdade, porém, é que regressamos sempre ao questionamento inicial sobre o lugar do Museu na sociedade, sempre com o olhar nas desigualdades sociais, culturais e económicas das populações. Cabe ao Museu, a divulgação de um pensamento crítico, capaz de se constituir como opositor a uma ideologia dominante que, aliás, transpareça no seu discurso como uma missão da maior pertinência para a realização plena do exercício da cidadania ativa. É efetivamente, uma missão ao alcance do Museu de Proximidade que exerce a sua ação no domínio da museologia social.

A museologia social, como campo de estudo e ação social, visa entender o património não apenas como objetos estáticos, mas como recursos dinâmicos para a transformação da sociedade. Dito desta forma, o que lhe confere sentido não é somente em razão da sua presença em sociedade, mas antes, na assunção dos compromissos sociais com os quais se responsabiliza e se compromete. A museologia social reconhece que o património cultural é mais do que simples artefactos ou monumentos, é uma parte viva da identidade e memória coletiva de uma comunidade. Neste contexto, a museologia social procura promover a justiça social, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e representadas por um diálogo

construtivo, de modo a “*criar sociedades inclusivas e de reconhecimento da diversidade cultural*” (Leite, 2017. p. 84). Sendo assim possível, desenvolver aprendizagens sobre a diversidade junto dos públicos escolares com o intuito de desenvolver capacidades de ação sobre grupos culturais diferenciados, na perspetiva de que, no futuro, estes jovens se interessem por participarem em atividades de natureza social.

Ao utilizar o património como uma ferramenta para a transformação social, a museologia social procura criar uma igualdade de oportunidades para todos os seus públicos, ou seja, pondo de lado a ideia de uma cultura única e fechada, para uma visão diversificada e dinâmica. Isto envolve o acesso equitativo aos recursos culturais e educacionais, bem como a participação ativa na preservação e interpretação do património, em que o reconhecimento e validação do legado cultural dos públicos escolares heterogéneos, possa contribuir para a sua autoestima. É certo que a museologia social assume o seu lugar no que respeita ao uso das memórias da comunidade, a questão, contudo, é saber como é que esta museologia consegue convocar as pessoas para iniciativas de carácter cívico, de trabalharem em comunidade.

Para isso, tem de olhar para as suas práticas, nomeadamente, no desenvolvimento dos seus processos participativos sem constrangimentos, desde o planeamento até ao momento da decisão da ação, da avaliação das atividades ao estabelecimento de parcerias. Significa isto, que os processos da museologia social devem estar atentos às franjas vulneráveis da sociedade, atentos às trocas culturais dos públicos social e culturalmente diversificados. Esta museologia dita social, tem de ser a base capaz de suportar as redes colaborativas, promover a inserção social através de projetos colaborativos, nomeadamente, com o Centro Escolar de Riachos, em que a dimensão participativa com os públicos escolares heterogéneos, parte da dimensão global da questão do património como espaço de encontro e de cidadania. A museologia tem de espelhar uma função na sociedade, desenvolvê-la, por sua vez, a comunidade obriga-se a participar nestes processos museológicos. Portanto, a discussão sobre a função social da museologia prende-se com a sua capacidade para a produção da inovação social, visto que a museologia social, segundo Pedro Leite, “*dispõe dos instrumentos necessários para trabalhar a partir da sua diversidade cultural*” (Leite, 2017, p. 10).

A museologia social, tendo em conta a perspetiva exposta nestas linhas, assume a responsabilidade em combater e diminuir as desigualdades sociais, assim como as injustiças, lutar contra os preconceitos de modo a promover a dignidade da pessoa humana e contribuir para a coesão social. Além disso, procura-se a inclusão social e económica, garantindo que grupos marginalizados ou excluídos tenham um papel significativo na vida cultural e económica da comunidade. Assim sendo, é crível que a ação da museologia social seja detentora de valores sociais, democráticos e promotora de transformação social, isto é, a prática museológica não pode circunscrever-se unicamente ao artefacto exposto, mas antes, a adoção de um discurso expositivo que incentive ao questionamento do cidadão para compreender a realidade envolvente. A transmissão e uso deste conhecimento e património adquirido nas visitas de estudo ao Museu por parte dos públicos escolares social e culturalmente diferenciados, pode constituir-se como reforço da sua integração e autonomia pessoal na comunidade acolhedora.

A museologia social praticada pelo MAR, reconhece que o desenvolvimento sustentável não se limita apenas ao especto ambiental, mas também inclui considerações sociais e culturais, aceitando a diversidade da sua comunidade e aproveitando o potencial patrimonial do Museu. Portanto, ao utilizar o património como um recurso para o desenvolvimento, tenta garantir que as práticas sejam culturalmente sensíveis, economicamente viáveis e socialmente justas. O que implica a criação de programas educacionais, iniciativas de turismo cultural e projetos de desenvolvimento económico que valorizem e respeitem a diversidade cultural da comunidade e, em simultâneo, promover o desenvolvimento sustentável da economia local. Esta museologia de cariz social tem por fim, o fortalecimento da identidade sociocultural e, o Museu Agrícola de Riachos, aspira a ser o divulgador da cultura Riachense junto dos públicos escolares assumindo-se, deste modo, como o representante simbólico desta identidade local.

Podemos assim, afirmar, que a museologia social reconhece o potencial do património cultural como uma ferramenta poderosa para promover a transformação social, mas agora focada na ação e na comunicação com os públicos escolares diferenciados, na perspetiva de interagir para melhor integrar o “Outro”. Ao procurar a justiça, igualdade de oportunidades, inclusão social e económica, esta museologia, contribui para o desenvolvimento sustentável da comunidade, fortalecendo os laços sociais, promovendo o respeito à diversidade e preservando a herança cultural para as gerações futuras. À instituição museal, cabe a missão

de exercer a sua função de formação dos seus públicos para o exercício da cidadania, dá prioridade ao social, às pessoas, ao património, nas palavras de Judite Primo “*O novo museu, nas suas diferentes formas e tipologias, ao trabalhar com o social pretende responder aos dilaceramentos da vida cultural e social*” (Primo, 2014, p. 9).

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, procedemos à apresentação e discussão dos resultados da investigação realizada. No âmbito da pesquisa empírica, e tendo por base uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa, a análise centra-se em duas principais dimensões. 1. são analisadas as entrevistas aos atores institucionais quer do MAR, quer do sistema escolar; 2. a nível micro, pretende-se avaliar a perceção de estudantes culturalmente diversificados sobre as atividades de formação e aferir o impacto na sua inserção social.

Para nós ficou claro que as professoras acreditam que o MAR se constitui como um lugar de aprendizagem, “*sem dúvida que é uma forma diferente de aprender*” (E4). As atividades são planeadas para despertar o interesse dos alunos e, com um discurso museológico construído pelo Museu, é feita a apropriação do património cultural. Fica demonstrado como os processos colaborativos utilizados no espaço museal e após a visita, são aprendizagens que permitem a obtenção de novas relações e significados. Observamos que o Museu investiu em estratégias de educação com sentido crítico de modo a estimular a reflexão dos alunos “*questionem-se porque é que o mundo está diferente*” (E1).

4.1 Primeiro ponto de partida: Análise meso. MAR e Escola

4.1.1 O diálogo como prática educativa

A escolha do método para a análise dos dados reporta-se aos instrumentos antecipadamente descritos, de acordo com os objetivos que norteiam esta investigação, entenda-se, os dados foram tratados de forma qualitativa e quantitativa. As entrevistas semiestruturadas, realizadas aos atores institucionais, tiveram como objetivo um procurar conhecer e registar as experiências destes informantes qualificados, respetivamente, na qualidade de Curadora do Museu e das professoras do 1º CEB do Centro Escolar de Riachos.

O Museu Agrícola de Riachos (MAR) apresenta-se como um espaço museológico, em que, os seus conteúdos se focam em aspetos da cultura material relacionados com as atividades agrícolas, traje e o artesanato, constituindo-se como processos de criação da memória coletiva. Por outro lado, atribui-se ao MAR, a responsabilidade de desenvolver ações educativas com o propósito de atingir objetivos como a aprendizagem não formal. Este Museu, enquanto espaço inspirador e motivador para estas aprendizagens não formais, importa, pois, aferir os seus contributos para a integração social e cultural dos públicos escolares diversificados.

As práticas pedagógicas deveriam utilizar o diálogo como um meio de questionamento, promovendo um ambiente em que os alunos se sintam encorajados a expressar as suas

opiniões, refletir criticamente e interagir com diferentes perspectivas. Ao fomentar o diálogo, os professores podem incentivar os estudantes a questionar o mundo à sua volta, desenvolver competências de pensamento crítico e compreender a importância do debate construtivo. Este processo não apenas dá qualidade à aprendizagem, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e integrados social e culturalmente, ainda que, a educação na Escola, se sustente no conhecimento concreto a transmitir. Com esta reflexão, a Escola do presente, acrescenta novos desafios aos professores para a dinamização da cooperação, a sociedade da informação exige novas pedagogias mais comunicativas, dialogantes e construtivas (Cochito, 2004). Através do diálogo, os alunos aprendem a valorizar a diversidade de ideias, a respeitar opiniões divergentes e a construir argumentos sólidos. Além disso, esta abordagem pedagógica ajuda a desenvolver competências sociais essenciais, como a compreensão, a colaboração e a comunicação eficaz. O diálogo como prática educativa promove a autonomia intelectual, permitindo que os alunos se tornem protagonistas da sua própria aprendizagem e da transformação social. Assim, ao integrar o diálogo no quotidiano escolar, a educação contribui para a formação de indivíduos críticos, responsáveis e comprometidos com a cidadania ativa, preparados para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea de maneira ética e reflexiva.

A museologia social enfrenta diversos desafios ao procurar cumprir o seu desempenho no processo educativo na superação das injustiças e desigualdades sociais, a começar, pela necessidade de democratizar o acesso ao Museu, de modo a garantir que todos possam usufruir dos seus recursos. Além disso, é essencial que o MAR desenvolva um discurso inclusivo, que contemple a diversidade de histórias e experiências de grupos marginalizados. Outro desafio é, investir em estratégias de educação com sentido crítico, que estimulem a reflexão e o questionamento sobre temas fraturantes da sociedade atual, como a igualdade de género, a luta contra o preconceito, discriminação e racismo. Isto é, estratégias como meio de obter uma melhor integração social e cultural.

4.1.2 As entrevistas

Tendo em conta que, no ambiente museológico, está implícita uma relação entre a atividade de Curadora do Museu e a de Professora do 1º CEB do ensino formal, é possível admitir a existência de conflitos entre estas duas formas de aprendizagem. A análise das quatro entrevistas realizadas aos informantes qualificados, espera-se uma retrospectiva das perspectivas e experiências pessoais, da Curadora do Museu e das três Professoras do 1º CEB,

proporcionando uma compreensão rica e detalhada do fenómeno estudado. É neste contexto que se manifesta o interesse em analisar as entrevistas que foram, antecipadamente, planeadas, desenvolvidas e transcritas, de modo que, e segundo Bogdan e Biklen (2010), *“uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”* (p.134).

4.2 O Serviço Educativo

O serviço educativo promove a inclusão cultural, incentivando a participação ativa dos diversos públicos escolares, oferece programas educativos que estimulam a aprendizagem colaborativa. O serviço educativo do MAR tem desenvolvido e consolidado um trabalho de mediação com o intuito de dinamizar a vertente educacional, proporcionando um ambiente de aprendizagem aos públicos escolares heterogéneos. Para proporcionar programas e atividades diversificadas, e para oferecer um serviço de qualidade, é necessária uma rede de colaboradores *“Se não, não era possível a existência deste Museu e da dinâmica que tem, das atividades que tem”* (Entrevista 1). Este trabalho de mediação envolve a criação de visitas guiadas, oficinas temáticas e atividades que estimulam a curiosidade e o pensamento crítico dos estudantes. Além disso, o serviço educativo promove a interação entre os alunos e as atividades, *“Estas normalmente são planeadas, como por exemplo, temos agora o Forno a Lenha, em que a instituição vem aqui, instituições ou escolas ou quem quiser, e nós transmitimos na oficina do Pão o nosso saber”* (Entrevista 1).

A colaboração com professores e instituições de ensino é fundamental para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que, valorizando o currículo escolar, tornam a experiência no Museu mais significativa. Desta forma, o serviço educativo afirma-se como um espaço de construção de conhecimento e cidadania, contribuindo para a formação integral dos jovens.

4.2.1 As parcerias com a Escola

Estabelecer uma parceria entre museu e escola é fundamental para engrandecer a educação dos estudantes, oferecendo experiências práticas e interativas que complementem a aprendizagem teórica. Os museus apresentam-se como repositórios de conhecimento e cultura, proporcionando acesso a recursos educativos únicos e diversificados que podem despertar a curiosidade e o interesse dos alunos. Além disso, estas parcerias incentivam o desenvolvimento de competências críticas e criativas ao permitir que os estudantes explorem

a cultura local. Além disso, esta interação estimula a curiosidade e o questionamento dos alunos o que *“É sempre uma mais-valia quando nós abordamos o passado do meio local nomeadamente, é de facto, uma ótima ajuda e a parceria que fazemos com o Museu Agrícola”* (Entrevista 4). Assim, a parceria não só amplia as oportunidades de aprendizagem, mas também contribui para a formação de indivíduos mais bem informados e culturalmente diversificados. Com este tipo de colaboração entre o Museu e Escola, a comunidade educativa fica mais forte e identificada com o passado deste património local.

4.2.2 O Museu como agente educativo da sua comunidade

O Museu desempenha um papel crucial como agente na educação da sua comunidade, oferecendo oportunidades únicas de aprendizagem que complementam a educação formal. O MAR serve como um espaço de preservação da cultura local, proporcionando acesso a conhecimentos e experiências que muitas vezes não estão disponíveis nas salas de aula. Através de exposições interativas, programas educativos e atividades culturais e formativas, o Museu incentiva a curiosidade, o pensamento crítico e a criatividade dos públicos escolares. A sua missão está para lá da simples exibição de objetos, o Museu procura envolver a sua comunidade num diálogo interativo por que:

A comunidade também muitas vezes nos diz, ou nos mostra, as dinâmicas que pretende que aconteçam no museu, que é uma coisa muito interessante. Não é só o museu, não parte só para uma ação comunitária, mas também deixa que a comunidade interaja com o museu. (Entrevista 1)

Além disso, o Museu atua como agente de inclusão social, promovendo o acesso à cultura e ao conhecimento para todos os segmentos da população, muitas vezes oferecendo programas específicos para grupos marginalizados. O MAR também colabora com a Escola e outras instituições, oferecendo recursos e apoio pedagógico para aumentar o currículo escolar. Em tempos de mudanças rápidas e desafios globais, o Museu pode abordar questões contemporâneas e fomentar discussões sobre temas relevantes, ajudando a formar cidadãos informados e integrados. Desta forma, o MAR não apenas preserva o património cultural, mas também desempenha um papel ativo na educação contínua e na formação dos públicos escolares diversificados.

4.3 Comunicação e divulgação museológica

A comunicação e divulgação museológica são fundamentais para a difusão das ações educativas do museu, permitindo alcançar e integrar os diversos públicos escolares.

Utilizando estratégias variadas, como redes sociais, newsletters, eventos e parcerias com instituições de ensino, o Museu amplia o seu alcance e visibilidade. Estas ações não apenas informam sobre as atividades e programas educativos, mas também incentivam a participação e o envolvimento da comunidade. A divulgação eficaz torna possível a criação de um ambiente de aprendizagem contínuo e acessível, promovendo o valor cultural e educativo do Museu e fortalecendo o seu papel na sociedade.

4.3.1 Os meios de divulgação digitais

O Museu de Proximidade teve de se adaptar a novas formas de divulgação do seu acervo, mantendo sempre o seu propósito de valorizar a materialidade e a importância dos seus objetos enquanto testemunhos históricos. Esta adaptação envolveu o uso de tecnologias digitais e plataformas online para alcançar o público escolar mais amplo e diverso. Mesmo diante destes novos desafios, o Museu Agrícola de Riachos conseguiu preservar a essência das suas coleções, destacando a relevância cultural e histórica dos artefactos expostos. A preservação e a exposição física dos objetos continuam a ser um pilar fundamental da instituição, que procura equilibrar a inovação com a tradição. Desta forma, o Museu não apenas amplia e democratiza o acesso ao seu acervo, mas, também reforça o seu compromisso com a construção da memória coletiva e cultural contribuindo para o fortalecimento dos laços identitários.

A tecnologia dos meios digitais tem um papel fundamental na divulgação das atividades do museu para públicos escolares diversificados. Estes meios permitem o acesso a conteúdos educativos adaptados a diferentes faixas etárias e necessidades pedagógicas, consentem que alunos oriundos de diferentes culturas e contextos possam explorar e aprender sobre o acervo do Museu. Ferramentas como redes sociais, partilha de vídeos interativos, jogos educativos e plataformas de e-learning possibilitam experiências de aprendizagem envolventes e acessíveis. Estas tecnologias também permitem a personalização do conteúdo, atendendo às questões específicas de diferentes grupos escolares, incluindo aqueles social e culturalmente diversificados. Além disso, a integração das redes sociais e aplicativos educacionais facilita a comunicação entre o museu e a escola, promovendo a participação em eventos e atividades. Nem é necessário propor atividades, *“Portanto, temos sempre propostas que nos chegam, pedidos que nos chegam para a realização de atividades, mas sim o Facebook, o WhatsApp, o e-mail, claro”* (Entrevista 1). Assim, os meios digitais não apenas ampliam o alcance das

iniciativas do Museu, mas também valorizam o processo educativo, tornando-o mais dinâmico e inclusivo.

4.3.2 Objetivos pedagógicos para a educação patrimonial

Considerar as potencialidades educativas disponíveis no contexto museológico como catalisadores para as aprendizagens, implica necessariamente a definição de objetivos pedagógicos claros e bem estruturados. Estes objetivos orientam as atividades e garantem que o processo educativo seja eficaz e significativo para os públicos escolares. Assim, é necessário estabelecer objetivos que promovam a compreensão profunda dos temas abordados, facilitando a ligação entre o conteúdo museológico e o currículo escolar. Estes princípios orientam o uso do objeto cultural para reconstruir os significados deste património cultural junto dos públicos escolares diversificados, tal como é relatado pela Professora:

Tanto é que para os meninos que têm mais dificuldade na escola para se lembrar, como nível de valorização, o estar perto dos objetos também os ajuda a memorizar e a saber as coisas que eles vão sentir, que estão para trás, digamos assim. (Entrevista 3)

Além disso, os objetivos pedagógicos devem incluir a aquisição de competências, desde interagir nas atividades de forma colaborativa, comunicar, questionar, refletir e intervir em atitude dialógica. É igualmente importante definir objetivos que fomentem a apreciação estética e a sensibilidade cultural, ajudando os alunos a valorizar a diversidade e a riqueza do património cultural. A interação direta com os objetos museológicos deve ser planeada de maneira a maximizar o envolvimento e a motivação dos alunos, através de atividades propostas e interativas que despertem a curiosidade e o interesse. A contextualização é essencial para situar o objeto cultural no seu tempo e espaço, *“Até porque eles lá podem tomar contacto com, nomeadamente, os instrumentos que se usavam, as ferramentas que se usavam e que agora já não se veem e que já não são utilizadas”*. (Entrevista 4).

Por fim, os objetivos pedagógicos devem também abordar a formação de atitudes e valores, como o respeito pelo património cultural, a responsabilidade pela sua preservação, e a consciência da importância da memória coletiva. Ficou demonstrado que a definição de objetivos pedagógicos claros e abrangentes é fundamental para aproveitar ao máximo as potencialidades educativas do contexto museológico, garantindo que as experiências de aprendizagem sejam favoráveis, integradoras e transformadoras para os alunos.

4.4 Diversidade Cultural

A diversidade de práticas pedagógicas apresenta-se como um imperativo para que a Escola e o Museu possam responder assertivamente aos públicos escolares social e culturalmente diferenciados. A diversidade sociocultural não poder ser confrontada com uma resposta que é sempre igual, regular, no comportamento em relação a alguém, sob pena, de uns serem mais iguais em relação aos outros, isto é, para evitar criar uma posição de genuína desigualdade. Assim, O Museu de Proximidade e a Escola, devem promover junto dos públicos escolares, as competências sociais para que estes consigam conviver com a diferença e assumindo que todos têm os mesmos direitos e deveres, constituindo-se estes indicadores como fatores de desenvolvimento e de integração e coesão sociais.

4.4.1 A abordagem à diversidade cultural: todos no Museu

A abordagem à diversidade cultural, no contexto museológico, é essencial para que todos os públicos escolares diversificados se sintam integrados e como parte da comunidade acolhedora. Para alcançar esta inclusão, é fundamental que o Museu promova a partilha de experiências e discussões sobre hábitos e costumes de diferentes países e culturas. Isto pode ser realizado através de atividades temáticas e programas educativos que reflitam a diversidade cultural existente. Estas iniciativas permitem que os alunos não apenas conheçam, mas também valorizem e respeitem a riqueza das diferentes tradições culturais na defesa da diversidade, estabelecendo uma ligação à sua cultura de origem “*[...] porque nós próprios, como comunidade, somos uma comunidade que recebeu pessoas que vinham de Pombal, outros vinham do Alentejo, a nossa própria cultura já é miscigenada, já é misturada, não é?* (Entrevista 1).

O envolvimento da comunidade que o Museu representa tem de significar que há uma visão inclusiva para indivíduos diferentes e identidades diversas, crucial para garantir que as narrativas sejam autênticas e respeitadas, tendo por finalidade, uma prática museológica de proximidade e tendo como sujeito e objeto, a sua comunidade. Ao abordar a diversidade cultural de maneira inclusiva e participativa, o Museu de proximidade desempenha um papel vital na construção de valores e atitudes mais tolerantes e informadas. Assim se contribui para a coesão social, promovendo o respeito pela diversidade e a valorização do património cultural local.

Os discursos dos museus nem sempre se alinham com os programas curriculares, o que pode resultar em lacunas na integração entre as visitas ao Museu e a aprendizagem escolar. Muitas vezes, o Museu apresenta narrativas e abordagens que não correspondem diretamente aos conteúdos ou objetivos pedagógicos estabelecidos nos currículos educativos. Os discursos produzidos no Museu são ricos em significados, ideologias e intencionalidades, refletindo as perspectivas e valores das instituições. A retórica não é neutra, mas sim, construções que moldam a forma como o público escolar percebe, interpreta e se aproxima do património cultural, tal como nos relata a Curadora do Museu:

Hoje a cultura popular é falada nas escolas de uma forma mais aberta, e isso é bom porque aproxima muito mais a escola da comunidade. Não há aquela dispersão, quer dizer, as pessoas falavam em coisas muito gerais não é, muito... passou-se no país, mas esqueciam-se muitas vezes que estavam na comunidade e esqueciam-se do local. E os miúdos, muitas vezes, conheciam mais, se calhar, coisas a nível nacional do que propriamente a comunidade ou a terra onde estavam inseridos. (Entrevista 1)

Estes discursos podem promover determinadas narrativas, destacar aspetos específicos da cultura e da história, e, por vezes, omitir ou marginalizar outras vozes e experiências. Portanto, é crucial que o MAR adote uma abordagem crítica e reflexiva na construção das suas exposições, assegurando a inclusão de múltiplas perspectivas e promovendo um diálogo aberto e diverso com os públicos escolares.

4.4.2 Por uma pedagogia intercultural como espaço de diálogo, de interação

O interculturalismo corresponde a uma atitude e a uma perspectiva de construir uma nova sociedade que valoriza a integração das diferenças como um bem cultural. Esta visão promove a ideia de que a diversidade cultural não é um obstáculo, mas uma fonte de enriquecimento mútuo e de aprendizagem. Neste sentido, o interculturalismo traduz-se numa política inclusiva que procura garantir direitos iguais para todos, independentemente das suas origens culturais. Também representa uma pedagogia que incentiva a compreensão, o respeito e a valorização das diversas culturas no ambiente museológico, promovendo uma educação que prepara os alunos para viverem numa sociedade plural e interligada. A Escola assume, através dos currículos e das suas práticas pedagógicas, a responsabilidade de dar voz a todos os alunos, estimulando uma aprendizagem colaborativa, como exemplifica a Professora:

Sim, é feito um diálogo, até para percebermos o que é que cada um conseguiu absorver e depois pomos isso no coletivo. E, portanto, embora haja algum que não absorveu quase nada, há outros que vão absorvendo e vão partilhando e ao

partilharem, acabam por fazer com que os outros que estiveram distraídos acabem por perceber alguma coisa. (Entrevista 4)

A pedagogia intercultural é uma área nova do conhecimento pedagógico e ainda a definir o seu campo epistemológico, contudo, é essencial para a escolarização de públicos escolares culturalmente diversificados, pois promove a integração de minorias étnicas e valoriza a diversidade como um recurso educativo. Aplicando-se ao espaço museológico oferecido pelo MAR e no âmbito das suas atividades, esta abordagem pedagógica incentiva a inclusão, o respeito mútuo e o reconhecimento das contribuições culturais de todos os alunos, bem explícito nas palavras da Curadora:

Nós cada vez mais estamos a ser, e eu vejo nesses anos que estamos a trabalhar no Museu e já são muitos, que a multiculturalidade é uma coisa que está, que é cada vez mais presente. É uma realidade que nós temos. Estas crianças, estes alunos que chegam de outros países, se os nossos, às vezes não conhecem a nossa cultura e nem o que os antepassados faziam, que nós procuramos mostrar, estes nem sequer têm a mesma perceção, até mesmo... porque a alimentação deles era diferente, porque o clima é diferente, porque é tudo diferente. Então nós temos que adaptar, obviamente, o discurso. E até deixar que eles dialoguem com os colegas. (Entrevista 1)

Ao criar um espaço onde as diferenças são vistas como oportunidades de aprendizagem, a pedagogia intercultural facilita a construção de uma comunidade escolar coesa e democrática. Esta abordagem, promove o princípio de que quanto mais se aprende sobre outras culturas, mais se quer partilhar esse conhecimento, criando um círculo virtuoso de aprendizagem e intercâmbio cultural. Esta prática educativa não só aumenta o currículo escolar, mas também prepara os alunos para viverem e trabalharem num mundo globalizado e interligado, onde a capacidade de entender e valorizar a diversidade cultural é fundamental. Portanto, a pedagogia intercultural é uma ferramenta poderosa para promover a igualdade de oportunidades e a coesão social, enquanto fomenta uma aprendizagem mais profunda e significativa para todos os envolvidos.

4.4.3 O MAR: Um museu comunitário de proximidade ao Outro

O saber museológico partilhado é fundamental para que o museu como instituição social cumpra a sua função social, especialmente num contexto de envolvimento comunitário com bastante significado. Este tipo de museu não apenas exhibe as suas coleções, mas também facilita um intercâmbio contínuo de conhecimentos entre a instituição e a comunidade. A partilha de saberes resulta num processo de inclusão social e no melhor aproveitamento das

experiências locais e nas narrativas apresentadas, garantindo que a diversidade cultural da comunidade seja representada de forma autêntica e genuína. É neste contexto da preservação da cultura local que o MAR como museu comunitário e de proximidade, toma para si a responsabilidade de preservar as identidades locais num contexto de globalização, bem expresso nas palavras da Curadora do Museu:

E muitas vezes vêm aqui pessoas e nós mostramos os nossos sabores, os nossos cheiros, as nossas características, mas sempre numa abordagem que venham também mostrar-nos a nós. Mostrem às pessoas as vossas danças, as vossas músicas, como nós gostamos de mostrar o nosso folclore, quando vem aqui um grupo estrangeiro e o Rancho Folclórico de Riachos vem aqui a dançar ao Museu, estamos abertos a que venham pessoas de outras culturas mostrarem à nossa comunidade, porque já não é só a nossa, a nossa comunidade já tem muita gente. (Entrevista 1).

O significado de um museu comunitário é continuamente construído e renovado através da interação com os membros da comunidade. Esta inovação constante permite que o museu permaneça relevante e responda às necessidades e interesses no progresso da população local. A divulgação deste conhecimento, por sua vez, é crucial para aumentar a acessibilidade e influência do museu, garantindo que as suas atividades cheguem a uma audiência ampla e diversificada, nomeadamente, os públicos escolares.

A profundidade do envolvimento comunitário é, portanto, um elemento central para que o museu cumpra a sua função social. Este envolvimento não só fortalece os laços entre a instituição e a comunidade, mas também promove um sentimento de pertença e coesão social. Ao participar ativamente na criação e interpretação das atividades e exposições, os membros da comunidade tornam-se cocriadores do museu, o que aumenta a relevância e o impacto das suas iniciativas.

Ficou claro que o saber museológico partilhado e o envolvimento comunitário são essenciais para que o museu funcione como uma instituição social eficaz. Através da inovação contínua e da divulgação inclusiva, o museu pode atender melhor às necessidades da sua comunidade, promovendo a educação, a compreensão intercultural e a coesão social. Desta forma, o MAR predispõe-se em permanência para servir a função social que se divide entre o seu estatuto de representante cultural da sua comunidade e, em simultâneo, cumpre a sua missão na formação e integração dos públicos escolares diferenciados.

4.5 O Discurso Museológico como construtor de significados

O discurso museológico visa informar sobre o objeto e a perspectiva apresentada pela exposição, oferecendo um conjunto de significados que o público escolar heterogêneo deve gerir para sua integração social e cultural. Ao contextualizar o objeto dentro de uma narrativa específica, o Museu fornece informações que não apenas elucidem aspectos históricos e culturais, mas também incentivem a reflexão crítica. Este processo permite que alunos de diferentes origens étnicas possam interagir com o conteúdo exposto de maneira significativa. Ao interpretar e interiorizar estes significados, o público escolar pode desenvolver uma compreensão mais profunda da diversidade cultural e histórica, facilitando a sua integração social e promovendo uma consciência cultural mais ampla e inclusiva. Portanto, o discurso museológico desempenha um papel fundamental na educação, preparando os alunos para uma participação mais informada e crítica na sua comunidade.

4.5.1 O discurso do museu em linha com o currículo escolar

Para que o discurso museológico esteja em linha com o currículo escolar, os museus devem conhecer as necessidades das escolas e assumir que precisam da opinião dos professores, de modo que o discurso expositivo considere os objetivos curriculares. Este alinhamento exige uma colaboração estreita entre o Museu e Escola, onde os professores podem produzir opiniões sobre os conteúdos e competências que os alunos precisam de desenvolver nas suas aprendizagens. Os museus, por sua vez, devem adaptar as suas exposições e atividades para apoiar esses objetivos, garantindo que as visitas sejam relevantes e complementares ao que é ensinado em sala de aula. Ao incorporar as opiniões e sugestões dos professores, os museus podem criar programas educativos mais eficazes e envolventes, que não apenas informem sobre os objetos em exibição, mas também reforcem os conceitos e temas abordados no currículo escolar. Esta integração pode resultar em experiências de aprendizagem mais coesas e significativas para os estudantes, promovendo um entendimento mais profundo e aplicado aos assuntos estudados. Portanto, ao reconhecer a importância do feedback dos professores e ao ajustar as suas ofertas educativas em conformidade, os museus podem desempenhar um papel fundamental na educação, alinhando o seu discurso com os objetivos curriculares e tornando-se parceiros essenciais no processo de ensino e aprendizagem não formal. O MAR, com a sua forma distinta de proporcionar experiências únicas de aprendizagem, é exetável que possa contribuir para os públicos escolares com novas formas de questionar e aprender como relata a Professora:

Sim, sem dúvida que é uma forma diferente de aprender. Claro que quando estão fora do meio escolar, para já é sempre um meio um bocado de distração. Há sempre primeiro aquela parte da distração. Mas, acabam sempre por absorver alguma coisa e ficar com conhecimento daquilo que se vai tratar. (Entrevista 4)

4.5.2 A apropriação do património cultural para a inclusão

O património, ligado à memória e à identidade das comunidades locais, desempenha um papel vital na construção identitária dos públicos escolares diversificados. O contacto com este património permite que os alunos, independentemente das suas origens, compreendam e valorizem a história e as tradições da comunidade onde vivem. Ao envolverem-se com as práticas culturais e a narrativa expositiva oferecida pelas atividades proporcionadas pelo MAR, os alunos desenvolvem um sentimento de pertença e respeito pela diversidade cultural. Para o MAR, como museu etnográfico e de proximidade, a diversidade cultural da sua comunidade acrescenta a capacidade de construir perspetivas diversificadas, que contemplam as particularidades dos seus públicos escolares diferenciados.

Este envolvimento também facilita a integração, promovendo a coesão social e o entendimento intercultural. Ao contactarem com o património local, os alunos não apenas aprendem sobre o passado, mas também refletem sobre as suas próprias identidades e sobre como elas se entrelaçam com a identidade coletiva da comunidade. Sendo o Museu Agrícola de Riachos um espaço privilegiado para a “*preservação de uma identidade cultural*” (Anico, 2008, p. 36), cujo patrónimo se pode considerar como um processo social e cultural, é através do seu discurso que o Museu pode contribuir para a integração dos seus públicos escolares diferenciados. Portanto, o contacto com o património local é essencial para fomentar uma construção identitária inclusiva e diversa, que reconhece e celebra as múltiplas vozes e histórias presentes num ambiente museológico diversificado. O Museu de proximidade enfrenta o desafio de se adaptar às novas apropriações e leituras contemporâneas das suas coleções, necessitando de incorporar uma abordagem mais flexível, participativa e dialógica, especialmente com os jovens públicos escolares. Este desafio surge da necessidade de tornar as exposições e atividades mais relevantes e envolventes para as novas gerações, que estão acostumadas a interações dinâmicas e tecnológicas. Uma abordagem flexível permite que o Museu responda rapidamente às mudanças nos interesses e necessidades do público, enquanto a participação ativa dos jovens pode promover uma maior integração e sentimento de pertença.

O diálogo é essencial para criar um ambiente onde os visitantes jovens escolares se sintam ouvidos e valorizados, contribuindo com suas próprias perspectivas e interpretações. Ao enfrentar estes desafios, o Museu de proximidade pode transformar-se num espaço mais inclusivo, acessível e relevante para a comunidade escolar, garantindo que as coleções permaneçam vivas e significativas para as novas gerações. Através dos discursos e práticas expositivas utilizadas e conjugando o contacto direto com os jovens públicos escolares, a Curadora do Museu afirma:

Nós recebemos aqui também, nós temos um discurso não só de tradição, de recolha e de preservação da memória oral e da memória do património material e imaterial, mas também um discurso contemporâneo. Nós temos que ir ao encontro das novas gerações e acontecem aqui coisas que não são propriamente populares, que é uma expressão de uma comunidade. Os jovens querem-se expressar de uma determinada maneira e também nos pedem o nosso espaço para poderem mostrar aos outros aquilo que estão a construir e isso é fundamental para nós. (Entrevista 1)

4.6 Oferta educativa para a Visita de Estudo

A existência de atividades formativas, especialmente aquelas que envolvem a participação em atividades propostas pelo MAR e que refletem aspetos da cultura local, podem promover significativamente a diversidade de discursos e combater a discriminação. Estas atividades são essenciais para incluir narrativas diversas e representativas das variadas etnicidades presentes no público escolar. Ao destacar a riqueza das culturas locais e valorizar a herança cultural de diferentes grupos, o Museu de proximidade ajuda a construir um ambiente de respeito e compreensão mútua. A promoção de atividades educativas, que envolvem os alunos diretamente, podem proporcionar uma experiência de aprendizagem mais inclusiva e empática, como reconhece a Professora:

Eu julgo que sim, eles próprios evocam o que viram em in loco, não é uma... não é teoria, é na prática, é muito diferente de mostrar as imagens num vídeo ou ter ido ao Museu e contactar com a realidade material. (Entrevista 2)

Ao reconhecer e exaltar as contribuições de diferentes etnias e culturas, o Museu de proximidade não só educa sobre a diversidade, mas também desafia preconceitos e estereótipos. Esta abordagem colaborativa e inclusiva pode inspirar os alunos a valorizar a diversidade e a reconhecer a importância de combater a discriminação em todas as suas formas. Portanto, as atividades oferecidas pelo MAR, são instrumentos poderosos para promover a inclusão e a igualdade na educação.

4.6.1 A preparação da visita

As atividades proporcionadas pelo Museu de proximidade para as visitas escolares, é concebida e dinamizada pelo Serviço Educativo na pessoa da Curadora e de vários colaboradores. Com a garantia de uma experiência educativa e interativa alinhada aos objetivos de aprendizagem dos alunos, a representante do Museu afirma: *“Portanto, colaboraram comigo propriamente dito, nos serviços educativos, eu faço uma escolha de ..de.. consoante os temas. Posso dizer que qualquer pessoa da comunidade, pode ser uma pessoa que colabore comigo nos serviços educativos.* (Entrevista 1).

A Professora do 4º ano do 1º CEB, valoriza o compromisso de realizar a visita de estudo, acima de tudo, por permitir que os alunos contactem com a abordagem do tema proposta para a atividade:

Sim, há sempre um diálogo ou está inserido no projeto que andamos a desenvolver por anos, normalmente temos sempre um tema para desenvolver. E esse tema, que neste caso são as atividades económicas este ano, tentamos que o museu nos dê uma ajuda em relação a estas atividades em relação ao passado. Portanto, eles dão-nos o conhecimento do que era ou como se faziam estas atividades no passado e nós complementamos também com aquilo que se faz agora e atualmente. Portanto, é sempre um complemento. (Entrevista 4).

4.6.2 O valor educativo da visita

Para maximizar o benefício das visitas de estudo, é essencial definir claramente o seu propósito pedagógico e didático. Os alunos precisam de entender que estas atividades representam contextos de aprendizagem não formal, fundamentais para a aquisição de conhecimento. Ao reconhecerem o valor educativo das visitas, os alunos podem envolver-se mais plenamente e relacionar as experiências vividas com os conteúdos teóricos abordados na sala de aula, valorizando, assim, o seu processo de aprendizagem. Durante a atividade, a participação ativa dos alunos deve ser incentivada, promovendo a observação crítica e a reflexão.

Após a visita, a realização de atividades de revisão e discussão pode consolidar o conhecimento adquirido, garantindo que as experiências práticas complementem e reforcem a aprendizagem teórica. Esta visita de estudo, pode estimular nos alunos, com curiosidade e motivação para descobrir mais sobre o tema da atividade proposta pelo MAR, como conta a Professora do 3º ciclo do ensino básico:

E eles foram me perguntando sobre o que viram, uns mais curiosos outros menos, mas durante o caminho para a Escola, isso acontece, às vezes na sala da aula, já não

é preciso porque nós conversamos muito, mas eles expressam logo o que sentem, sem dúvida. (Entrevista, 4).

Desta forma, as visitas de estudo tornam-se ferramentas úteis para o desenvolvimento integral dos alunos, contribuindo para a formação da cidadania, preparando alunos mais informados e conscientes.

4.7 O papel do Museu como lugar de aprendizagem

O Museu desempenha um papel fundamental como espaço de produção de conhecimento e educação não formal, ao propor atividades formativas aos alunos social e culturalmente diversificados, o MAR promove a valorização da diversidade cultural. A teoria construtivista sobre aprendizagem em museus confirma que os alunos tendem a preferir ambientes interativos, onde o conhecimento é construído na interação e de forma ativa com os conteúdos. Esta abordagem construtivista destaca que a aprendizagem não formal é mais eficaz quando os alunos podem explorar e construir o seu próprio conhecimento por meio da experiência direta e, “*por meio do qual o aprendiz pensa, sente e se auto-organiza em meio a sua produção subjetiva no decorrer da atividade de aprender*”. (Almeida & Martinez, p. 725).

4.7.1 O impacto da visita na aprendizagem

Na visita de estudo, a aprendizagem melhora quando os alunos conseguem aprender juntos e se motivam na análise de questões importantes para eles, aprendendo tanto individualmente, quanto em grupo. Este ambiente colaborativo estimula a troca de ideias e perspectivas, elevando o entendimento coletivo e promovendo uma melhor articulação com os conteúdos abordados. A atividade no Museu incidiu sobre uma escola no período do Estado Novo, em que o principal objetivo não era ensinar, mas educar de acordo com os interesses ideológicos dominantes. Sobre a apropriação dos seus alunos sobre esta temática, diz-nos a Professora do 3º Ano: “*Pode haver e deve haver, por exemplo, eles tiveram conhecimento de que o ensino antigamente não era misto, rapazes de um lado e raparigas do outro, neste momento eles estão juntos, tem que se respeitar sem haver discriminação*”. (Entrevista 2)

Ao trabalhar em grupo, os alunos desenvolvem competências sociais e de comunicação, aprendendo a ouvir, argumentar e colaborar de forma eficaz. Simultaneamente, ao abordarem questões que consideram relevantes, aumenta a motivação e o interesse, o que potencializa a absorção e a retenção do conhecimento. Esta dinâmica de aprendizagem

coletiva e individual permite que cada aluno contribua com as suas próprias experiências e percepções, enquanto beneficia das contribuições dos colegas. O resultado é um processo de aprendizagem mais dinâmico, participativo e significativo, onde os alunos não apenas adquirem conhecimento, mas também aprendem a pensar criticamente e a resolver problemas de forma colaborativa. Sendo certo que as visitas escolares ao MAR contribuem para a aquisição e consolidação dos conhecimentos, possibilitam, ainda assim, o enriquecimento do aluno a partir da experiência, interação, reflexão e interpretação. Neste espaço não formal como é o MAR, e com a intervenção da Curadora e das Professoras, admite-se a possibilidade de uma aprendizagem significativa. Esta parceria, sempre possível, entre educação formal e não formal, aumenta as possibilidades e estratégias didáticas, como afirma a Professora do 4º ano do 1º CEB:

É notório, por exemplo, depois da visita, é visível que realmente houve ali...pelo menos em termos de vocabulário, em termos de algum conhecimento que se acrescenta àquilo que é dado em sala de aula, acho que é sempre... é claro que uns aproveitam mais e outros aproveitarão menos. Há sempre aqueles alunos mais perspicazes, mais curiosos e que acabam por absorver um bocadinho mais as informações e a retê-las. Mas, por norma, fica sempre, quando nós depois fazemos o género de uma revisão ou resumo daquilo que foi visto e que foi feito lá, acabamos sempre por verificar que fica. (Entrevista 4)

4.7.2 Visita ao Museu como exercício de cidadania

A visita ao Museu de proximidade é um exercício de cidadania, pois permite entendê-la como uma forma de participação social ativa. Este espaço promove a adoção de atitudes de solidariedade e respeito mútuo, essenciais para a convivência harmoniosa em sociedade. Ao explorar o Museu, os públicos escolares desenvolvem a percepção do respeito pelo outro, aprendendo sobre diferentes culturas, histórias e perspectivas. Esta experiência educativa é fundamental para a formação de indivíduos mais conscientes e afetivos, que valorizam a diversidade e reconhecem a importância do respeito recíproco. Considerando o empenho que o aluno tem na construção do seu próprio conhecimento e na interação permanente que estabelece com o ambiente do Museu, a atividade realizada é destacada de forma que o público escolar a compreenda, tornando-a significativa. Estas visitas ao MAR são promotoras de situações de diálogo bem expressas nas palavras da Docente do 3º Ano/1º CEB “*É mesmo a curiosidade deles, a alegria deles a querer saber coisas novas, a perguntar, por isso, todas as perguntas, e, às vezes, nem há tempo de...porque uns querem saber uma coisa, outros, outra coisa*”. (Entrevista 3).

Além disso, o museu incentiva a reflexão crítica sobre questões sociais e históricas, proporcionando uma base sólida para a construção de uma cidadania mais informada e responsável. O Museu de proximidade converte-se, deste modo, num local de reflexão sendo possível viajar no tempo através destas memórias preservadas que promovem o questionamento, com refere a Curadora do Museu:

Questionar, eu estou-lhes sempre a dizer uma coisa que é, a ciência, o conhecimento não nasce de uma resposta, nasce da pergunta. Perguntem-se, questionem-se, porque é que aquilo é uma nora, porque é que funciona? Eu prefiro que eles me saiam daqui a não saber dizer o nome dos objetos, porque é impossível, ninguém decora o nome dos objetos que aqui estão num dia de visita. Questionem-se porque é que eles desapareceram, questionem-se porque é que o mundo está diferente, mas também, questionem-se por que noutras partes do mundo estes objetos ainda estão a funcionar. (Entrevista 1)

4.7.3 As novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural

O Museu de proximidade desempenha um papel vital na integração da diversidade social e cultural entre os públicos escolares, promovendo a convivência das diferentes culturas e a valorização da diversidade. Através da sua ação educativa, o Museu oferece atividades aos alunos e a oportunidade de aprender sobre várias culturas de maneira direta e envolvente, estimulando neles, a vontade de conhecer e conviver com o outro, que é diferente. Os alunos culturalmente diversificados manifestam comportamentos diferentes em resultado da sua socialização e educação diferenciada, sentidas ao nível do significado do vocabulário. Ao refletirmos na dicotomia entre igualdade e diferença, urge o tema que medeia uma visão dialética destas duas dimensões, ou seja, trabalhar as questões das desigualdades sociais para se eliminar as discriminações. Para defender o princípio da interculturalidade, no contacto com o Outro e na aceitação e valorização daquele que é diferente, a escola propicia a interação entre os alunos através do diálogo e do conhecimento mútuo, opina a Docente, *“Portanto, acho que é uma forma de eles se aproximarem de nós e nós deles, acho que, e por consequência, integrarem-se, integrarem-se melhor. Serem mais nossos.”* (Entrevista 4). Estas atividades interativas e colaborativas incentivam os alunos a trabalharem juntos, construindo pontes entre as suas diversas origens culturais e promovendo a empatia, o respeito e a compreensão mútua.

O Museu também desenvolve atividades específicas que abordam temas de diversidade e inclusão, estimulando discussões sobre identidade cultural e social. Ao envolverem os alunos na participação interativa no decorrer das atividades propostas, o Museu de proximidade,

permite que eles se vejam refletidos nas narrativas apresentadas, fortalecendo a sua identidade e pertença. Com a apropriação do património cultural local, os alunos aprendem a olhar para o seu meio e para eles próprios porque, *“Tudo isso contribui até para ser uma melhor pessoa, para compreender a realidade presente com base no passado. Quem eu fui, quem eu sou e até quem eu virei a ser. No fundo é isto”*. (Professora, Entrevista 3). Além disso, parcerias com escolas e comunidades locais garantem que os programas sejam relevantes e adaptados às necessidades dos públicos escolares, promovendo uma educação inclusiva e intercultural. Como tal, o Museu de proximidade não só preserva e exalta a diversidade cultural, mas também facilita a integração e convivência harmoniosa entre diferentes grupos, preparando as novas gerações para uma sociedade mais diversa, inclusiva e coesa, onde a diversidade é reconhecida e valorizada como uma força mobilizadora.

O Museu de Proximidade desempenha um papel crucial na educação para a cidadania, especialmente entre os públicos escolares diferenciados. Este espaço museológico deve estar atento às novas realidades sociais, reconhecendo e abordando as situações de desigualdade e injustiças sociais que afetam a integração da comunidade escolar. Ao fazer isto, o Museu promove a consciência crítica nos alunos, incentivando-os a compreender e lutar pelo direito à igualdade de tratamento. Além disso, é essencial que o Museu valorize e afirme as diferenças individuais, ajudando os alunos a perceberem a importância da diversidade e da inclusão na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Assim, o MAR torna-se um agente ativo na formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a transformação social, aliás, este propósito está bem presente no discurso da Ex^a. Senhora Curadora do Museu Agrícola de Riachos:

Como eu tinha dito há bocado, o mundo não é todo igual. Eu, eu... o que eu quero sobretudo, que as pessoas que entrem aqui é que saiam com a cabeça em vez de cheia de coisas, é que procurem, querem saber muito sobre a sua família, sobre mundo, sobre o que é que acontece, esse é o papel do museu, não só preservar. Obviamente que a nossa função não é só preservar o passado, mas procurar alargar horizontes, porque senão, estas coisas daqui a uns anos não têm expressão, se essas pessoas não lhes virem utilidade na sua manutenção. Eu também preciso saber até que ponto é que um jovem lhe interessa que este Museu se mantenha, ou não? Depois, daqui a uns anos possam dizer, ah...isto agora já não tem interesse nenhum. (Entrevista 1)

4.8 Segundo ponto de Partida: Análise micro: Estudantes

A nível micro, pretende-se aferir as perceções dos estudantes sobre as atividades de formação e determinar o impacto na sua inserção social.

4.8.1 Os alunos visitam o Museu

A visita dos públicos escolares ao Museu é uma experiência dignificante que promove a apropriação do património cultural como ferramenta de integração social. Durante a visita, os alunos do 4º Ano/1º CEB, tiveram a oportunidade de participar na atividade económica sobre o Ciclo do Azeite com a descrição de todo o processo, desde a apanha da azeitona até ao lagar, foi perceptível como era produzido o azeite. Para os alunos do 3º Ano/1º CEB, a visita de estudo realizada ao Museu, a atividade realizada, compreendia a “A escola no meu tempo”, descrevendo os comportamentos, disciplina e relação professor-aluno. Este contacto direto com o património cultural, contribui para a formação de uma consciência coletiva e para o reconhecimento das diversas identidades culturais presentes na comunidade. Além disso, a vivência no Museu estimula o desenvolvimento do pensamento crítico, da compreensão e do respeito pelas diferenças, elementos essenciais para a coesão social. Ao integrar o conhecimento cultural no currículo escolar, as visitas ao museu tornam-se um espaço de aprendizagem ativo, onde os alunos podem ligar o passado com o presente, compreendendo melhor o seu papel na sociedade e promovendo a inclusão e a igualdade.

O contacto direto com o património cultural, realizado no âmbito da visita, viabiliza a construção social da memória e auxilia na apropriação da identidade que serve de meio para o aluno adquirir a sua consciência social. Relativamente ao público escolar que participou neste estudo, aos 74 alunos do 3º e 4º Anos do 1º CEB foi-lhes aplicado um questionário que, com um conjunto de questões, pretendia avaliar a perceção dos estudantes sobre as atividades de formação e aferir o impacto na sua integração social e cultural. Foram utilizadas questões de resposta fechada, em que as perguntas especificam o nível de concordância ou não concordância com a afirmação, assim, optou-se por uma escala de cinco níveis de respostas, de forma a assegurar um ponto neutro para permitir todos os tipos de resposta.

Através das setenta e quatro respostas aos questionários, foram recolhidos dados, que atestam sobre as perceções dos alunos sobre as aprendizagens informais acerca do lugar onde vivem e interagem com o outro. Quarenta e quatro alunos (59,5%) concordam que aprenderam mais sobre o local onde vivem, por outro lado, apenas cinco alunos manifestam uma discordância total (6,8%).

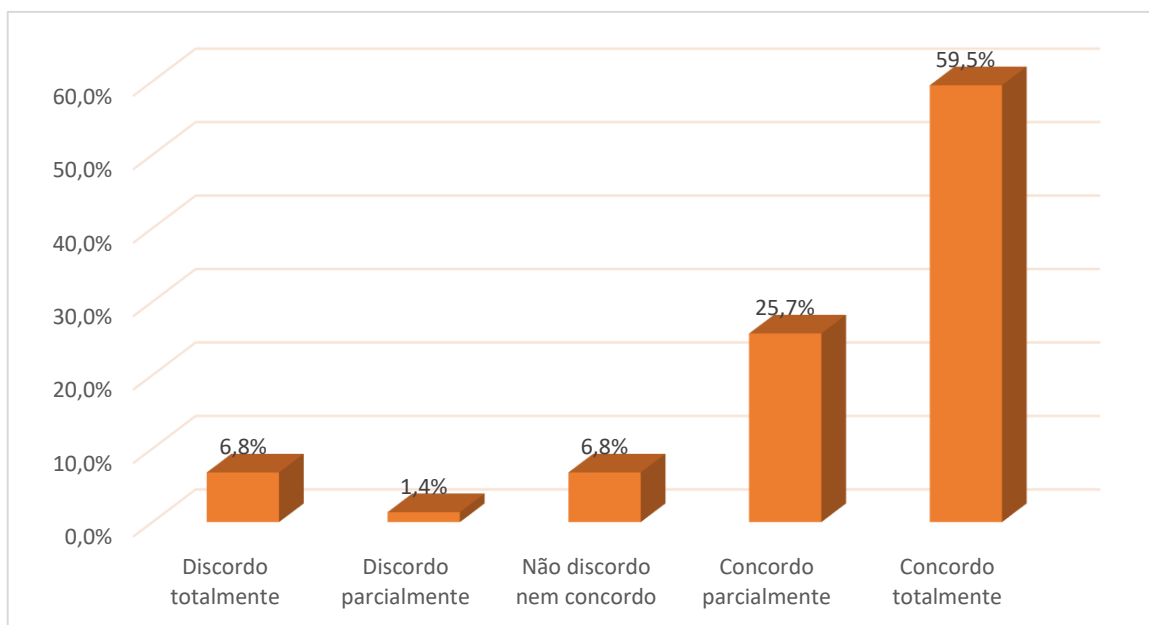


Gráfico 4.1 - Resposta dos alunos sobre a importância do local onde vivem

Conhecer o lugar onde vivemos e pertencemos é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade cultural e social sólida, este conhecimento promove um sentimento de pertença e de ligação com a comunidade local, fortalecendo laços sociais e contribuindo para a coesão social. Além disso, permite uma compreensão mais profunda das tradições, valores e história locais e a nossa perspectiva sobre o mundo, como afirma a Docente, “Sim, a *apropriação deste património cultural leva também ao conhecimento da sua própria família e da população em geral, quer dizer, o seu património local e até nacional*” [Professora, E3].

As visitas de estudo facilitam as aprendizagens informais ao proporcionar experiências práticas e interativas fora do ambiente tradicional da sala de aula, pois, permitem que os alunos observem e participem diretamente de atividades proporcionadas pelo MAR. Além disso, estas visitas estimulam a curiosidade e o interesse dos estudantes, ao ponto de a Curadora do Museu, ter em conta as expectativas dos alunos, acabando por ter uma posição bastante flexível, como diz;

Portanto não podemos dizer que é um projeto feito de uma forma fixa e depois já não se muda, não, porque ao longo do ano aceitamos desafios e parcerias de outras instituições, escolas, municípios, diversas instituições que nos propõem atividades e que nós aceitamos normalmente, quando nos é possível, claro. (Curadora, E1)

4.8.2 Valorização das diferenças

O Museu de proximidade, promove um discurso de tolerância para os públicos escolares ao oferecer atividades formativas que exploram temas como diversidade, inclusão e o respeito

mútuo. Estas atividades permitem uma aprendizagem colaborativa, pela possibilidade de os alunos interagirem diretamente com elementos culturais variados, compreendendo as suas origens e significados. Ao envolver os alunos em diálogos e reflexões sobre a temática proposta no âmbito da atividade e, igualmente as suas próprias experiências, o Museu incentiva a valorização das diferenças culturais e linguísticas, fomentando uma atitude de compreensão e respeito entre os jovens de diferentes origens.

Neste sentido, o Museu de Proximidade deve adotar temáticas que relacionem diferentes identidades e experiências, especialmente para o público escolar diversificado. Ao invés de se focar exclusivamente nas identidades étnicas coletivas, o MAR pode desenvolver atividades que promovam a intersecção de diversas vivências e histórias pessoais, estimulando a empatia e a compreensão entre os alunos. Temas como migração, multiculturalidade e vivências partilhadas podem servir como pontes entre diferentes grupos, facilitando a construção de um ambiente mais inclusivo. Desta forma, o Museu pode realmente cumprir o seu objetivo de integração e inclusão, ajudando a romper barreiras e a combater estereótipos de maneira eficaz.

A pergunta aos alunos do 3º e 4º anos do 1º CEB de Riachos, se a visita ao MAR ajuda a compreender melhor os outros, mesmo quando falam diferente de nós, os dados estatísticos revelam como os alunos tornam subjetiva a questão, relativamente aos seus sentimentos, impressões e opinião pessoal. O gráfico em baixo, mostra as diferentes perceções dos alunos relativamente à segunda pergunta do questionário.

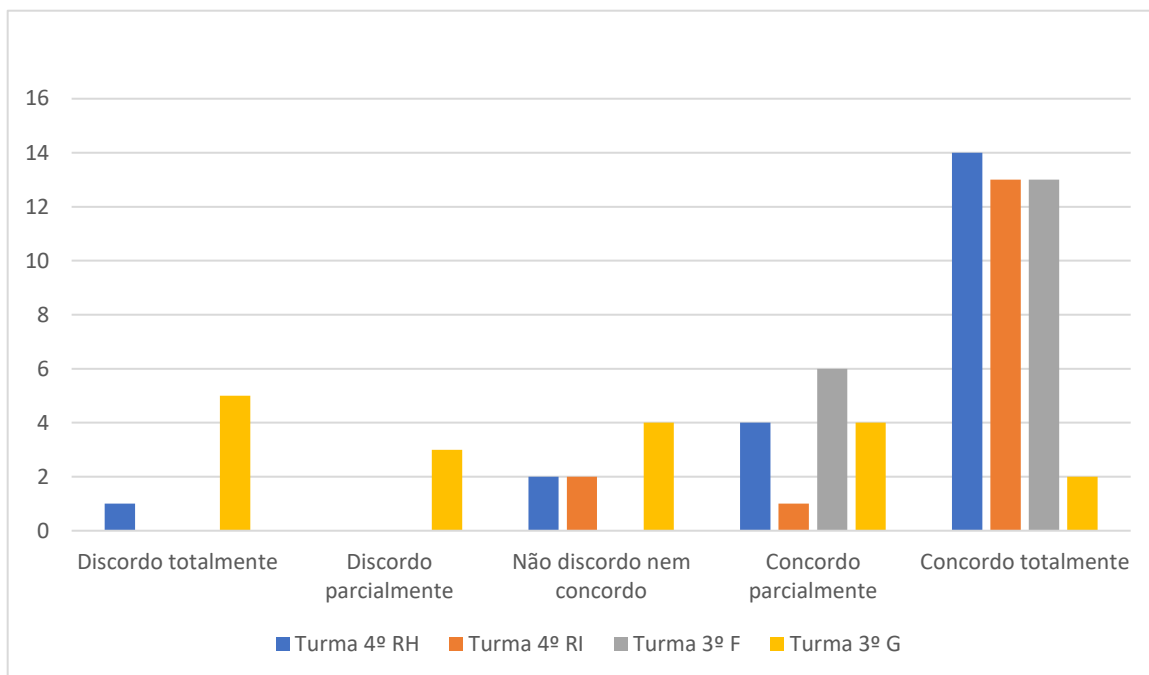


Gráfico 4.2 - A visita ao Museu ajuda a compreender melhor os outros, mesmo quando falam diferente de nós.

Quarenta e dois alunos num universo de setenta e quatro respostas, concordam plenamente, significa que 56,75% dos inquiridos estão de acordo com a questão apresentada. Em termos de discordância, apenas 6 alunos discordam totalmente, representando uma percentagem de 8,10%. A distribuição das respostas das turmas pelos níveis intermédios da escala (Discordo parcialmente/ Não discordo nem concordo/ Concordo parcialmente) são respetivamente em número de 3, 8 e 15, o que perfaz 26 respostas ao questionário. Significa que as perceções destes alunos distribuídos pela amostra, apresentam uma percentagem de 35,13%, mostrando estes dados estatísticos alguma insegurança destes 26 alunos, em sentirem que a visita de estudo poderia ajudar a compreender melhor os outros, mesmo quando falam diferente de nós. Considerando que o discurso do Museu incentiva a valorização das diferenças culturais e linguísticas, estes resultados são validados pelas palavras de uma Docente, que exemplifica:

Acho que para eles e estes alunos têm normalmente que ter, nós, enquanto professores, e os colegas também, têm que ter algum cuidado quando estão a falar com eles, e eu falo dos brasileiros, por exemplo, que é o que nós temos aqui com maior diferença, se calhar em termos linguísticos e culturais, parece que não, mas o brasileiro não é bem português, é um bocadinho... bastante diferente. (Professora, E 4).

4.8.3 As percepções de Identidade, Património e Memória

A visita ao Museu é essencial para os alunos, pois reforça a identidade cultural ao fazer a ligação com as suas raízes, tradições, usos e costumes, o que faz com que esta comunidade se reconheça enquanto cultura identitária, distinta dos outros.

O património exposto oferece um entendimento suficientemente explícito da história e dos legados culturais, aumentando o conhecimento e o sentimento de pertença dos alunos que visitam o Museu.

A memória coletiva é preservada e revitalizada através destas experiências, promovendo a valorização do passado e a sua influência no presente. Estes elementos combinados projetam a consciência de uma cidadania, capaz de julgar e avaliar o respeito e a apreciação pela diversidade cultural.

A terceira pergunta do questionário pretende aferir as percepções dos alunos se compreenderam as afirmações fornecidas sobre os modos de vida rural, tradições, usos e costumes da comunidade de acolhimento. Esta ligação ao passado, faz com que esta comunidade local se apresente como uma cultura identitária, para a Docente do 3º ano:

É muito importante saber como é que surgiu a localidade, a história das ruas, das pessoas, tudo isso, não é? Como se vestiam, em que é que trabalhavam, como cozinhavam, as ervas aromáticas, toda a história de um povo que tem a ver até com a fauna e a flora de Portugal. Portanto, nada está desligado de uma coisa com a outra, não é? (Professora, E 2).

As respostas dadas pelos alunos estão claramente expressas no gráfico subjacente, a sua concordância total e parcial totaliza 59 respostas o que significa 79,7% do universo dos respondentes ao questionário, por sua vez, a discordância total e parcial totaliza 4 respostas (5,40%).

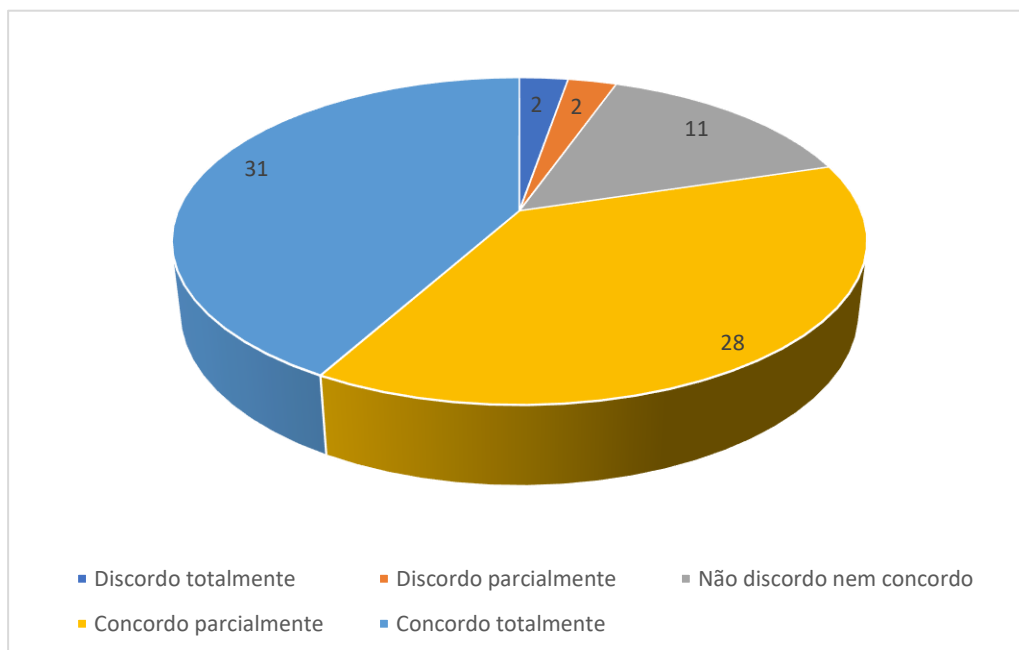


Gráfico 4.3 - Compreender as informações dadas sobre os modos de vida rural, tradições, usos e costumes do local onde vivo.

Quanto à preservação do património cultural e a sua apropriação através das atividades formativas realizadas pelo Museu, o gráfico 4.4, mostra como os públicos escolares entendem a diversidade cultural como um património valioso que deve ser preservado, alinhando-se à ideia de pluralismo cultural. Estas atividades educacionais expõem os alunos à diversidade das diferentes culturas, promovendo o respeito e a valorização das múltiplas tradições, usos e crenças que compõem a comunidade escolar. Ao interagirem com diversas manifestações culturais, os alunos desenvolvem uma compreensão mais profunda da importância de preservar e legitimar esta diversidade. Isto fortalece o conceito de pluralismo cultural, onde a coexistência e o respeito mútuo são essenciais, assim sendo, estes recursos podem configurar uma mais-valia capaz de incentivar o diálogo e o apreço pelos patrimónios dos diferentes públicos escolares. O Museu, assim, não só educa sobre o património cultural, mas também incentiva os alunos a serem defensores ativos de uma sociedade inclusiva e plural, do ponto de vista de uma realidade que seja promotora da aceitação das diferenças étnicas e culturais. Para estes alunos perceberem onde estão, entenderem a comunidade e se integrarem, o MAR contribui para a sua integração, como afirma a Docente do 4º ano:

Eu penso que sim, é sempre útil, embora os que já cá estão acabam por conhecer melhor porque começam logo a trabalhar essas... esses assuntos com o museu e na escola desde o primeiro ano, os outros que vêm chegando vão tomando algum contacto e vão tentar inserir-se. E vão-se integrando. É realmente muito bom. (Professora, E 4)

A resposta ao questionário é clara, o gráfico abaixo, indica que 56 alunos afirmam a sua concordância total, enquanto a discordância total regista zero respostas. A perceção dos alunos sobre este tipo de atividades é bastante positiva, com uma percentagem de 75,6 %, a maioria gosta deste tipo de atividade e vinca a importância da preservação do património.

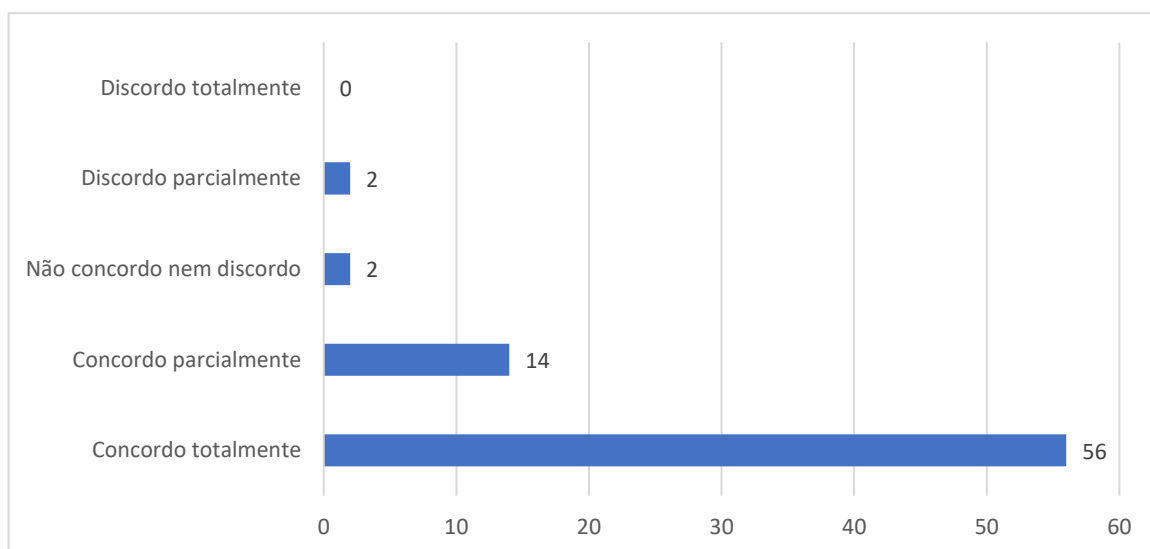


Gráfico 4.4 - Compreender a importância de se preservar o património cultural.

4.8.4 Aprender com a visita de estudo

O Museu de Proximidade organiza a exploração do seu acervo de forma alinhada com os interesses e necessidades dos públicos escolares e concretiza, por meio de uma experiência educacional abrangente focada nos alunos através das atividades oferecidas, que realçam a importância do património cultural local. Esta abordagem não só facilita a compreensão dos objetos expostos nas atividades, mas também enfatiza o seu valor cultural e histórico. Estas atividades oferecidas durante a visita incentivam a interação e a reflexão crítica, permitindo que os alunos interpretem o significado dos artefactos e apreciem a sua relevância nos dias de hoje. Assim, o Museu de proximidade cumpre um papel crucial ao mostrar e descrever o seu acervo, promovendo uma interação mais profunda e significativa entre os públicos escolares e o património cultural local. Ainda que o público escolar constitua uma preocupação com a escolha das temáticas oferecidas nas atividades formativas, é urgente a determinação de tentar ligar a tradição com a modernidade.

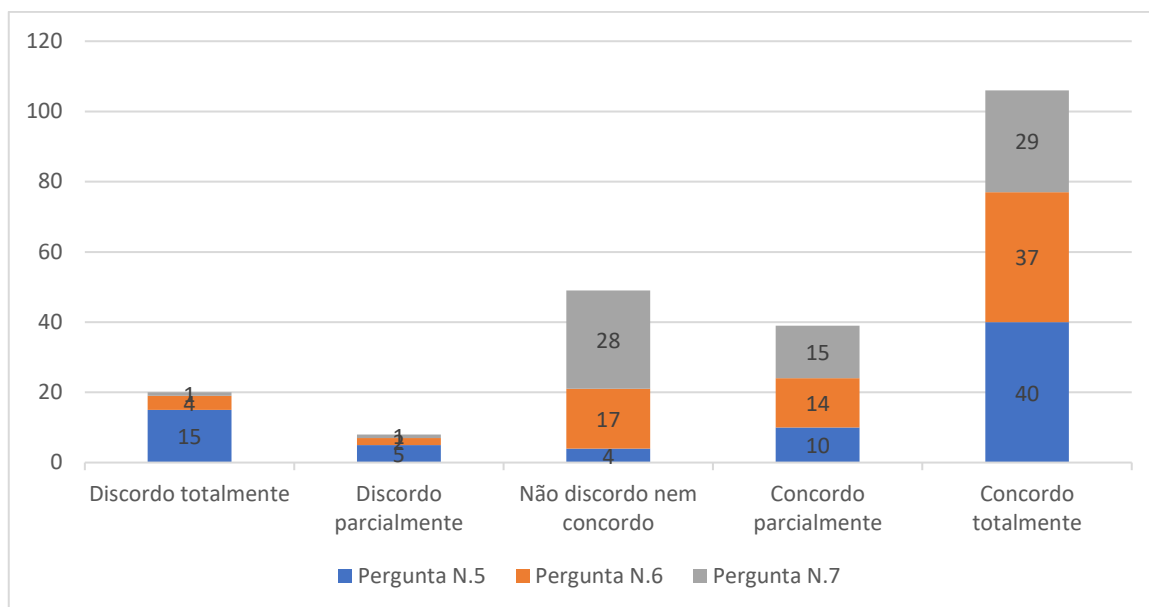


Gráfico 4.5 - O que se aprende na visita para saber sobre a comunidade, como viveu e como era a sua cultura.

O gráfico expressa os dados obtidos com as perguntas 5, 6 e 7 do questionário, mostra uma concordância total com 106 respostas, a que se juntam 29 respostas dos alunos que manifestam uma concordância parcial, porém, apenas 20 respostas discordam totalmente. Contudo, manifestam uma significativa indiferença com 49 respostas (Não concordo/Nem concordo), na interpretação sobre o significado dos objetos museológicos presentes nas atividades formativas oferecidas pelo Museu. Assim, é útil existir a percepção da importância sobre a obrigação de ligar os objetos expostos na atividade com a questão da temática por parte dos alunos, que serve como contexto para adquirirem uma atitude crítica sobre a situação, como relata a Docente:

Eles, a nível pessoal, trouxeram vários objetos, até estão aqui expostos, vários objetos familiares que tiveram a sua importância em determinado contexto e que hoje já não se justificam, quer pela evolução do instrumento em si, quer pela produção que se requer hoje em dia, não é? (Professora, E 2)

4.8.5 Depois da visita, a discussão em grupo

Nas visitas de estudo ao Museu de proximidade, os públicos escolares desenvolvem aprendizagens que são influenciadas por diversos fatores. O estabelecimento de interações entre os alunos e o ambiente museológico promove a troca de conhecimentos e a construção coletiva do saber. A motivação e a emoção despertadas pela experiência direta que ocorre durante as atividades formativas oferecidas pelo MAR, aumentam o interesse e o envolvimento dos alunos. A socialização durante a visita fortalece os laços entre os colegas

e estimula a comunicação e a colaboração. Esta experiência física e sensorial no Museu dignifica o processo educativo, proporcionando uma vivência prática que será posteriormente avaliada e refletida na sala de aula, contribuindo para uma compreensão mais profunda e significativa dos conteúdos abordados. É fundamental que estas experiências que ocorrem neste espaço museológico possam ser evocadas pela memória e discutidas em grupo pelos alunos na sala de aula, tal como refere a Docente:

Para já é lá no local onde eles estão e intervêm sobre aquele assunto porque já foi trabalhado em sala de aula ou já foi pesquisado, como estava a dizer, já foi pesquisado e eles conseguem ter uma intervenção sobre aquele assunto. Lá é o que me deixa mais satisfeita. Depois, aquilo que eles trazem para a sala de aula no final, é quando eles de alguma maneira conseguem partilhar aquilo que foram lá aprender e conseguem falar sobre isso aumentando o conhecimento deles, portanto, quer dizer que aquela visita de estudo foi de facto importante e que atingiu o objetivo. (Professora, E 4)

A visita dos públicos escolares ao MAR que é antecedida de uma preparação e trabalhado na sala de aula e, depois, é discutido colaborativamente entre os alunos, é possível retirar desta experiência, uma maior compreensão de cada um dos participantes no compromisso da aprendizagem e do ensino. Sobre as perceções da discussão em grupo e as opiniões de cada um, os dados revelam que 50% dos alunos concordam em parte com os diferentes pontos de vista sobre as temáticas abordadas nas atividades, a concordância total foi expressa por 26 alunos (35%). A discussão colaborativa é aceite por 85% dos alunos, apenas 12% dos alunos manifestaram a sua discordância.

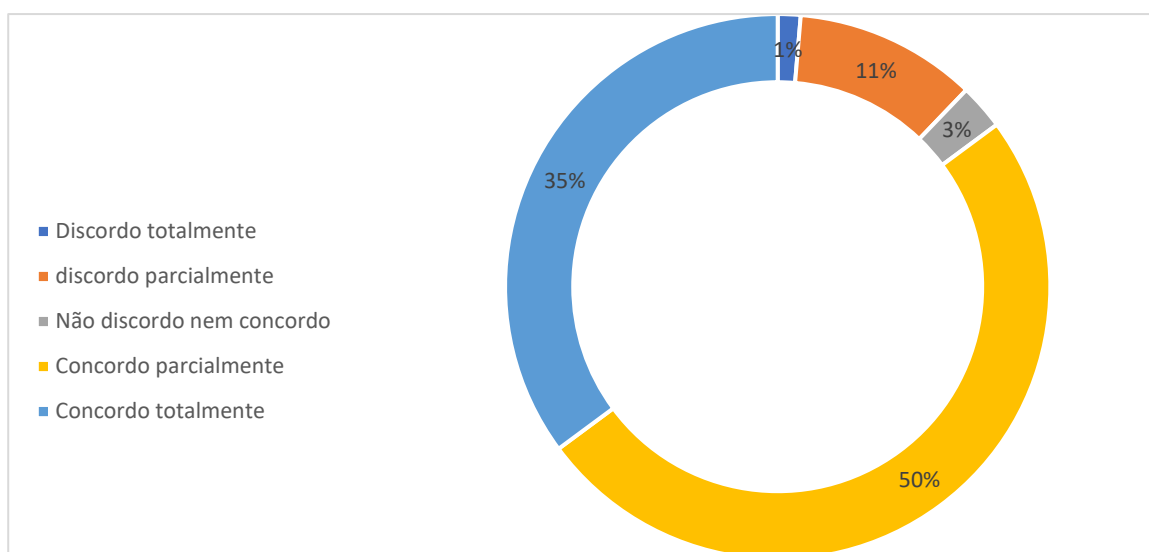


Gráfico 4.6 - A discussão colaborativa em grupo permite partilhar o que aprenderam na visita de estudo.

4.8.6 A visita de estudo como espaço de representação do Outro

As atividades formativas do Museu de Proximidade oferecidas aos públicos escolares pretendem ser um espaço de representação da construção da cultura, promovendo a alteridade como um convite para entender o outro na sua subjetividade, diversidade e diferença. Estas atividades são projetadas para criar um ambiente educativo onde os alunos possam explorar e refletir sobre diversas perspetivas culturais, afinal, a cultura não é um conjunto alienado de símbolos e significados a que se possa dar uma significação final. Precisamente, por a socialização durante a visita, fortalecer os laços entre os colegas e estimular a comunicação e a colaboração.

Ao vivenciar estas experiências no museu, os alunos têm a oportunidade de ampliarem os seus horizontes culturais e desenvolver uma apreciação mais profunda pela riqueza das diferenças humanas. O Museu Agrícola de Riachos, configura-se como um espaço de promoção do diálogo e da inclusão social de todos os grupos da comunidade escolar, independentemente do seu género, etnia, cultura ou religião, como explica a responsável do Museu:

Por exemplo, no ano letivo passado, eu fui à escola e falar sobre as brincadeiras de outrora. Eu explicava algumas coisas, ainda jogam, a outras coisas já não jogam, são jogos mais específicos, e os meninos angolanos começaram a explicar como é que brincavam, ainda brincavam muito como os nossos meninos brincavam aqui há 30 ou 40 anos atrás. E então, eles passaram a ser os reis, ou seja, a assembleia virou-se para eles e eu disse, venham aqui e mostrem aos vossos colegas aquilo que eu estou a dizer, vocês ainda o fazem. Foi muito interessante. Eu acho que eles ficaram a olhar para eles de outra forma, não é? (Curadora, E1)

A penúltima pergunta do questionário procura aferir as perceções dos alunos se, e após a visita de estudo, acham que estão mais preparados para compreender o Outro(s) que pensa diferente. Estes dados vão permitir perceber como o MAR se configura como um espaço museológico de diálogo e inclusão dos diferentes públicos. O gráfico exposto em baixo, mostra que a maioria dos alunos que ficou mais preparado para compreender quem pensa diferente de si próprio. A concordância total e parcial soma 67 respostas, ou seja, 90,54% dos alunos acham que após a experiência no Museu, estão mais sensibilizados para aceitarem

quem é culturalmente diversificado. Nenhum aluno respondeu que discorda totalmente com a pergunta efetuada no questionário.

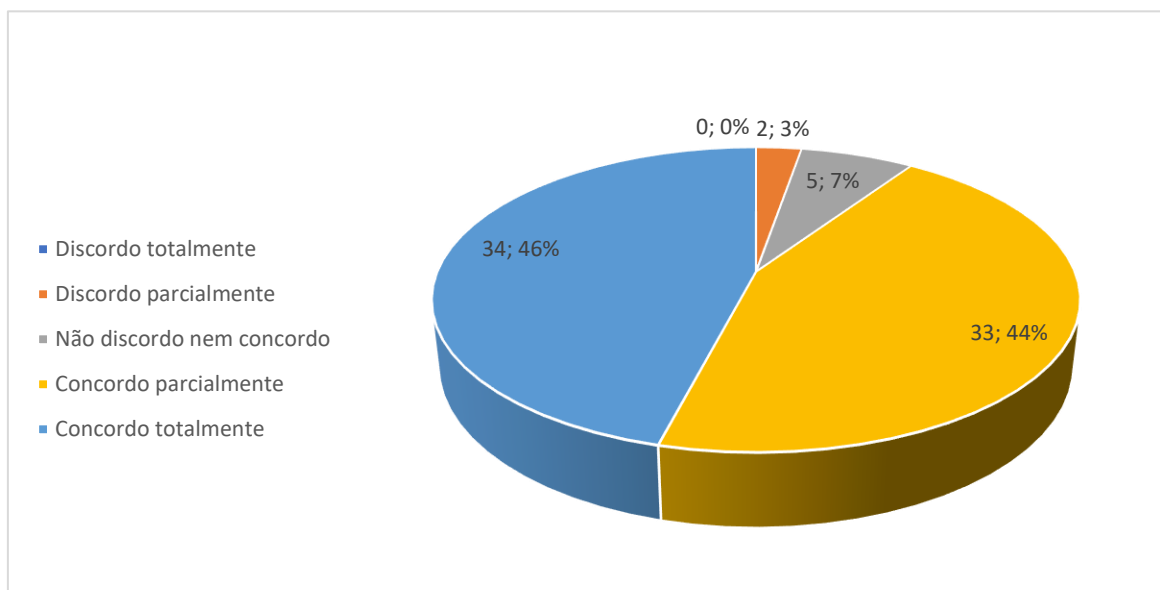


Gráfico 4.7 - Compreender quem pensa diferente de mim.

4.8.7 A percepção da representação do conceito de integração

A intervenção social do Museu de Proximidade permite uma reflexão sobre as suas práticas museológicas, fortemente comprometidas com os diversos públicos. Principalmente através das visitas de estudo, o Museu assegura a democratização do acesso e promove a inclusão. Nestas visitas, os alunos são incentivados a refletir sobre temas como discriminação, igualdade de género e justiça social. O museu utiliza as atividades formativas e interativas para sensibilizar os alunos sobre a importância de uma sociedade inclusiva, onde todos tenham iguais oportunidades. Esta abordagem reforça o papel do museu como um espaço educativo e transformador, dedicado à integração social e cultural de todos os públicos escolares

Os profissionais dos museus nem sempre compreendem plenamente o sentimento de exclusão que alguns estudantes mais diferenciados experimentam. No entanto, desenvolver esta sensibilidade é crucial para assegurar a integração de públicos escolares social e etnicamente excluídos. Compreender estas experiências de exclusão permite que os museus adotem práticas mais inclusivas e acessíveis, promovendo um ambiente onde todos se sintam bem-vindos e representados. O Museu de proximidade pode desempenhar um papel vital na educação e inclusão social, reconhecendo a heterogeneização étnica e cultural no sentido de aceitar a diversidade e a pluralidade de culturas globais, é afirmado o seguinte:

Num mundo globalizado, já havia globalização, sem nós darmos por ela, mas era uma globalização a uma escala diferente, obviamente, não é? Mas já havia, já vinham pessoas da África para o nosso país. Nós tínhamos comunidades negras aqui na Golegã e aqui nestas zonas, os escravos que vieram para Portugal. (Curadora, E1)

Neste sentido, o Museu de proximidade e o seu património que o representa, podem tomar parte e agir como um instrumento de inclusão social, precisamente, através da inclusão cultural. Ainda assim, as visitas de estudo ao Museu, nem sempre são muito dialógicas, nas atividades formativas fica a impressão de que a Curadora tenta estabelecer um diálogo com os alunos respeitando a subjetividade individual, no entanto, o resultado é a obtenção de respostas antecipadamente definidas.

Para aferir o que significa aprender, o que é questionar e interrogar, e o que é ser discriminado e não ser excluído, o gráfico abaixo, mostra com clareza as perceções dos alunos por turma. As respostas ao questionário mostram que as turmas do RI e RH do 4º ano e 3º G, respetivamente, com $12+13+7=32$ (respostas) e uma percentagem de 43,24%, os dados indicam uma concordância total. Na opção Discordo totalmente, a turmas F e G do 3º ano e do 4º RH, respetivamente ($19+1+2=22$, alunos), registam uma percentagem de 29,72% de respostas aos questionários administrados.

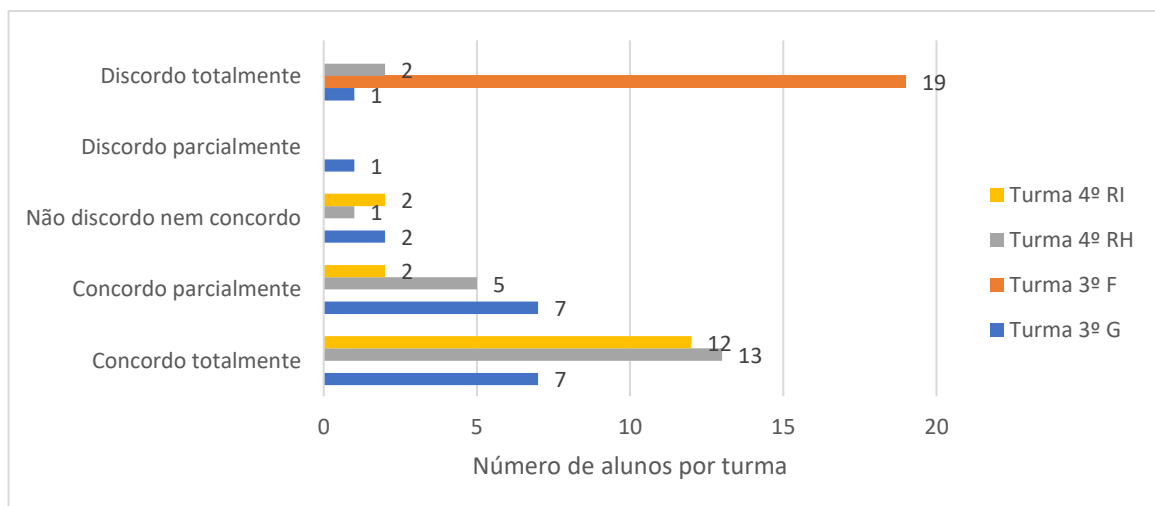


Gráfico 4.8 - Aprender o que é questionar e interrogar sobre o que significa ser discriminado e não ser excluído.

Os dados recolhidos, permitem inferir que o Museu Agrícola de Riachos, utiliza as atividades formativas e interativas para estimular os alunos a aprenderem sobre a importância da pertença a uma sociedade inclusiva, onde todos tenham iguais oportunidades. Os resultados revelam que a visita de estudo é essencial para os alunos, pois reforça a identidade cultural ao fazer a ligação com as tradições, usos e costumes locais, esta abordagem, reforça o papel

do Museu como espaço educativo, contribuindo para a integração do público-alvo social e culturalmente diversificado.

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Repensar o Museu de proximidade e as suas atividades formativas a partir de uma museologia mais centrada nos públicos escolares diferenciados e por isso, mais participativa, é fundamental para promover a construção de memórias e identidades que assegurem a plena integração destes públicos. Ao permitir que os alunos não apenas observem, mas também interagem com os objetos e fiquem a “*memorizar e a saber*”²⁴ os significados do património cultural, o Museu torna-se um espaço inclusivo e dinâmico. A participação ativa na criação de narrativas e na interpretação dos objetos culturais fortalece o sentimento de pertença, enquanto aumenta a compreensão das suas próprias origens e da cultura da comunidade de acolhimento. Este trabalho permitiu concluir que o Museu de proximidade deixa de ser apenas um depositário de memórias estáticas e passa a ser um agente ativo na construção identitária e social, essencial para a inclusão cultural e educativa.

A forma como as Professoras e a Curadora do Museu de Proximidade encaram o conhecimento e a aprendizagem é crucial para a maneira como os alunos aprendem. Se os alunos recebem um espaço participativo, abre-se a possibilidade de criar propostas alternativas às micronarrativas tradicionais, sejam as oriundas da escola ou do museu. Tais narrativas muitas vezes reforçam a manutenção da ordem social vigente, ao passo que um ambiente de participação plena dos alunos, pode incentivar a construção de saberes críticos e transformadores. Ao desafiar as estruturas estabelecidas, este tipo de abordagem promove uma educação que valoriza a pluralidade de vozes e o protagonismo dos alunos, permitindo que a aprendizagem se torne um processo mais inclusivo e significativo. Quando falamos da função educativa do Museu de Proximidade, é fundamental distinguir os tipos de aprendizagem em questão. Se a ênfase está no domínio de conteúdos e/ou conceitos, o Museu atua como uma extensão do ensino formal, transmitindo um conhecimento específico. No entanto, se o foco recai sobre valores, princípios e comportamentos, o Museu assume um papel mais transformador, promovendo uma aprendizagem crítica e reflexiva. Neste contexto, o Museu de Proximidade pode não apenas ensinar a construir significado,

²⁴O Museu de proximidade e as suas atividades formativas a partir de uma museologia mais centrada nos públicos escolares, reflete o papel concedido à educação nos museus assente no entendimento destes, como centros de educação e aprendizagem informal, e como entidades sociais, podem contribuir através das suas práticas, para a inclusão social deste público escolar diferenciado. O simples facto de o aluno olhar e manusear o artefacto, desperta as mais variadas interações, cognitivas e intelectuais, porque “*o estar perto dos objetos também os ajuda a memorizar e saber as coisas que eles vão sentir*” (Entrevista 3).

mas também incentivar uma consciência social, ética e cultural, contribuindo para a formação integral dos alunos.

Como se constatou, a educação é uma construção social e cultural, tem de ser plural e inclusiva, refletir a diversidade e estimular o pensamento crítico, para permitir que os alunos se questionem e compreendam as múltiplas perspetivas de quem pensa diferente. Esta polifonia de vozes é essencial para o desenvolvimento de uma educação democrática, onde o diálogo, a reflexão e a construção coletiva do saber são valorizados. Assim, a educação torna-se um espaço de transformação, promovendo a consciencialização e a ação social. No mundo globalizado, onde os contextos culturais estão em constante transformação, a preservação e o fortalecimento destes valores tornam-se ainda mais essenciais. Ao adotar um papel identitário que reconhece e valoriza a diversidade, o Museu de Proximidade torna-se um lugar de pertença para os públicos escolares heterogéneos. Em vez de seguir uma narrativa única e dominante, o Museu distingue as múltiplas vozes, incentivando o reconhecimento das diferentes identidades culturais, sociais e políticas. Paralelamente, o Museu não deve apenas promover a preservação da identidade cultural, mas também incentivar a reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais contemporâneas. Através das suas atividades formativas, com a participação da comunidade escolar, o Museu funciona como um espaço de debate sobre questões como inclusão, igualdade de género, justiça social e direitos humanos. Ao fomentar estas discussões, sentimos que o Museu contribui para o fortalecimento do pensamento crítico e da autonomia pessoal do aluno, convidando todos a refletirem e *“questionem-se porque é que o mundo está diferente”*. (Curadora E1)

É importante destacar que o papel educativo do museu não se limita ao espaço físico. O conceito de proximidade deve ser entendido também no sentido simbólico e relacional, instituindo uma ligação afetiva entre o Museu e a comunidade escolar que serve. Esta proximidade implica um envolvimento constante com as necessidades e expectativas dos alunos, adaptando as suas práticas educativas e expositivas para refletir as realidades e desafios específicos de cada contexto. O Museu de proximidade, portanto, deve estar em constante diálogo com o ambiente escolar, funcionando como um agente ativo de transformação social. O desafio do Museu de Proximidade é encontrar um equilíbrio entre a sua função de preservação do património e sua missão educativa e reflexiva. Embora seja importante preservar e expor a memória coletiva e os objetos culturais, é igualmente crucial que o Museu não se torne um espaço estático e anacrónico. A iniciativa do debate público, o

envolvimento cívico e a promoção da diversidade devem ser elementos centrais da sua atuação. Verificou-se que o Museu de proximidade se afirma como um espaço de construção de cidadania e de fortalecimento da democracia, onde a igualdade de oportunidades e a legitimidade do direito à diferença são não apenas valores proclamados, mas vivenciados na prática quotidiana.

Tivemos o propósito, com o decorrer desta dissertação, de examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos, para a formação e inclusão dos públicos escolares culturalmente diversificados e realizadas no contexto das visitas de estudo. Admitindo, e alguns estudos indicam, que o discurso dos museus nem sempre se alinham com os programas curriculares escolares, porém, na análise da entrevista à Docente é enaltecida e valorizada a parceria com o Museu Agrícola de Riachos que é “*uma ótima ajuda e parceria*” (Professora, E4), revelando que é possível a articulação com a educação não formal.

O Serviço Educativo, por ação da Curadora do MAR, desenvolve um trabalho de natureza educativa através da educação patrimonial e cuja metodologia (educativa) se constitui como um instrumento estratégico para a aprendizagem não formal. Como tivemos a oportunidade de analisar, a apropriação do património cultural através das atividades formativas no Museu, permite que o discurso museológico incentive os alunos a aceitarem as diferenças étnicas e culturais, valores essenciais para uma sociedade inclusiva e plural.

Principalmente através das visitas de estudo, o Museu assegura a democratização do acesso e promove a inclusão, através destas visitas, os alunos são incentivados a refletir sobre temas como discriminação, igualdade de género e justiça social.

Os dados recolhidos nos questionários, respondidos por 74 alunos e após analisados, pretendem aferir as suas perceções sobre as atividades de formação proporcionadas pelo Museu Agrícola de Riachos. Inquiridos sobre local onde vivem, 59% dos alunos respondeu que concorda totalmente, o que permite perceber o desenvolvimento de um sentimento de pertença e de ligação com a comunidade local, e este sentimento, é também manifestado com a apropriação do património cultural local. O Museu educa sobre o património local, igualmente, estimula os alunos a defenderem os valores de uma sociedade inclusiva e plural capaz de legitimar o direito de quem pensa diferente, o que é perceptível nas percentagens de respostas de concordância robusta dos inquiridos (Gráficos 4.2, 4.3 e 4.4). Os dados revelam que a visita dos públicos escolares diferenciados a este espaço museológico, reforça a identidade cultural deles ao contactarem com as tradições, usos e costumes, assim como, é

um incitamento à criação de uma consciência crítica e de cidadania no reconhecimento da diversidade cultural.

A interpretação dos dados configurados nos gráficos (4.5, 4.6 e 4.7), permite aferir as percepções dos inquiridos sobre as interações estabelecidas no ambiente museológico para a troca de conhecimentos e para a construção coletiva de saberes, na medida em que incentiva a comunicação e a colaboração.

O discurso museológico provoca reações sobre os desafios da integração social e cultural, bem vinculadas nas percepções dos inquiridos na última pergunta do questionário (Gráfico 4.8). Regista-se uma concordância total com 32 respostas dos inquiridos e com uma maioria relativa, em oposição a uma discordância total bem vinculada, apresentando um registo de respostas na ordem de 22 repostas ao questionário.

A comunicação em museus, atualmente, é entendida como um processo cultural dinâmico, onde o significado é construído ativamente por meio da interação entre diferentes agentes. Nesse contexto, a Curadora do Museu, Professores e Alunos colaboram num processo de negociação de conhecimento e experiências, cada qual trazendo as suas próprias perspetivas e vivências. O Museu deixa de ser apenas um transmissor de informação e passa a atuar como mediador, facilitando a criação de interpretações partilhadas e a reflexão crítica. Este processo participativo reforça a aprendizagem colaborativa, promovendo um entendimento mais profundo e coletivo dos temas apresentados.

O presente estudo procurou perceber os processos de integração, assim como o papel da educação como mediador de inclusão, obviamente, deverão ser entendidos no contexto do Museu Agrícola de Riachos. As vistas de estudo são, por natureza, esporádicas e curta duração, neste sentido, este trabalho representa um estudo incompleto sobre esta realidade museológica que se transforma e altera.

Por último, e considerando a pesquisa realizada, foram identificadas várias dimensões de estudo que ultrapassam o propósito desta investigação, mas que consideramos importantes para projetos futuros. A relação museu-escola no contexto da interculturalidade promove a valorização das identidades e territórios mais alargados de grupos culturalmente diversos. Os museus, ao atuarem como espaços educativos, têm o potencial de enriquecer o currículo escolar, especialmente para alunos mais velhos, ao oferecer experiências que dialogam com suas histórias, culturas e vivências. Esta ligação reforça a construção de pertenças identitárias e territoriais, fortalecendo o vínculo com a memória coletiva e o património.

Neste processo, as organizações da sociedade civil desempenham um papel crucial ao impulsionar a museologia social, que prioriza a inclusão, a equidade e a participação comunitária. Tais iniciativas não apenas valorizam a diversidade cultural, mas também promovem uma cidadania ativa e inclusiva, integrando a escola como espaço central para debates sobre identidade, direitos e a convivência em sociedades multiculturais.

BIBLIOGRAFIA

- Aires, L. (2015). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Lisboa. Universidade Aberta.
- Albino, T. (2004). *O museu como espaço de educação intercultural*. In VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais – A questão social no novo milénio, 16, 17 e 18 de Setembro de 2004, Coimbra. EM: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/TeresaAlbino.pdf>
- Almeida, P., Martínez, A. (2015). *As pesquisas sobre aprendizagem em museus: Uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural*. Ciência & Educação. 20(3). pp. 721-737.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Anico, M. (2008). Significados e práticas museológicas. Reimaginação e procura de novos sentidos. *Outro país–novos olhares, terrenos clássicos*, (4), 26-46. https://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/03_Marta_Anico.pdf
- Bell, J. (2004). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva
- Bogdan, R. e Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Branco, Jorge de Freitas (2005). *Máquinas nos Campos. Uma visão museológica*, Oeiras, Celta Editora
- Branco, Jorge Freitas (2008), Significados Esgotados: sobre Museus e Coleções Etnográficas, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa/ CEAS-Centro de Estudos de Antropologia Social, Lisboa. Em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1147/1/Branco_Significados_Donostia_2008x.pdf
- Calado, Pedro (2016). Entre Iguais e Diferentes: a Mediação Intercultural. Atas das I Jornadas da Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural; Alto Comissariado para as Migrações, I.P. Lisboa. Em: http://repositorio.esepf.pt/jspui/bitstream/20.500.11796/2374/1/Atas_RESMI_final.pdf
- Carvalho, A. (2015). *Diversidade cultural e museus no séc. XX: o emergir de novos paradigmas*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal. Consultado em 12 de Dez. de 2023. Em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/20830>
- Chagas, M. (1994). Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia*, 2, 41-53.
- Cochito, Maria Isabel. (2004). *Cooperação e aprendizagem: educação intercultural*. Lisboa: Alto Comissariado para as Minorias Étnicas.
- Cury, M. (2013). *Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações*. *Ensino em Re-Vista*, vol.20, n.1, p.13-28, Jan/Jun. 2013.
- DUARTE, A. (2012). *Museu e Desenvolvimento Local: O Museu como Instrumento de Internacionalização da Cultura Local*. Series Iberoamericanas de Museología. Vol. 3, pp. 133-142. Em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/106986/2/75697.pdf>
- Dutra, S. & Nascimento, S. (2016). *A educação no entre lugar museu e escola: um estudo das visitas escolares ao Museu Histórico Abílio*

- Barreto. *Educação*, 39(Esp), s125-s13n. Doi: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.20994>
- Faria, M. (2000). *Educação-Museus-Educação-Projecto Museus e Educação. Instituto de Inovação Educacional*. (Acedido em 11 de dezembro de 2023) Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/6faria_artigo.pdf
- Faro, S. (2006), *Museus: “objectos de desejo? Desafios de comunicação com públicos periféricos”*. Dissertação de Doutoramento em Museologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ferin, I., Santos, C. A., & Fortes, I. (2008). *Media, imigração e minorias étnicas 2005-2006* (Vol. 28). Observatório da Imigração, ACIDI, IP.
- Figueira, L. M., & Ramos, D. (2014). *Museus de Comunidade: Manual de apoio à gestão. Cadernos de Sociomuseologia*, 48, 57-84.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Fortin, M. (2009). *O Processo de investigação: da conceção à realização* (5ª ed.). Loures. Lusociência.
- Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Giddens, A. (1999). *A Terceira Via*. Lisboa: Editora Presença, pp 1-144.
- Gil, I. (2008). “*As interculturalidades da multiculturalidade*”. In Portugal: Percursos de Interculturalidade, editado por Artur Teodoro Matos e Mário Ferreira Lages, 4: 29-48. Lisboa: Alto Comissariados para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).
- Gonçalves, A. (2007). *A difícil arte de perguntar: aporias e apostas da redacção do questionário para inquérito sociológico*. Comunicação e Sociedade, Vol. 12, 201-211. Disponível em: Doi: [https://doi.org/10.17231/comsoc.12\(2007\).1105](https://doi.org/10.17231/comsoc.12(2007).1105)
- Guerra. I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora.
- ICOM- International Council of Museums, (2007). “*Museum Defenition*”. Consultado em 4 de dez. 2023, em: <http://icom.museum/who-are/the-vision/museum-definition.html>.
- Kastoryano, R. (2018). *Multiculturalism and interculturalism: redefining nationhood and solidarity*. Comparative Migration Studies
- Lages, M.F. & Matos, A. (2009). *Da Multiculturalidade à Interculturalidade*. In Revista Povos e Culturas, Nº 13, pp. 9-43. Lisboa. Universidade Católica Portuguesa.
- Leite, E. e Vitorino, S. (2008). *Serralves – Projectos com Escolas*. Porto: Fundação Serralves.
- Leite, P. (2014). *A museologia como instrumento da reconstrução da memória social*. Consultado em 24 de Nov. 2023. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/encontros/1097_reencontros.pdf
- Leite, P. (2017). *Museologia Social e Dignidade Humana: estudos sobre a diversidade cultural e o desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Marca d’água, 2017.
- Lopes, Ana Maria D’Ávila (2012). “*Da Coexistência à Convivência Com o Outro: Entre o Multiculturalismo e a Interculturalidade*”. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana 20 (38): pp. 67-81. Doi: [10.1590/S1980-85852012000100005](https://doi.org/10.1590/S1980-85852012000100005)

- Marandino, M. (2001). *Interface na Relação Museu-Escola. Cadernos Catarinenses no Ensino da Física*, 18(1), 85-100.
- Mendes, J. A. (2013). *Estudos do património: museus e educação, 2ª edição*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*, em EDUSER: revista de Educação, Vol. 2 (2), 2010. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=COPiqZcAAAAJ&hl=pt-PT&oi=sra>
- Minayo, M. (1989). *O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde*. Rio de Janeiro: Escola nacional de Saúde Pública.
- Morais, I. (2020) *Comunicação de Museus de Memórias Difíceis. Museus de Escravatura* [Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa. Consultado em 28 de Nov. de 2023. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/107864>
- Moutinho, M. (1989). *Museus e sociedade: Reflexão sobre a função social do museu. Museu Etnológico de Monte Redondo, cadernos de Património*. Lisboa: ULHT.
- Nogueira, S. (2003). *A cultura material no processo educativo: museus, objetos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias*. PASOS Revista de Turismo Y Património Cultural, 2003(1), pp. 97-103. doi.org/10.25145/j.pasos.2003.01.009
- Oliveira, Genoveva. (2012). *Museus e Escolas: os serviços educativos dos museus de arte moderna e contemporânea, um novo meio de comunicação e formação*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora
- Ornelas, M. S. (2016). *O papel da autoria dos jovens na relação entre o museu de arte contemporânea e a escola*. Tese de Doutoral. Facultad de Bellas Artes, Universitat de Barcelona.
- Pimentel, C. (2005). *O sistema museológico português (1833-1991): em direcção a um novo modelo teórico para o seu estudo*. Edição; Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto, C. Bárbara. (2018). *Museu, comunidade e património cultural imaterial: um estudo de caso – o Museu da Terra de Miranda*. MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares, Nº 2, 2013. Em: <https://journals.openedition.org/midas/210>
- PORTO, F. S. (2008). *O impacto de exposições museológicas na motivação para aprender ciências*. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília.
- Primo, J. (1999). *Pensar contemporaneamente a museologia*. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa. Edições Universitárias Lusófonas, n.16, pp. 5-38. Em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>
- Primo, J. (2006) – *A importância dos Museus locais em Portugal*. Cadernos de Sociomuseologia, 25 (1), ULHT, Lisboa, pp.41-62.
- Primo, J. (2014). *O social como objeto da museologia*. Cadernos de sociomuseologia, 47, 5-28. doi: <https://doi.org/10.36572/csm.2014.vol.47.01>
- Primo, J., & Soto, M. (2022). *Pelos Caminhos da Museologia e da Educação: sociomuseologia, cidadania e diversidade cultural*. Cadernos de Sociomuseologia, 63(19), 09-20. doi: <https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.01>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manuel de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Ramos, N. (2007). *Sociedades Multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos*. Revista Portuguesa de Pedagogia, nº 41-3, pp.223-244. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade Aberta
- Roque, Maria Isabel Rocha. 1990. *A Comunicação no Museu*. Dissertação de Pós Graduação em Museologia e Património Artístico, Universidade Lusíada de Lisboa. Em: www.academia.edu/4057469/A_comunicacao_no_museu
- Santos, M. (2006). *O museu escolar: Sentido(s) do processo museológico e da prática pedagógica*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa. Em: https://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/maria_santos_1.pdf
- Semedo, A. (2019). *Questões de Autoridade e Educação em Museus*. Em A. G. Magalhães (Org.), Anais do 3º Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia: *o futuro dos museus e os museus do futuro*, (pp. 151-168). Universidade de São Paulo e Museu de Arte Contemporânea.
- Silva, A. M., Morgado, M., Ribeiro, M. A., & Piedade, A. (2016). Entre Iguais e Diferentes: a Mediação Intercultural Atas das I Jornadas da Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural. Em: https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/44219/1/AMS_et-al.2016-atas-resmi.pdf
- Tojal, A. P. F. (2013). *Ação educativa inclusiva e comunicação museológica: mudança de Paradigmas*. In: Cadernos Tramas da Memória, (3). Disponível em: http://arteinclusao.com.br/wpcontent/uploads/2019/01/caderno_tramas_da_memoria.pdf
- Triviños, A. N. S. (2009). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. Outros números do Informe Rural ETENE: ANO, 3, 25.
- UNESCO (2007). *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Brasil.
- Tolentino, A (2016). *Museologia social: apontamentos históricos e conceituais*. In *Cadernos de Sociomuseologia*. Portugal: ULHT, v. 52, n. 8, pp. 22-44. Acesso em 06 dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5499>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos* (5ª Ed.). São Paulo: Editora Bookman.

ANEXOS

Anexo I - Guião de entrevista à Coordenadora do Serviço Educativo

Guião de entrevista à Coordenadora do Serviço Educativo do MAR (Museu Agrícola de Riachos)

Informação Pessoal

1 - Qual a formação académica

2 – Coordenadora do Serviço Educativo do Museu Agrícola de Riachos

3 – Desde quando exerce o cargo de Coordenadora do Museu?

Estrutura do Serviço Educativo

4 – A equipa do Serviço Educativa é composta por quantos elementos?

5 – Quantas pessoas integram a equipa?

6 – Fazem reuniões com frequência?

7 – Qual a frequência no planeamento das atividades? Mensal/Semestral/Anual

Organização do Serviço Educativo

8 - A equipa do Serviço Educativo estabelece alguma parceria com a Escola, nomeadamente, na preparação de atividades incluídas nas visitas de estudo?

9 - Existem estudos que refletem o facto de que nem sempre os discursos dos museus vão ao encontro dos programas e objetivos curriculares das escolas, concorda?

10 - Por outro lado, também se verifica que as atitudes das escolas nem sempre são consentâneas com os objetivos dos programas educativos dos museus, na sua opinião, é possível conciliar estratégias comunicacionais para conciliar ambos os objetivos?

11 - Quando o Professor/Escola solicita a visita e a(s) atividade(s) supostamente relacionada com o currículo escolar e vendo-a como uma extensão da aula, o que choca com a autoridade do museu, considera que os professores e alunos se veem refletidos no discurso expositivo?

12 – Quais os meios de divulgação utilizados pelo Serviço Educativo do Museu para a transmissão das vossas atividades pelos vários públicos, inclui, e-mail, newsletter mensal, Facebook e WhatsApp?

13 – Considere que esses meios são eficazes, nomeadamente para o público escolar?

14 – Qual a importância da educação de acordo com a missão do Museu?

15 – Do ponto de vista pedagógico, quais são os princípios orientadores?

16 – O que mais valoriza na comunicação entre a apropriação do património e o público escolar culturalmente diversificado?

17 – Quais as atividades que registam mais sucesso com público escolar?

18 – No contexto museológico, qual a importância atribuída à inclusão e integração social?

19 – Que tipo de estratégias adotam?

20 – Quais os objetivos, ou metas que pretendem alcançar para a formação e inclusão dos públicos escolares culturalmente diversificados?

21 – Que tipo de abordagem faz o Museu à diversidade cultural?

22 – O que sucede numa visita escolar ao Museu, é promovido o diálogo intercultural com os diferentes públicos?

**Anexo II - Declaração de Consentimento: Entrevista à Coordenadora do
Serviço Educativo**

Declaração de Consentimento informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais a decorrer na Universidade Aberta e, sob a minha responsabilidade de mestrando, está a ser realizado o estudo que visa examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diferenciados.

Solicitamos a sua colaboração para a realização de uma entrevista semiestruturada, do mesmo modo, pedimos que a mesma seja gravada e, posteriormente, proceder a uma integral transcrição dos dados. Como se trata de um estudo académico, assumimos a inteira responsabilidade da recolha destes dados, a serem utilizados exclusivamente para fins de investigação. Após as transcrições das entrevistas, asseguramos a destruição dos registos das gravações e a anonimização da sua participação.

Acautelamos todos os cuidados éticos e de confidencialidade, privacidade e o anonimato da sua identidade. Recordando os objetivos que norteiam este estudo, o mesmo não oferece qualquer risco acrescido para os participantes, e que, a sua participação é completamente voluntária, podendo desistir a qualquer momento e sem nenhuma repercussão.

Agradeço a sua disponibilidade e colaboração.

Manuel Henriques

(Estudante nº 1800729)

A preencher pelo(a) participante

Eu, _____,
declaro que li e compreendi a proposta, e que aceito participar na investigação que o estudante pretende realizar e consinto a gravação em registo áudio da entrevista.

Anexo III - Guião de entrevista às Professoras do 1º CEB

Guião de entrevistas às Professoras do 1º CEB do CER (Centro Escolar de Riachos)

Informação pessoal

1 – Formação Académica:

2 – Licenciatura –

3- Formação específica –

4 – Tempo de serviço -

O Discurso Museológico

5 – Acha importante que os educadores dos museus estejam habilitados com formação superior?

6 – Considera que será útil para a inclusão dos públicos escolares do 1º CEB, que os educadores museológicos tenham formação pedagógica?

7 – Considera que o discurso do Museu produzido durante a visita, de algum modo, está enquadrado com os programas curriculares?

8 – Considera útil para os alunos, a apropriação deste património cultural, para a formação e inclusão social?

As visitas de estudo

9 – Qual o nível de ensino que leciona?

10 – No âmbito da visita de estudo ao Museu, quais são as atividades que considera mais importante para os seus alunos?

11 - Várias pesquisas reconhecem que as visitas de estudo são uma atividade do agrado da maioria dos alunos e realçam a sua importância na facilitação da aprendizagem, concorda?

12 – Após a visita de estudo ao Museu, concorda que possa haver alguma mudança no desempenho/comportamento dos alunos nas aulas em resultado dos conteúdos abordados nas atividades?

13 – Após a visita e já na sala de aula, é discutida de forma colaborativa a visita ao Museu?

14 – Na sua opinião, nas atividades oferecidas pelo Museu, o que mais despertou o interesse dos alunos?

15 – Que tipo de ensino elege para as suas práticas?

16 - Acha que choca com a aprendizagem não formal do Museu?

Preparar a visita

17 – Como é feita a preparação dos alunos para visitar este espaço museológico?

18 - A opção por estas atividades fora da sala de aula, implica a definição de objetivos pedagógicos a serem cumpridos durante a visita ao Museu?

19 - Para melhor aproveitamento da visita de estudo é exigido a utilização de atividades de aprendizagem cuidadosamente estruturadas, com estreita ligação ao currículo escolar, acha que a ideia é exequível no espaço museológico?

20 – Na sua opinião, qual a atividade que resultou melhor com a sua turma?

21 – Após a visita, é feita alguma avaliação da atividade realizada no Museu?

22 - O museu assume-se como um lugar de aprendizagem e apresenta um discurso hegemónico, o que não permite a criação de políticas pedagógicas adequadas à realidade escolar, concorda?

23 – Na qualidade de Professora acompanhante nesta visita de estudo, considera que a sua intervenção tem contribuído para a(s) aprendizagem(s) dos alunos?

24 – No âmbito da visita de estudo e no quadro da(s) sua(s) intervenção(s), o que a deixa mais satisfeita?

25 – Tendo em conta a sua experiência profissional, concorda que as visitas de estudo têm uma grande relevância nas aprendizagens dos alunos?

**Anexo IV - Declaração de Consentimento: Entrevistas às Professoras do
1º CEB**

Declaração de Consentimento informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais a decorrer na Universidade Aberta e, sob a minha responsabilidade de mestrando, está a ser realizado o estudo que visa examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diferenciados.

Solicitamos a sua colaboração para a realização de uma entrevista semiestruturada, do mesmo modo, pedimos que a mesma seja gravada e, posteriormente, proceder a uma integral transcrição dos dados. Como se trata de um estudo académico, assumimos a inteira responsabilidade da recolha destes dados, a serem utilizados exclusivamente para fins de investigação. Após as transcrições das entrevistas, asseguramos a destruição dos registos das gravações e a anonimização da sua participação.

Acautelamos todos os cuidados éticos e de confidencialidade, privacidade e o anonimato da sua identidade. Recordando os objetivos que norteiam este estudo, o mesmo não oferece qualquer risco acrescido para os participantes, e que, a sua participação é completamente voluntária, podendo desistir a qualquer momento e sem nenhuma repercussão.

Agradeço a sua disponibilidade e colaboração.

Manuel Henriques

(Estudante nº 1800729)

A preencher pelo(a) participante

Eu, _____,
declaro que li e compreendi a proposta, e que aceito participar na investigação que o estudante pretende realizar e consinto a gravação em registo áudio da entrevista.

Anexo V - Questionário aos alunos dos 3º e 4º anos do 1ºCEB na visita de estudo ao Museu Agrícola de Riachos

Questionário aos alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB do Centro Escolar de Riachos na visita de estudo ao Museu Agrícola de Riachos

Por favor, assinala com X a opção com a qual concordas mais:

A – Concordo Totalmente

B - Concordo parcialmente

C – Não concordo nem discordo

D – Discordo parcialmente

E – Discordo totalmente

	Afirmações	A	B	C	D	E
1	Com esta visita ao Museu, aprendi mais sobre o local onde vivo.					
2	A visita ao Museu ajuda a compreender melhor os outros, mesmo quando falam diferente de nós.					
3	Compreendi as informações dadas sobre os modos de vida rural, tradições, usos e costumes do local onde vivo.					
4	É muito bom realizar mais atividades como esta no Museu, convivemos, podemos dar a nossa opinião e aprendemos a importância de guardar o património.					
5	A visita ao Museu para mim, significa conhecer o passado e ter memória para recordar o que os trabalhadores faziam no campo.					
6	Compreendi as informações sobre os objetos expostos no Museu e a sua utilidade nas tarefas agrícolas.					
	Afirmações	A	B	C	D	E
7	Com o que aprendi na visita ao Museu, desejo saber mais sobre a vida dos agricultores, é importante sabermos quem foi este povo, como viveu e como era a sua cultura.					
8	Depois de realizada a visita, refleti sobre tudo o que se discutiu em grupo, percebi que cada um tem a sua opinião e diferentes pontos de vista.					
9	Depois da visita, acho que estou mais preparado para aceitar quem pensa diferente de mim.					

10	Hoje aprendi o que é questionar e interrogar, sobre o que significa ser discriminado e não ser excluído.					

Obrigado pela tua colaboração!

Manuel Henriques

**Anexo VI - Declaração de Consentimento: Questionário aos alunos dos 3º
e 4º anos do 1º CEB do Centro Escolar de Riachos**

Declaração de Consentimento informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais a decorrer na Universidade Aberta e, sob a minha responsabilidade de mestrando, está a ser realizado o estudo que visa examinar os contributos do Museu Agrícola de Riachos para a formação e inclusão de públicos escolares culturalmente diferenciados.

Para a realização do presente projeto de investigação, é necessário a recolha de dados através de um questionário. A análise destes dados vai permitir uma melhor compreensão das novas dinâmicas de integração da diversidade social e cultural, para que se possa, no futuro, ajudar de modo mais eficiente os públicos escolares heterogéneos.

Os questionários são anónimos e os dados recolhidos no âmbito da visita de estudo ao Museu Agrícola de Riachos, realizadas pelas turmas do 3ºRF, 3ºRG e 4ºRI do 1ºCEB do CER, serão utilizados de forma absolutamente confidencial. Os documentos produzidos na totalidade não contêm informação passível de qualquer tipo de identificação dos participantes.

Agradeço a disponibilidade e colaboração

Manuel Henriques

(Estudante nº 1800729)

A preencher pelo/(a) responsável

Eu, _____,
Professora responsável pela turma do 3ºRF do 1ºCEB do Centro Escolar de Riachos, autorizo a realização deste questionário no âmbito da visita de estudo realizada no Museu Agrícola de Riachos.

A preencher pelo/(a) responsável

Eu, _____,
Professora responsável pela turma do 3ºRG do 1ºCEB do Centro Escolar de Riachos, autorizo a realização deste questionário no âmbito da visita de estudo realizada no Museu Agrícola de Riachos.

A preencher pelo/(a) responsável

Eu, _____,
Professora responsável pela turma do 4ºRI do 1ºCEB do Centro Escolar de Riachos, autorizo a realização deste questionário no âmbito da visita de estudo realizada no Museu Agrícola de Riachos.